

## "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

Faculdade de Ciências e Letras Campus de Araraquara - SP

### TATIANE DA SILVA

# ESTUDO SEMIÓTICO DE EDITORIAIS DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA



ARARAQUARA 2019

### TATIANE DA SILVA

# ESTUDO SEMIÓTICO DE EDITORIAIS DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara para futura obtenção do título de Mestra em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de Pesquisa:** Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

**Bolsa:** CAPES.

ARARAQUARA

Silva, Tatiane da

ESTUDO SEMIÓTICO DE EDITORIAIS DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA / Tatiane Silva — 2019 105 f.

Dissertação (Mestrado em Linguistica e Lingua Portuguesa) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita

Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Jean Cristtus Portela 1.

Semiótica discursiva. 2. Texto editorial. I. Título.

#### TATIANE DA SILVA

## ESTUDO SEMIÓTICO DE EDITORIAIS DA PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara para futura obtenção do título de Mestra em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de Pesquisa:** Estrutura, Organização e Funcionamento Discursivos e Textuais.

Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela.

Bolsa: CAPES.

Data da defesa: 26/07/2019

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

\_\_\_\_\_

#### Presidente e Orientador: Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

### Membro Titular: Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno

Universidade de Franca (UNIFRAN)

### Membro Titular: Prof. Dr. Matheus Nogueira Schwartzmann

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP)

**Local**: Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras **UNESP – Campus de Araraquara** 

### Agradecimentos

Ao meu orientador Jean Cristtus Portela pela amizade, contribuição intelectual e preciosas correções;

À professora Rosane de Andrade Berlinck e ao professor João Batista Toledo Prado, meus primeiros orientadores no curso de Letras que me encaminharam tão bem;

Aos meus familiares e amigos que nunca deixaram de me apoiar.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001. Resumo

A presente pesquisa tem por objetivo avaliar o padrão dos editoriais do século XIX em

um contexto semiótico. Seu surgimento, suas semelhanças e diferenças com o editorial atual, e

seu papel dentro daquele contexto político e social como formador de opinião e representante

de um público, descrevendo e definindo esse público representado. A análise orientou-se

especificamente para o estudo da enunciação, da veridicção e das características do gênero

apresentadas no texto editorial do período republicano. Como resultado, observamos que o

gênero surgiu em um contexto de diversidade de gêneros jornalístico de difícil identificação,

manteve-se formalmente em linhas gerais até os dias de hoje como texto não assinado que

expressa uma posição institucional e utiliza suas estratégias de persuasão e convencimento de

acordo com sua própria posição diante dos fatos, em sintonia com a posição de seu enunciatário,

sem colocar em evidência procedimentos de explicitação da informação.

Palavras-chave: Semiótica discursiva, editorial, gênero, enunciação.

**Abstract** 

The present research aims to evaluate the pattern of nineteenth century editorials in a semiotical

context. Its emergence, its similarities and differences with the current editorial, and its role

within that political and social context as opinion maker and representative of an audience,

describing and defining this audience represented. The analysis focused specifically on the

study of enunciation, veridiction and gender characteristics presented in the editorial text of the

brazilian republican period. As a result, we have found that the genre emerged in a context of

journalistic genre diversity that was difficult to identify, has been formally maintained until the

present days as an unsigned text that expresses an institutional position and uses its strategies

of persuasion according to its own position in front of the facts lined up with the position of its

enunciate without putting in evidence procedures of information explicitation.

**Key-words:** Semiotics of discourse, editorial, genre, enunciation.

# SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – O GÊNERO EM SEMIÓTICA E O TEXTO DO EDITORIAL	15
1.1 Sobre o gênero em semiótica	15
1.2 O gênero editorial	22
CAPÍTULO 2 – BASES DA SEMIÓTICA	28
2.1 A construção da semiótica e sua utilização	28
2.2 Enunciação e veridicção no editorial	32
2.3 A noção de veridicção e o contrato de verdade	34
FOTO 1 – Modelo de veridicção	35
CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS EDITORIAS DA REPÚBLICA	37
3.1 – A Província de São Paulo	38
A Proclamação e República Brazileira	38
3.2 - "O Fluminense"	43
Crônica – Do alto a baixo	47
3.3 - Diário pernambucano Revolução	51
3.4 - A federação A solução da crise	54
3.5 - A reação	57

3.7	- Breve olhar de conjunto	63
CO	NSIDERAÇÕES FINAIS	68
BIB	BLIOGRAFIA	71
ANI	EXOS	74
6.1	- Proclamação	75
6.2	- REPUBLICA BRAZILEIRA	77
6.3	- O Fluminense – O governo	81
6.4	- Cronica – De Alto a baixo	84
6.5	- Revolução – Diario Pernambucano	89
6.6	- República e Republicanos – A Reacção	93
6.7	- A solução da Crise	98
6.8	- Nova Phase	102
6.9	- A República	103

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar semioticamente a construção do editorial por meio de uma estrutura textual e de um discurso típico e analisar os editoriais da proclamação da República. Primeiramente, analisaremos a posição do editorial dentro da definição de gênero e sua constituição como um gênero independente, assim como suas diferenças e semelhanças comoutros gêneros. Será utilizada para análise a semiótica francesa, proposta por Greimas e seus colaboradores e as ideias de M. Bakhtin sobre análise do discurso.

Serão analisadas também as estratégias de convencimento, assim como o contrato de veridicção que os enunciadores buscam estabelecer com seus enunciatários e leitores empíricos. Para as análises serão utilizados textos editoriais de alguns jornais brasileiros com a finalidade de compreender o surgimento e a evolução do editorial como um gênero midiático, assim como as condições de prática deste tipo de texto. Além disso, analisar o papel do editorial como formador de opinião e representante de um público, descrevendo e definindo esse público representado.

É importante destacar que os documentos utilizados foram retirados do acervo da Biblioteca Nacional Digital. Ou seja, foi analisado o material que está disponível. Pode ter havido, e com certeza houve, outros periódicos e textos da época que se perderam. Foram escolhidos textos de 6 jornais diferentes, tentando incluir províncias das diferentes regiões do Brasil. O primeiro jornal escolhido foi *O Fluminense*, um jornal imperial que começou a circular no Rio de Janeiro em 1878 e circula até hoje sob o mesmo nome. O segundo escolhido foi o jornal *A Província de São Paulo*, que começou a ser impresso em 1875 e circula até os dias de hoje sob a denominação *O Estado de S. Paulo* ou "Estadão". Sua escolha se deve pelo fato de o jornal ter sido o primeiro a circular na província de São Paulo, cobrindo completamente os acontecimentos da Proclamação da República e também pela facilidade de acesso ao acervo.

Outros jornais de outros estados foram selecionados para fim de análise e comparação de como a República proclamada foi noticiada pelo país. Entre eles, *A Reacção*, que circulava no Pará no ano de 1889. *Diário de Pernambuco*, de Pernambuco, que começou a circular em 1825 e circula até hoje. É considerado o jornal que circula há mais tempo na América Latina. *A Federação*, do Rio Grande do Sul, que circulou entre 1884 e 1937. E *A Verdade Política*, de Minas Gerais que circulou entre 1888 e 1889.

Os periódicos contam parte de uma história, sob determinados pontos de vista, que culmina no evento da Proclamação da República. O recorte se deu nesse período pois o material selecionado descreve não só a proclamação, mas também seu contexto. A ideia de proclamar uma República surgiu muito antes da proclamação em si. Em 1870 foi publicado um manifesto chamado "Manifesto Republicano". Esse documento versava sobre a importância da mudança de governo devido às questões sociais e econômicas. No âmbito social dizia-se que a monarquia não se encaixava na cultura americana por ser um modelo europeu de governo. Não fazia nenhum sentido um país americano ter como governante um monarca de uma família real portuguesa. No âmbito econômico justificava-se a monarquia como apoiadora da escravidão e dos altos impostos centralizados para sustentar uma elite à toa, que seria os nobres.

Substituir um governo e construir uma nação, essa era a tarefa que os republicanos tinham de enfrentar. Eles a enfrentaram de maneira diversificada, de acordo com a visão que cada grupo republicano tinha da solução desejada. Esquematicamente podem ser distinguidas três posições. Os produtores rurais, os liberais e os conservadores insatisfeitos (CARVALHO, 1990, p. 24-25)

Dito isso, é importante ressaltar que a Proclamação da República foi um movimento da elite que arquitetava, por diferentes motivos, a queda do Imperador. Parte do movimento buscava de fato uma grande mudança de governo por interesses próprios. Por exemplo, na província de São Paulo, o maior interesse na proclamação seria maior independência nas decisões políticas e consequentemente econômicas. No Rio Grande do Sul, seria a influência do liberalismo econômico, ideias que vinham da Inglaterra e que se instauravam no Brasil.

Além disso, mais que a formação de uma elite instruída e com poder aquisitivo, juntaram-se ao movimento os grandes produtores de café, entre outros. Estes, majoritariamente, estavam insatisfeitos com a grande quantidade de impostos que pagavam à coroa e alguns aderiram ao movimento somente por insatisfação com a monarquia após a abolição da escravidão, no ano anterior (1888).

A insatisfação se agravava no âmbito econômico e também social, pois, com o fim da escravatura, muitos brasileiros, escravos libertos e descendentes ficaram sem ter para onde ir e acabaram se tornando um problema social muito grande, especialmente na capital, o Rio de Janeiro. Além disso, não havia ainda uma mão de obra que pudesse substituir os escravos, o que causou certo prejuízo aos grandes produtores.

A ideia dos republicanos, que se multiplicaram em uma década, era esperar que o Imperador, Dom Pedro II, morresse naturalmente e depois disso o novo sistema seria proposto. D. Pedro II não era mais tão jovem, mas gozava de muito prestígio entre os brasileiros, mesmo aqueles que não defendiam a causa imperial.

O que apressou o movimento foi a péssima condição econômica que o país estava após a guerra do Paraguai. Muito dinheiro foi gasto, o exército brasileiro voltou com muito prestígio e não se sentia suficientemente valorizado. Os protestos militares aumentaram, assim como a censura a esses protestos. O movimento foi tão grande em todo o país que ficou conhecido como "a questão militar". Este termo irá aparecer em quase todos os textos analisados.

Outra questão que fez com que o Império perdesse apoio até mesmo dos mais conservadores e que, até então, estavam ao lado do Imperador foi de natureza religiosa. A partir de 1870, o Imperador decidiu que as ordens do Papa agora passariam por uma avaliação da coroa antes de serem colocadas em prática pela igreja católica no território brasileiro, o que gerou uma grande indisposição. Uma das ordens do Papa (na época Pio IX) foi que todos os maçons deveriam ser expulsos da igreja e a coroa não aprovou essa ordem, o que causou, inclusive, a prisão de alguns bispos infratores. Observa-se que esse episódio dos maçons é descrito na crônica que antecede o editorial do jornal *O Fluminense* sobre a Proclamação.

O conhecimento do contexto histórico da época é fundamental para a análise dos textos, visto que, sem um conhecimento prévio é quase impossível fazer uma ligação entre a crônica e o editorial publicados juntos, considerando que esse acontecimento dos maçons, relacionado a uma desobediência ao Beneplácito Régio foi em 1872, quase 20 anos antes da proclamação da República em si.

Continuando, a escolha do nome que chefiaria o movimento contra o imperador não foi das mais complicadas. Marechal Deodoro da Fonseca era o porta-voz do exército e liderou os soldados na guerra do Paraguai. O marechal contou também com o apoio de Benjamin Constant (um nome que também aparece em todos os periódicos).

Após a República, a construção de uma memória coletiva envolvendo o período republicano incluía mais que um simples feriado nacional. Intensificaram-se os esforços para a construção de uma nova identidade nacional. Para José Murilo de Carvalho em sua obra Formação das Almas: O imaginário da República no Brasil, de 1990, "era preciso uma nova bandeira, novos heróis, novos símbolos".

Foi nessa época, por exemplo, que se começou a construir a imagem de Tiradentes como um herói nacional. Tiradentes e suas aventuras foi muito antes da República, mas os republicanos aproveitaram-se de sua imagem, como aquele que lutou contra a coroa para tornalo um herói nacional, um grande símbolo de resistência. Durante todo o tempo do Império Tiradentes era apenas mais um traidor.

Na época, para que a República se consolidasse era preciso criar na grande massa flutuante um sentimento nacionalista, uma nova imagem do "ser brasileiro". Era necessário a criação de mitos, heróis e símbolos nacionais próprios, que, primeiramente desvinculassem a República do Império e sua simbologia, e que fosse de fácil acepção para que a grande maioria se interessasse e passasse a reproduzir.

Vemos na tabela abaixo uma relação dos textos que compõem o córpus deste trabalho, o periódico em que foram publicados, a região, e sua data de publicação. O recorte foi feito de acordo com a primeira publicação de cada um desses periódicos que versaram sobre o evento da Proclamação da República. É importante ressaltar que esses provavelmente não são os únicos textos que foram publicados na época, mas são os textos preservados até o momento e a que tivemos acesso.

TABELA 1 – Textos utilizados nos periódicos que versaram sobre a Proclamação da República.

Texto	Periódico	Estado	Data da publicação
A Proclamação	A Província de São	São Paulo	16 de novembro de 1889
	Paulo		
Republica	A Província de São	São Paulo	16 de novembro de 1889
Brazileira	Paulo		
De alto a baixo	O Fluminense	Rio de Janeiro	17 de novembro de 1889
República	O Fluminense	Rio de Janeiro	17 de novembro de 1889
Brazileira			
Revolução	Diário Pernambucano	Pernambuco	16 de novembro de 1889
A solução da	A Federação	Rio Grande do	16 de novembro de 1889
crise		Sul	
República e	A Reação	Pará	27 de novembro de 1889
republicanos			
A República	A Verdade Política	Minas Gerais	26 de novembro de 1889

Fonte: Tabela de autoria própria.

A natureza metodológica foi de caráter analítico. Foram analisados documentos de forma a entender como se constrói formalmente e textualmente o texto editorial, as técnicas de enunciação e veridicção utilizadas para a identificação do enunciatário. Serão levadas em conta

todas as nuances discursivas e narrativas utilizadas pelos exemplares analisados, assim como as ausências de termos comparando sua ocorrência entre os exemplares.

Na organização desta dissertação, adotamos a seguinte estrutura: O primeiro capítulo tratará da noção de gênero segundo Bakhitin, o gênero à luz da semiótica, a discussão sobre como definir o gênero editorial, a forma de se definir um gênero e suas fronteiras, a mistura entre os gêneros por estilo e a criação de novos gêneros. Será feita também uma breve descrição do editorial do século XIX e sua relação com o contexto político da época, que também será explanado.

O capítulo 2 tratará das bases da semiótica: o que é a semiótica, como as ideias se desenvolveram a partir do estudo da semiologia idealizada por Saussure, as inspirações de Greimas para a criação do percurso gerativo, as definições e contextualização dos conceitos de enunciação e veridicção e verossimilhança e sua relação com a pesquisa de acordo com o material analisado.

Por fim, no terceiro capítulo apresentaremos as análises dos oito textos que compõem o córpus apoiadas nas definições dos capítulos teóricos. Entre os textos que foram indicados na tabela da introdução temos editoriais, notícias e crônicas. Eles se interligam pela temática e servem como comparativo para definir as propriedades genéricas do editorial. Ao final, será feita uma sistematização dos dados encontrados nas análises.

## CAPÍTULO 1 – O GÊNERO EM SEMIÓTICA E O TEXTO DO EDITORIAL

### 1.1 Sobre o gênero em semiótica

Vamos descrever a noção de gênero primeiramente a partir dos estudos de M. Bakhtin. Em seu ensaio "Os Gêneros do Discurso", ele postula que os gêneros do discurso são fruto da cultura e surgem a partir da interação cultural e da necessidade das pessoas se comunicarem da forma mais adequada nas mais diversas situações do cotidiano. Em seguida estenderemos a ideia para o enquadramento do gênero em semiótica.

Bakhtin estabeleceu critérios para classificar os gêneros e suas funções. São eles: Conteúdo temático, estilo e construção composicional (BAKHTIN, 2003, p. 261-262). O conteúdo temático e o estilo que dizem respeito ao conteúdo do texto, por exemplo ao que vai estar escrito dentro de uma receita para que ela seja de fato uma receita e a construção composicional é a forma do texto, como que uma receita se constrói separando os ingredientes o modo de fazer.

Bakhtin também divide os gêneros em primários e secundários. Os primários seriam os gêneros que surgem a partir das necessidades comunicativas mais básicas e cotidianas e os secundários seriam utilizados para necessidades mais específicas. Por exemplo, o gênero artigo científico seria um gênero secundário, pois seu surgimento se liga a uma função específica, a de comunicar resultados de uma pesquisa em determinada área. Assim como o editorial também é um gênero secundário. As pessoas no dia a dia não fazem artigos científicos, nem teses ou dissertações; elas escrevem bilhetes, e-mails, entre outros.

A caracterização dos gêneros para Bakhtin envolvia, entre outros, conceitos de enunciado ou enunciado concreto, e outros conceitos de interação na comunicação discursiva. Dessa forma, os gêneros seriam uma forma mais ou menos bem estabelecida de interação entre os falantes nas várias situações de comunicação. Ou seja, um bilhete inclui um leitor, que irá ler, receber o recado, acatar, responder ou simplesmente não fazer nada. O que importa é que os recados não são dados sem motivo. A noção de gênero está intimamente ligada à noção de enunciação, portanto. Aquele que escreve se preocupa com quem é o leitor e sua linguagem, ou até mesmo o gênero escolhido para a comunicação, irá depender de quem é esse leitor/enunciatário.

Outra característica importante na caracterização dos gêneros, segundo Bakhtin, seria o meio social em que os enunciadores e enunciatários se encontram. Por exemplo, em uma

comunidade isolada no meio da floresta amazônica provavelmente não se utilizam do gênero artigo científicos até porque esse não é um gênero pertinente às necessidades de comunicação no meio em que vivem. Com certeza utilizam-se de outros gêneros que fazem mais sentido em sua cultura e meio social, segundo o que Bakhtin chama de esfera de atividade.

Do ponto de vista linguístico, não há distinção de valor entre gêneros. Uma determinada comunidade ou grupo de falantes não deve ser menosprezado ou enaltecido pelo uso majoritário de determinado gênero e não de outro. As teses de doutorado não são mais bonitas ou mais importantes que as receitas culinárias. A suposta importância atribuída a determinado gênero se deve também a questões sociais que envolvem seu uso. Teses parecem importantes, são fruto de pesquisa, são desenvolvidas em universidades. Receitas são banais, se faz em casa, normalmente os envolvidos são pessoas comuns.

Como já foi dito, cada gênero possui sua especificidade e é utilizado de acordo com sua função. Logo, não é pertinente falar em gêneros melhores ou piores, mas sim em gêneros mais e menos adequados para uma certa situação. Uma receita de bolo só é reconhecida dessa forma pois possuímos um gênero com forma e conteúdo mais ou menos específicos que permite que aqueles textos com estrutura e conteúdo semelhante se enquadrem no gênero "receita".

Como já dissemos, o gênero editorial é um gênero secundário, híbrido de outros gêneros como o ensaio e a crônica, e que surgiu em um contexto social em que era importante fazer uma crítica de forma que o sujeito da enunciação se coloque em uma posição não identificada. É utilizado em determinado contexto, dentro de um jornal ou revista e possui características que permitem sua classificação. Tais características serão abordadas mais adiante.

Obviamente, após Bakhtin, outros linguistas postularam sobre o gênero das mais diversas formas. Em seu artigo, Regina Souza Gomes (2009 p. 1) explica a complexidade do estudo do gênero textual:

Tais estudos ora se fazem mais normativos, buscando fixar ou pelo menos enumerar determinadas características de gêneros específicos (o que comporta muitas dificuldades, dada a complexidade dos objetos de análise em suas diversas ocorrências), ora buscam compreender como se originam os gêneros (o que também se coloca como um desafio visto que os gêneros não são necessariamente condicionados à escrita e muitas vezes a escassez de material de análise não permite traçar uma data a partir da qual um gênero surgiu). Além disso, é preciso compreender como os gêneros se inserem na vida cultural e histórico-social, a partir de seus usos nas interações comunicativas, tomando-os como processos e acolhendo-os em suas próprias instabilidades.

Primeiramente, é certo que o surgimento e o desuso de certos gêneros estão totalmente ligados ao social e à vida cotidiana; por exemplo, no século XX as pessoas se comunicavam

essencialmente por cartas. Com o avanço da tecnologia temos o surgimento do "e-mail", e com ele surge uma série de questões. Seria o e-mail a versão eletrônica de uma carta? Se considerarmos que o gênero consiste na forma e no conteúdo, ignorando o suporte, pode se dizer que sim.

Por outro lado, a troca de suporte muitas vezes pode comprometer a significação, mesmo que se mantenha o gênero. Abrir o e-mail não é a mesma coisa que receber um envelope que contém na frente o destinatário e atrás o remetente, abrir o envelope, retirar de dentro uma folha, desdobrar de cima para baixo e ler seu conteúdo. Até que ponto o gênero carta está condicionado ao seu suporte? Outra questão pertinente é o contexto de uso. As pessoas enviam e-mails para quem elas outrora enviavam cartas? Com o mesmo conteúdo? No momento em que estamos, é muito mais plausível que a carta convencional venha sendo substituída em grande parte de seu uso pelos aplicativos de mensagens.

Depois, a normatização do gênero é de um lado importante, visto que é preciso haver uma mínima ordem para que um texto se enquadre em um determinado gênero, visto que os gêneros possuem regras. Por outro, a flexibilidade permite a formação de novos gêneros. Por exemplo, um texto editorial é marcado, entre outras coisas, pela falta de assinatura e a impessoalidade, logo, um texto assinado não poderá ser chamado de editorial, por mais que siga todas as outras características.

A questão de que trata Regina Souza Gomes é o estudo da forma como os gêneros se inseriram em sociedade, como surgiu a necessidade de se criar um novo gênero e que essa necessidade provavelmente está atrelada a um fato social (surgimento de nova tecnologia, maior interação entre os povos, maior disponibilidade de alimentos, etc.). Se formos pensar, a necessidade de um texto quase que essencialmente jornalístico só pode surgir a partir do momento em que existe um jornal, ou algo semelhante, mais que isso, um público leitor para esse jornal, de onde vai surgir um enunciatário. Ou seja, é preciso uma certa especificidade, ainda mais considerando o editorial como um gênero adaptado de outros, carregando a opinião do ensaio, a brevidade e parte do humor da crônica.

O estudo da origem do editorial, assim como de qualquer outro gênero apresenta dificuldades importantes, pois estamos falando de épocas em que o registro muitas vezes não existia ou até mesmo se perdeu, tornando difícil a compreensão das práticas sociais que o delimitam. Seria muito difícil determinar quando surgiu o primeiro editorial no Brasil e mesmo se esse documento existisse seria preciso um estudo aprofundado para avaliar se ele é ou não é

um editorial, pois provavelmente o primeiro editorial guardava muito mais características de seus gêneros-base (a crônica e o comentário) do que os do século XIX e os de hoje.

Além disso, discutir a origem dos gêneros seria tão complexo quanto discutir a origem da própria comunicação, seria discutir a origem da piada. Assim, enumerar e descrever gêneros não parece ser uma forma produtiva de se fazer um estudo sobre o assunto, visto que o gênero por si só com suas características não diz muito. O interessante é fazer o confronto entre gêneros e, mais do que isso, estudar o uso social de cada um.

Segundo Marcuschi (2008, p. 156):

Desde que não concebamos os gêneros como modelos estanques, nem como estruturas rígidas, mas como formas culturais e cognitivas de ação social corporificadas de modo particular na linguagem, temos que ver os gêneros como entidades dinâmicas. Mas é claro que os gêneros têm uma identidade e eles são entidades poderosas que, na produção textual, nos condicionam a escolhas que não podem ser totalmente livres nem aleatórias, seja sob o ponto de vista do léxico, grau de formalidade ou natureza dos temas, como bem lembra Bronckart (2001). Os gêneros limitam nossa ação na escrita. Isto faz com que Amy J. Devitt (1997) identifique o gênero como nossa "linguagem estândar", o que por um lado impõe restrições e padronizações, mas por outro lado é um convite a escolhas, estilos, criatividade e variação.

Dessa forma, conseguimos compreender a dificuldade em se classificar os gêneros e estabelecer fronteiras entre eles. Por mais que eles se diferenciem, como diz o próprio Marchuschi, pela formalidade, léxico, temas, entre outros, há grande dificuldade em se estabelecer critérios objetivos na diferenciação de alguns gêneros. Logo, estudos que só se preocupam em normatizar não costumam ter muito sucesso.

Seguindo esse raciocínio, é possível entender a dificuldade em se explicar objetivamente a diferença entre o conto e a crônica, por exemplo. Muitas vezes os dois gêneros se confundem e se fazem passar um pelo outro devido à falta de limites objetivos a serem estabelecidos. Muitas vezes se estipula a curta extensão, a temática cotidiana e o tom humorístico para se definir a crônica, mas, não raras vezes, o conto também se encaixa nessa descrição.

O aspecto social descrito por Bakhtin, Gomes e outros também ajuda a explicar outro fenômeno, que é o da impossibilidade ou a estranheza na criação de gêneros fictícios. Como já dito, o gênero é fruto do uso, da necessidade social, logo qualquer tentativa de algo que está completamente fora do contexto comunicativo, que não mostra serventia ou inibe a interação gera estranheza.

Um grande exemplo desse tipo de texto é a dissertação do ENEM, ou de qualquer outro vestibular. O gênero dissertação de vestibular se mostra como um desafio, pois ele apaga completamente a possibilidade de se haver um enunciatário. Ao cobrar a objetividade e a abordagem de todos os pontos de vista, esse tipo de texto reprime a opinião e faz com que a

argumentação seja completamente genérica. Escrever para o professor não é o mesmo que escrever para o colega de sala. Os argumentos a favor ou contra a bíblia se diferem de acordo com a crença ou descrença do enunciatário. Além disso, ao se apagar o enunciatário perde-se a função interativa e comunicativa do texto, tornando o gênero superficial.

Dentro do texto de opinião, temos uma mistura de gêneros, que deveriam buscar a objetividade, que são os gêneros opinativos do jornal, mas que muitas vezes caem no subjetivo, como podemos ver em um trecho do texto a seguir, e, mais adiante, nas análises dos textos da proclamação.

O texto "Parlamentarismo de ocasião" foi publicado como um editorial no jornal Estado de São Paulo online no dia 13 de março de 2016:

O parlamentarismo é um respeitabilíssimo sistema de governo. Na história recente do Brasil, no entanto, ele tem sido tratado com certa leveza, como se fosse remédio caseiro para crises políticas. O País adotou-o em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros, como solução para permitir que o vice João Goulart, rejeitado pelos militares, assumisse a Presidência sem assumir o poder de fato. A experiência, mero remendo para evitar um conflito armado, durou até 1963, quando um plebiscito restabeleceu o presidencialismo.

Mais tarde, na manufatura da Constituição de 1988, o Estado chegou a ser estruturado conforme o modelo parlamentarista, mas o resultado final foi um regime híbrido, cujo resultado são instituições que nem sempre funcionam a contento. Por fim, em 1993, em um novo plebiscito, realizado em cumprimento das Disposições Transitórias da Constituição de 1988, o eleitorado deu 55,4% dos votos para o presidencialismo, enquanto o parlamentarismo ficou com apenas 24,6%.

Temos aqui um trecho de um texto editorial que narra um fato histórico ocorrido no Brasil. Não há grande opinião sobre esse fato em si no texto como um todo, ele é apenas utilizado para dar um panorama mais abrangente da situação política do Brasil à época e sobre alguns fatores que colaboraram para essa situação. Temos uma narrativa histórica, com dados informativos em meio a um texto subjetivo e opinativo.

É claro que o texto escrito, apesar de ser o mais comum, não é a única forma de expressão dos gêneros. Por exemplo, a já citada piada é um gênero que se dissipa de uma forma muito mais oral do que escrita, inclusive por sua linguagem característica oral, e que muitas vezes perde a graça quando escrita, por trabalhar com trocadilhos, cacofonias e palavras que soam parecidas, mas que quando escritas não geram o mesmo efeito de sentido.

Os periódicos que foram analisados nesta dissertação são mais antigos, mas não fogem a essa regra. Aliás, são muito mais misturados ao noticiário e às crônicas do que os textos modernos.

No caso do editorial, temos um conteúdo temático que é partilhado por diversos outros gêneros, que são acontecimentos do cotidiano. O estilo pode variar de acordo com o enunciador

ou enunciatário, o que veremos mais adiante. Alguns sujeitos da enunciação são mais militantes, outros são mais observadores e distanciados e todas essas características podem ser retiradas do texto. Já a construção composicional vai explicar a forma como o texto se compõe, primeiramente expondo o tema que será comentado e depois dando uma opinião sobre o acontecimento, sempre buscando a objetividade. Ao final, a grande marca, a ausência de uma assinatura que identifique o verdadeiro autor do texto.

Temos também, além dessas, outras formas de descrever os gêneros. Linguistas e semioticistas como Fontanille (2008), Gomes (2009), Portela e Schwartzmann (2008), entre outros, se ocuparam por trazer um novo olhar sobre os gêneros dentro de uma teoria semiótica. Nessa nova perspectiva a classificação dos gêneros ganha novos termos e novos enquadramentos dentro daquilo que é pertinente na semiótica.

As classificações idealizadas por Fontanille (2008) vão dividir os gêneros segundo dois critérios: longos/breves e abertos/fechados. A definição de duração do gênero está relacionada ao andamento da enunciação e ao quanto ela se estende. Em outras palavras, se a história é longa ou curtinha e o que define isso é um cânone pré-estabelecido, já que os conceitos de duração são consideravelmente relativos. Já os conceitos de abertura e fechamento dizem respeito ao recorte do texto dentro do todo. Se a unidade recortada tiver sentido por si só, além de compor sentido dentro do texto, temos um texto aberto. Já se a unidade recortada não tiver sentido por si só e for dependente das outras partes para ter um sentido no texto, temos um texto fechado. Um exemplo de texto aberto são alguns tipos de série, como *House* ou *Eu, a Patroa e as Crianças*, em que cada episódio tem sentido por si só, mas compõem parte de uma história maior. Já o texto fechado seria um poema, em que é preciso o todo para que se tenha sentido, a fragmentação dos versos não tem sentido próprio.

Ainda segundo Fontanille, a partir desses dois critérios primários, temos a interação entre eles, que cria outros critérios, ainda mais precisos, de classificação semiótica do gênero. Temos a recursividade, a fragmentação, o desdobramento e a concentração.

A recursividade seria a junção de um texto longo e aberto, que é bem representado pelas séries mesmo, que duram anos seguindo o mesmo modelo decapítulos independentes, mas que compõem a significação de uma história de longa duração. O desdobramento seria a junção do texto longo e fechado. Um grande representante seria o romance policial, que, em geral, gira em torno de um crime, que acontece no começo da história e que se for recortado do todo retira a significação da sequência, pois não há investigação sem crime. A fragmentação seria a junção do texto breve e aberto. Como por exemplo a carta, que é um texto curto, possui significação

própria, mas também, em sequência, pode compor uma memória. E por último a concentração é o texto breve e fechado, como por exemplo o soneto, que é curto e não pode ser fragmentado. Sua significação só se dá na presença do todo.

Segundo esses critérios, o gênero editorial se apresenta como uma concentração, um texto breve e fechado. É importante destacar que textos editoriais possuem significação por si só, apesar de serem textos correlativos. A correlação faz com que a significação venha atrelada a um outro texto, seja ele uma notícia, um evento, ou até mesmo outro editorial. Mas ele possui significado próprio, visto que, em geral, traz em sua composição pelo menos parte do fato que será comentado.

Outra característica relacionada à descrição do gênero em semiótica é a relação entre a modalização dentro do texto e os atos de linguagem que vão se relacionar a essa modalização. Isso vale para qualquer tipo de gênero, mas será exemplificado aqui no âmbito editorial. Essas modalidades, segundo Fontanille, se separam em "crenças", "motivações", "aptidões" e "efetuações". Dentro da crença temos o assumir e o aderir, das motivações o querer e o dever, das aptidões o saber e o poder e das efetuações o ser e o fazer.

Essas modalidades se relacionam à forma como se dará o discurso. A crença estimulará o discurso persuasivo, a motivação o discurso incitativo, a aptidão o discurso de habilitação e a efetuação o discurso de realização. Dessa forma cada tipo de texto terá um discurso dependendo da modalidade a qual sua função mais se assemelha e por isso dentro da descrição semiótica o editorial também é um gênero híbrido, pois ele irá permear por todas essas relações.

Nos textos analisados veremos que tais características se manifestam nos sujeitos, umas mais em alguns e menos em outros, também dependendo de sua posição em relação ao fato enunciado e ao enunciatário. A ideia de discurso meramente persuasivo que se tem hoje do editorial não abrange amplamente o que realmente é o texto editorial e quais são suas funções. Dentro da Proclamação da República, tivemos vários pontos de vista em relação ao novo regime, o que fez surgir diferentes tipos de discurso dentro de um mesmo gênero. O editorial como uma forma de emitir opinião buscando a maior empatia possível do enunciatário, fala de acordo com o que pensa da situação para enunciatários que querem ouvir, pois também compartilha essa forma de pensamento. Assim termos os discursos de habilitação muito relacionados ao saber que vai fazer parte dos periódicos mais comedidos, e temos o discurso incitativo e de realização nos periódicos mais militantes, tanto republicanos quanto imperiais.

### 1.2 O gênero editorial

Como já dito, a definição do que é um gênero passa pela descrição de suas características, suas semelhanças com outros gêneros, suas diferenças e também sua pertinência. O editorial surge como um gênero opinativo dentro do texto midiático. Sabemos que dentro de um jornal há diversos tipos de textos, e isso não é de hoje. Nos periódicos de poucas páginas do século XIX também podia-se observar uma variedade de textos que se dividiam a princípio em opinativos e informativos.

Dentro do campo dos informativos tínhamos os comunicados oficiais, publicações de leis e publicações de entretenimento como festas, teatros, entre outros. Além disso havia publicações inusitadas como horários de barcos que chegavam e saíam do país, assim como notícias sobre eventuais guerras ou desentendimentos políticos em outros países.

Já na parte opinativa entravam as críticas de eventos como musicais, as crônicas e também os editoriais. Tanto as críticas como as crônicas nunca tentaram parecer subjetivas. Todas elas têm um autor, que mesmo quando não assina se coloca explicitamente dentro do texto. São discursos geralmente em primeira pessoa e recheados de subjetividade. Já o editorial é um tipo de texto de opinião diferente, em que o autor do texto tenta se afastar de forma que, além de não assinar o texto, não se coloca dentro dele. São escritos geralmente em terceira pessoa e tentam parecer objetivos. É um texto subjetivo tentando parecer objetivo. A construção de verdade no editorial parte do princípio de que o enunciador está apenas narrando um fato e externando a opinião coletiva e razoável da publicação a seu respeito, e não que ele está emitindo uma opinião pessoal sobre um acontecido.

A partir das ideias de José Marques de Melo, em sua obra *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro (2003)*, podemos estabelecer as seguintes características de um gênero midiático, entre eles, o editorial.

- a) uma "identidade coletiva", capaz de ser reconhecida tanto pelos produtores quanto pelos consumidores;
- b) a relação dessa identidade com a sua função explícita (informação, entretenimento ou correlata), compatibilizando forma e conteúdo;
- c) a permanência dessa identidade através dos tempos, atendo-se a parâmetros consensuais, destinados a preservar padrões culturais;
- d) uma estrutura narrativa ou um ordenamento sequencial previsível, moldada (o) por estereótipos, mas comportando um "repertório de variantes dos temas básicos".

Tais características se moldam de acordo com as funções que serão cumpridas pelo veículo e sua forma de transmissão. Por exemplo, um jornal que assume uma determinada posição política ou até mesmo religiosa irá se caracterizar de forma diferente de um outro jornal que se coloca em uma posição neutra e laica. Um jornal de humor irá construir uma identidade icônica humorística, irá utilizar de linguagem satírica, ao contrário de um jornal meramente informativo. É importante lembrar que, nos dias de hoje, dentro de um mesmo periódico pode- se observar diversas dessas características.

Para além das características, como já dito temos o periódico moldado por sua função. Temos também as principais funções midiáticas estabelecidas pelos arautos dessa corrente – Harold Lasswell, Paul Lazarsfeld, Robert Merton, Charles Wright etc. que foram resumidas da seguinte maneira por McQuail (2003, p.82): "informação, correlação, continuidade, entretenimento".

- Informação: a mídia provê dados sobre acontecimentos e situações; indica relações de poder; facilita inovação, adaptação e progresso; Esse indicativo divulgado pela mídia é muitas vezes utilizado como parâmetro social e base para a relação de poder que as instituições exercem sobre a população ou até mesmo entre elas;
- Correlação: interpreta significados; socializa valores; sugere consenso; prioriza rumos; É sem dúvida a função crítica da mídia, em que teoricamente ela se manifesta em relação a algum assunto em voga e se posiciona contra ou a favor de alguma lei, acontecimento, atitude de autoridade. É uma função que coloca a imprensa de modo geral em uma posição de ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que é interessante manter-se acima do bem do mal, também é preciso opinar. E como já é sabido, não há opinião que agrade a todos;

Essa será uma das principais funções manifestas nos editoriais da proclamação da República. Todos os periódicos analisados vão fazer seus comentários e dar suas opiniões em relação ao evento. As opiniões variam de acordo com a posição política assumida por cada periódico, mas sempre transmitidas como se fossem únicas e verdadeiras.

Aqueles que são a favor da continuidade do Império vão criticar, desumanizar e enfatizar a violência promovida pelo exército. O fato mais evidenciado por estes será o incidente com o barão de Ladário, que teria resistido ao exército e sido ferido. Os que são a favor da República vão exaltar o exército, o novo regime, enfatizar a paz em que a República foi proclamada, etc.

• Continuidade: reforça a cultura hegemônica, embora atenta às alternativas da contracultura; fortalece e preserva valores consensuais; Tal função vai depender reciprocamente da característica do jornal, pode ser que um periódico que assuma uma posição radicalmente religiosa manifeste sua continuidade por meio do reforço da cultura hegemônica

da maioria e do natural, ou seja, propagando valores que muitas vezes deixam parte da população numa posição de exclusão, por exemplo aqueles que defendem a família tradicional ou atacam a diversidade sexual e de gênero;

• Entretenimento: provém distração, diversão e relaxamento; reduz as tensões sociais; mobilização: respalda ações coletivas, embasadas nas decisões de cidadania (participação política, religiosa, cultural) ou de consumo (bens e serviços, marcas e símbolos). A noção de entretenimento é muito ampla e vai muito de acordo com a disponibilidade cultural e também com a época. É válido lembrar que no século XVIII, com a chegada da Família Real portuguesa ao Brasil, uma das principais formas de entretenimento publicadas pelos jornais da época eram folhetins de fofoca sobre os nobres e membros da família real.

Para Marques de Melo (2003) "o editorial do jornal hodierno tem emergido como uma forma jornalística peculiar. Seu primo literário mais próximo seria o ensaio. Mas o editorial difere do ensaio em sua brevidade". Se considerarmos os editoriais do século XIX é possível encontrar características ainda mais parecidas com as do ensaio, visto que os antigos editoriais não apresentavam a mesma brevidade que os recentes.

Isso se deve por diversos motivos, que incluem o período histórico, limitações tecnológicas e questões culturais que moldaram a prática de escrita do editorial da época. É importante considerar que no século XIX a produção e difusão da informação era muito mais lenta, pois dependia quase que exclusivamente de exemplares impressos, distribuídos manualmente. Não era viável na época produzir um exemplar de trinta páginas todos os dias para noticiar acontecimentos. Dessa forma a melhor prática era de fato publicar com menos frequência, e quando publicar fornecer o máximo de informação possível.

No século XXI, além do advento da internet, métodos de produção e distribuição mais eficientes, a população tem intrinsecamente a sede por novidades a todo momento. Isso explica porque no jornal impresso do *Estadão*, ou da *Folha de S. Paulo* temos dois ou três editoriais todos os dias ocupando a página dois, ao passo que no jornal online é possível encontrar um número ainda maior pela dinâmica das páginas online.

A brevidade citada acima também se deve a esse momento da informação a todo e qualquer momento. Textos muito extensos tendem a ser menos lidos pelo homem moderno que busca sempre uma informação rápida e, de preferência, mastigada. Um texto com mais de cinco páginas dificilmente seria acessado, lido ou comentado. Dessa forma uma característica moderna do editorial é a fragmentação da informação. Produz-se diariamente diversos textos curtos que tratam do mesmo tema.

O editorial, segundo Luiz Beltrão apud Marques e Melo (1976), seria composto por: Impessoalidade, topicidade, condensalidade e plasticidade.

Impessoalidade, que na semiótica se definiria como um enunciador "livre" de marcas de subjetividade (falta de assinatura ou de forma mais ampla, falta de marcas de pessoalidade, como por exemplo o uso da primeira pessoa na voz do enunciador; é claro que é alguém que está escrevendo e o que o texto editorial, assim como qualquer outro texto, é de cunho pessoal, mas a ausência da primeira pessoa no texto marca impessoalidade).

Topicalidade: é a característica de emitir uma opinião a partir de um recorte, de determinado ponto de vista e perspectiva. Há poucas ocorrências de confronto de ideias ou comparações, (trata de um assunto específico. O editorial que fala sobre o decreto do Presidente Temer que revoga um decreto do Imperador que permitia que advogados fossem chamados de doutores é algo muito específico. Uma nova lei, um decreto, alguma atitude inusitada, questões pontuais costumam ser alvo de análise editorial).

Condensalidade, que seria também uma característica enunciativa em e que colabora para a objetividade do enunciador (mais ênfase nas afirmações que nas demonstrações, o editorial por se caracterizar como um texto curto, não costuma exibir inúmeras provas de tudo aquilo que afirma).

E plasticidade, um enunciado moldável (flexível e não dogmático. Esse quesito é também relativo, pois reforçar dogmas pode ser uma característica típica dos periódicos, principalmente os que se assumem de um lado político ou religioso, mas para Beltrão o texto jornalístico de opinião pode ser flexível dependendo de interesses).

A definição de Beltrão mostra-se efetiva quando aplicada a alguns editoriais, de algumas instituições específicas e em períodos históricos específicos. Mas, quando tratamos de um estudo diacrônico, essa definição mostra-se deficiente em alguns aspectos, principalmente no que tange à plasticidade e à impessoalidade. O editorial pode se mostrar flexível, até por razões financeiras; e também dogmático, por razões ideológicas. Além disso, a noção de impessoalidade adotada por Beltrão diz respeito à assinatura do texto, mas se sabe que há outras formas dentro do texto de se apresentar pessoalidade.

No momento não há uma teoria do editorial que consiga abranger todos os textos editoriais da história do Brasil, até porque o gênero apresenta uma diversidade considerável ao longo do tempo e das instituições, de acordo com seu nível de formadoras de opinião.

#### 1.3 - O editorial do final do século XIX

As características do editorial do século XIX estão ligadas a uma prática de escrita. As poucas páginas se devem à dificuldade de impressão e distribuição dos exemplares, visto que as impressões eram caras, o transporte era mais limitado e não havia nada parecido com a internet que permitisse a difusão em massa dos conteúdos.

Outro fator que impedia a difusão e a leitura em massa dos periódicos era o fato de que naquela época grande parte da população brasileira era analfabeta. Os periódicos eram restritos a uma elite que sabia ler e tinha o mínimo de recurso para adquirir exemplares, que eram impressos entre três e cinco dias na semana. Devido às condições já explicadas, pouquíssimos periódicos entregavam exemplares todos os dias.

Ainda é preciso considerar que os que tinham acesso a recursos, podiam pagar professores ou frequentavam as poucas escolas eram geralmente ligados à nobreza, ou seja, ao império. Os burgueses, assim como os agricultores, ainda que tivessem em grande ascensão e tivessem muito dinheiro, não costumavam ter estudo. Isso explica o fato de os primeiros periódicos a circularem no século XIX eram imperiais. Não necessariamente fomentados pelo Imperador ou pela família real, mas tratavam sempre de curiosidades, informações, utilidades (e inutilidades) imperiais. Se o público que sabe ler é nobre, é normal que por décadas os jornais sejam feitos para os nobres.

Os primeiros jornais republicanos surgiram justamente com a criação de uma elite republicana. Um grupo pequeno, disperso e que defendia coisas muito diferentes, mas em comum, a queda do Império. Os primeiros periódicos republicanos surgem com a ideia de ajudar a difundir as ideias e aparentar as ideias. É importante notar que os periódicos republicanos são financiados por pessoas muito ricas e que tem uma visão política republicana, o que implicaria democracia, segundo eles.

De qualquer forma, o periódico republicano seguia um perfil parecido com aquele dos imperiais. Tinham poucas páginas, eram impressos algumas vezes na semana e passavam informações com um certo atraso, as vezes de uma semana ou duas, como poderemos ver adiante em alguns dos exemplares analisados. O *layout* do periódico também mudou. Os Imperiais eram organizados em forma de folhetim, eram menores. Os do tempo da República já eram maiores, organizados geralmente em colunas, em todas as páginas, não possuíam imagens.

Não se pode dizer que a mudança de características se deva à mudança ideológica. As mudanças são mais de acordo o efeito do tempo nos meios e modos de produção, visto que os jornais imperiais eram datados de 1820 enquanto os jornais com ideais republicanos começaram a surgir a partir de 1875. São 50 anos para provocar mudança até mesmo na tecnologia de impressão da época. Além disso foi tempo suficiente para surgir uma nova elite, que além de ideias tinha dinheiro para financiar o periódico e fazer valer seus ideais.

### CAPÍTULO 2 – BASES DA SEMIÓTICA

A semiótica é o estudo da significação, a construção do significado por meio darelação entre os signos. Sua principal preocupação é explicitar as condições de apreensão e de produção do sentido. A semiótica não se ocupa somente da linguagem escrita, mas também de outras formas de expressão como a pintura, por exemplo.

### 2.1 A construção da semiótica e sua utilização

A história do surgimento da noção de semiótica passa por diversos estudiosos da língua. Primeiramente é importante dizer que não existe apenas uma semiótica, mas que neste trabalho vamos analisar os editoriais do século XIX de acordo com a semiótica francesa, idealizada por Greimas, a partir de princípios linguísticos estabelecidos por Saussure, Benveniste, Hjelmslev, entre outros.

Se a função da língua é a comunicação, temos primeiramente o estudo de como se estabelece essa relação entre os falantes da língua. A estrutura linguística e seu funcionamento foram sistematizados por Ferdinand de Saussure, que, em seu curso de linguística geral, publicado em 1916, após a sua morte, separou o sistema linguístico em dois. A "langue" e a "parole". Para Saussure, a "langue" é um universo abstrato que contém um sistema que é compartilhado por determinada população; é o que chamamos de língua. Já a "parole" é a forma que cada falante individual acessa e expressa de forma concreta o que chamamos de fala.

Não é verídico dizer que Saussure não dava importância ao campo da fala com suas variações e particularidades. Mas para trabalhar com um sistema e não com casos individuais ele concentrou seus estudos no campo da língua.

Saussure em seus estudos foi pioneiro de uma perspectiva sincrônica da língua. Em uma época dominada por estudos diacrônicos, aonde se fazia majoritariamente análises comparativas entre as línguas, ele fez um recorte temporal para estudar a língua em si, seu e descrever seu funcionamento. Ao desenvolver os conceitos já explicados de langue e parole e a noção de signo e significação, ele foi o responsável pela criação de uma semiologia, que seria uma forma lógica de se estudar a significação.

A partir das ideias de sistematização da língua, temos o surgimento de outros conceitos, como por exemplo significante e significado, também idealizados por Saussure. Tais conceitos foram reaproveitados e modificados pelos linguistas que vieram depois. A partir das ideias de

Saussure, Hjelmslev compôs sua própria teoria sobre a linguagem, trazendo conceitos como forma e substância, tentando sistematizar a linguagem de uma forma mais objetiva.

Entre Hjelmslev e Greimas, o conceito da intencionalidade se uniu perfeitamente às ideias de Benveniste, que também defendia que a comunicação tinha sempre uma função. E baseandose nessas ideias, Greimas desenvolve os conceitos de expressão e conteúdo, em substituição ao significante e significado. Além disso, desenvolve uma nova forma de descrever um processo de comunicação, a partir do que ele chama de percurso gerativo do sentido.

É preciso destacar que esse percurso gerativo do sentido se dá a nível do conteúdo, e não da expressão. Ou seja, ele tem relação com o significado do texto e não com a forma como ele se apresenta, seu suporte ou qualquer outra característica ligada à forma como o texto se mostra no mundo natural. A criação das relações entre os signos em um nível do conteúdo a partir de critérios bem estabelecidos foi mais um passo para tornar o estudo linguístico mais científico, e a partir de seus pressupostos tivemos o surgimento de uma semiótica.

Greimas se baseou nas ideias de Vladmir Propp para concretizar sua concepção de percurso gerativo. Vladimir Propp, em sua obra *Morfologia do conto maravilhoso*, (1970) define funções que se repetem em histórias de contos de fadas. O mocinho, a mocinha, o vilão e até mesmo a sequência de acontecimentos. Um momento inicial de conjunção, uma disjunção e ao final uma nova conjunção. Propp estabelecei 31 funções que descrevem esse processo.

Em seu percurso gerativo de sentido, Greimas tenta explicar não somente o funcionamento e a interação entre os signos, mas também como o texto se constrói para dizer o que ele diz, de acordo de com o "como" ele diz (Barros, 1990). Esse percurso se constrói a partir do nível mais abstrato, que é o fundamental, nível das oposições, até o nível mais concreto, o discursivo, passando pelo narrativo, onde qualificamos objeto valor, modalidades, etc. Ele cria um modelo actancial que descreve as funções e também as interações dentro do texto. Greimas não fez apenas um estudo da semiótica pela semiótica; inspirado em Propp, ele faz estudos aplicados de semiótica ao texto na forma de análises.

Para explicar o que é o percurso gerativo de sentido, recorremos à obra *Teoria semiótica do texto*, de Diana Barros.

As oposições semânticas do nível fundamental são a primeira condição para a narratividade que se desenvolve em um determinado sentido, já que seu princípio fundamental é a transformação. Essa oposição se expressa por um valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico) que vai determinar a linha argumentativa do texto. No nível narrativo, um sujeito assume a narração, simulando a história [...] No nível discursivo, a narrativa é discursivizada, ou seja, enriquecida pelas projeções de pessoa, tempo, espaço e pelo emprego de temas e figuras. (Barros, 1990 p. 13)

Como diz Barros na obra já citada, o percurso parte das oposições simples do nível fundamental, ganha mais complexidade no nível narrativo com algumas categorias como manipulação, competência, performance e sanção. Essas categorias já especificam a ação de um actante, desde o início da narrativa, onde ele é convencido ou levado a fazer determinada ação, depois precisa provar-se capaz de realizá-la, concretizar a ação em si e por fim receber sua recompensa. Ao contrário dos contos de fadas, que geralmente possuem uma sanção positiva, essa sanção pode também ser negativa, pode ser uma punição. Além disso, há vários actantes envolvidos no percurso, cada um com sua linha actancial.

No nível discursivo, conseguirmos ter mais detalhes acerca da narrativa. O tempo em que ocorreu, qual ano foi, se era dia ou noite, o espaço, se era uma casa, um castelo, e também outras informações importantes como ponto de vista e perspectiva. O percurso gerativo também implica modalidades, que são as circunstâncias que movem os actantes a realizar alguma ação. Essas modalidades incluem, entre outras, querer e dever, saber e poder, todas incidindo sobre o ser e o fazer.

Um exemplo dentro de um dos textos editoriais analisados, é a diferença de modalidades. Como os textos são de jornais diferentes com pontos de vista diferentes acerca do evento da proclamação da república, cada sujeito da enunciação vai assumir um papel e seguir uma modalidade. Aqueles mais militantes, para qualquer um dos lados, vai assumir o querer, o poder, modalidades que inflamam o enunciatário. Aqueles que preferem se distanciar e apenas informar o fato vão assumir apenas o saber, mas sem nenhuma modalidade de ação atrelada.

A noção de qual é o sujeito que está contando a história e a partir de qual perspectiva também é de suma importância no trabalho, visto que estamos tratando de textos de opinião que são escritos de acordo com o ponto de vista de um enunciador que está presente no fato ou sabe muito sobre o fato e que vai contar a história não somente de acordo com o que realmente ocorreu, mas vai enfatizar os pontos para aquilo que mais lhe convêm. Prova disso é que em alguns textos é explícito que houve uma grande violência contra os defensores do Império,

ao passo que em outros essa informação não tem a menor relevância, é dada como uma notícia comum e que dispensa maiores comentários.

Os efeitos do ponto de vista, o distanciamento e a aproximação são recursos utilizados para criar uma "verdade", que mais adiante veremos que é ilusória. A questão é que os textos, de modo geral, se distanciam do fato, utilizando-se da terceira pessoa na maior parte do tempo, narrando o fato como um observador e não como um participante. Podemos, no entanto, observar em alguns textos, trechos que mostram a participação do narrador dentro do evento, o que será explicitado nas análises.

Explicado o percurso gerativo, a forma como Greimas o idealizou e sua relação com o presente trabalho, passaremos a outras contribuições da semiótica que foram desenvolvidas posteriormente. Nessa pesquisa, além da análise segundo pressupostos da semiótica greimasiana teremos também pressupostos de uma nova semiótica que envolvem outros conceitos. Uma semiótica que envolve questões sociais, uma prática semiótica, uma forma de vida, dentre outros desenvolvidos após Greimas.

Mais atualmente, semioticistas como E. Landowski e J. Fontanille passaram a defender uma semiótica que parte do texto, mas que também considera o que se passa ao seu entorno. No caso, a visão estruturalista de Saussure e Greimas seria relativizada de uma forma em que se poderia também fazer análises com o que não necessariamente está no texto, mas que está diretamente ligado a ele. Greimas (1974, p. 31) dizia: "Fora do texto não há salvação" e esse novo modelo semiótico vem propor essa salvação.

Isso não significa que essa nova semiótica tratará de "pretextos" em vez do texto em si. Significa que agora, além da análise do conteúdo, nós teríamos também uma análise de como esse conteúdo se coloca na forma de texto, o que podemos chamar de uma semiótica da expressão, que considera, além do percurso gerativo de sentido proposto por Greimas, outros pressupostos de análise.

Essa ideia de um novo percurso gerativo, mas agora da expressão, teria surgido com Fontanille se utilizando de estudos prévios feitos por Landowski e foi desenvolvida em 2008 em sua obra *Pratiques sémiotiques*. Esse percurso gerativo da expressão possui seis níveis de pertinência, que também partem do mais elementar e abstrato para o mais complexo e concreto.

Seguindo essa mesma linha, Portela (2008) explicou os conceitos de cada nível. O primeiro seria o nível dos signos, o segundo do texto enunciado, o terceiro dos objetos, o quarto das práticas, o quinto das estratégias e o sexto das formas de vida.

Partimos de um nível mínimo e abstrato contendo apenas signos, e chegamos ao final

em "uma experiência semiótica dá lugar a uma espécie de sentimento de identidade e de comportamento, graças à regularidade de um conjunto de processos, de procedimentos de acomodação estratégica, sendo, enfim, a própria experiência de um *ethos*" (SCHWARTZMANN, 2009, p. 97).

Essa nova proposta é importante para o trabalho, pois é a partir dela que vamos analisar os editoriais para além do texto, tentando estabelecer uma prática de escrita do editorial, contexto de produção e forma de vida daqueles que discursam sobre a proclamação da República.

Além dos conceitos semióticos já mencionados, é importante na pesquisa descrevermos um conceito que será amplamente utilizado ao longo dos capítulos teóricos e das análises, que é o conceito de texto e sua oposição ao conceito de discurso.

Para Greimas e Courtés, em seu *Dicionário de Semiótica*, o termo texto é bastante discutível, pois é muitas vezes tratado como oposição ao discurso, outras como um sinônimo de discurso e possui uma definição diferente de acordo com cada linguista. O discurso é descrito amplamente em suas várias acepções, mas para a pesquisa o conceito mais importante figura na primeira entrada, que diz, resumidamente, que o discurso é a totalidade dos fatos semióticos situados no eixo sintagmático.

As características de um texto que são recorrentes podem formar uma categoria que vai nortear todos os outros textos que ali vão se encaixar. Por exemplo, não se fala em "texto religioso", porque o texto é material, a questão do religioso se coloca nas ideias que o texto propaga, na escolha do vocabulário, entre outros. O discurso de ódio é um discurso com características que seguem uma ideologia de ódio ou de superioridade em relação a uma religião, etnia, nacionalidade, etc.

Na sequência, falaremos mais especificamente dos conceitos de enunciação e veridicção dentro do contexto do editorial do século XIX.

### 2.2 Enunciação e veridicção no editorial

Segundo o *Dicionário de semiótica*, de Greimas e Courtés (1979, p. 145):

Conforme os pressupostos epistemológicos, implícitos ou explicitados, enunciação se definirá de duas maneiras diferentes: seja como estrutura não-linguística (referencial) que subtende à comunicação lingüística, seja como instância linguística, logicamente pressuposta pela própria existência do enunciado (que dela contém traços e marcas).

Essa é a primeira entrada do termo enunciação no dicionário e ela diz respeito ao fenômeno da enunciação em seu sentido mais elementar. Nessa entrada ainda não temos os pressupostos de enunciação como forma de interação entre sujeitos, a base da comunicação.

É. Benveniste em seu livro *Problemas de linguística geral I*, publicado em 1966, diz que a enunciação teria uma função linguística que envolveria passar alguma mensagem para alguém. Ou seja, as pessoas não falam simplesmente para produzir sons. Elas falam para se comunicar, para pedir alguma coisa, se desculpar, ofender alguém, etc. Logo, o ato de enunciar implica um enunciatário, ou seja, alguém que está lá, não necessariamente pessoalmente para receber esta mensagem. Benveniste postula então que toda enunciação inclui um enunciador, um "eu" objetivo que seria aquele que enuncia em um tempo e espaço, em contraposição a um "tu", que seria um ser subjetivo. Temos também como parte da enunciação o "ele", que seria no caso o assunto, o enunciado.

A ideia de Benveniste consiste na centralização do eu como dominante da linguagem. O sujeito da enunciação seria então o responsável não somente pelo estabelecimento da comunicação, mas implicaria automaticamente um enunciatário que influenciaria no enunciado. Por exemplo, em geral, uma proposta de discussão da bíblia é diferente dependendo se o enunciatário é um religioso ou um ateu.

Em termos semióticos, a enunciação se descreveria por um "eu", "aqui" e "agora", alguém que anuncia em um espaço e em um tempo. Esse sujeito no espaço e tempo se contraporia ao "tu", "alhures" e "então", ou seja, a um outro sujeito, subjetivo, que estaria em um lugar diferente do sujeito em um tempo também diferente. Essas proposições de agente, espaço e tempo seriam motoras da enunciação e suas modalidades.

Nos textos editoriais analisados, por exemplo, nós teremos diferentes sujeitos da enunciação; aqueles que se colocam no espaço da ação e aproximam seu enunciatário desse espaço, ou chamam o enunciatário, que se encontra longe, para esse espaço. E temos os sujeitos que se distanciam do espaço e do tempo do fato enunciado, sempre fazendo referência ao passado glorioso da monarquia, para convencer seu enunciatário a também se afastar desse espaço e tempo presentes que está sendo o advento da república.

Para Fiorin (1996, p. 52), a finalidade última de todo ato de comunicação é persuadir o outro a aceitar o que está sendo comunicado, a crer que o está sendo dito é "verdade". Para isso, o enunciador lança mão de estratégias a fim de que seu enunciatário admita a validade dos sentidos produzidos por seu discurso. Chama-se de *fazer-persuasivo* os esforços por parte do

enunciador e de *fazer-interpretativo* os do enunciatário, como afirmam Greimas e Courtés (1984 p. 487):

Exercido pelo enunciador, o fazer persuasivo só tem uma finalidade: conseguir a adesão do enunciatário, o que está condicionado pelo fazer interpretativo que este exerce, por sua vez: pelo mesmo motivo, a construção do simulacro de verdade, tarefa essencial do enunciador, está igualmente ligada tanto a seu próprio universo axiológico quanto ao do enunciatário e, sobretudo, à representação que o enunciador se faz deste último universo.

Nesta pesquisa, a ideia de que a enunciação tem sempre um fim persuasivo faz muito sentido, ainda mais que estamos tratando de textos de opinião. Se considerarmos isso a fundo, é possível dizer que nem mesmo as partes do jornal que tecnicamente seriam mais objetivas estão livres da intenção de persuadir.

Mesmo nas narrativas em que o sujeito se distancia ao máximo, é difícil afirmar que não há nada de subjetividade ou intenção de convencer e mostrar que aquilo é verdade. A escolha de termos, a ordem dos acontecimentos, e até mesmo o modo como o evento é contado parte de uma escolha individual. A utilização do discurso direto ou do indireto, o relato em primeira pessoa (como um participante) ou em terceira pessoa (como observador) ou ainda na primeira pessoa do plural, já incluindo seu enunciatário como um participante.

### 2.3 A noção de veridicção e o contrato de verdade

Segundo o *Dicionário de semiótica*, "a teoria clássica da comunicação sempre se interessou pela transmissão "correta" das mensagens pela conformidade da mensagem recebida em relação à mensagem emitida, resumindo-se o problema da verdade dessas mensagens ao de sua adequação em relação àquilo que elas não são, ou seja, ao seu "referente" (GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J. 1987)

Isso significa que, por muito tempo, muitos se ocuparam em definir o que seria o conceito de verdade e a forma como ele se manifesta dentro do texto. No entanto, como afirmam Greimas e Courtés, essa noção de verdade é ilusória. Não existe uma verdade única dentro de um texto e essa verdade também não necessariamente está relacionada com a realidade e o mundo dito real.

Quando lemos um conto infantil, ou assistimos a algum desenho na televisão, não ficamos o tempo todo nos questionando o porquê de as personagens estarem voando, ou caírem o tempo todo de grandes alturas sem se machucar. O desenho da corrida maluca é um ótimo

exemplo de como se constrói um possível e verdadeiro dentro de um universo fictício. Naquele ambiente todos os carros participantes da corrida contam com formas diferentes de se movimentar. Alguns funcionam a lenha, outros voam, outros andam normalmente e há inclusive um carro pré-histórico em que seus integrantes é que correm carregando o carro. Ninguém dentro daquele universo se estranha.

As teorias de veridição e verossimilhança alcançam de forma mais ampla a linguística e a literatura. A naturalização do irreal, ou o contrário, a sobrenaturalização do real, também podem ser colocadas no universo linguístico e constituir características de gênero. Por exemplo, a sobrenaturalização do real é muito utilizada no dia a dia nos relatos, quando as pessoas querem contar sobre sua experiência de viagem, ou sobre alguma situação de perigo. A comunicação mais simples e cotidiana consegue abranger as mais finas definições literárias.

No quadrado abaixo temos um modelo de como se constrói a verossimilhança e como essa definição vai além do simples verdadeiro ou falso.

verdade vida parecer ser mentira segredo nãonãoparecer não-vida falsidade

FOTO 1 - Modelo de veridição

Fonte: Baldan (1988 p. 5)

Ainda segundo Baldan, a relação estabelecida entre dois pontos diferentes do quadrado permite-nos estabelecer as seguintes definições:

verdade - "aquilo que é e que parece ser isso que é" (produção do saber autêntico).

falsidade - "aquilo que nem é (o que é) nem parecer ser (isso que é)" (produção do não-saber).

mentira - "aquilo que parece ser (o que é) mas não é" (produção de simulação do saber - parecer saber).

segredo - "aquilo que é (o que é) mas não parece ser" (produção de dissimulação do saber - parecer não-saber).

Para ilustrar melhor os conceitos, vamos usar exemplos cotidianos daquilo que representa cada um. O conceito de verdade descreve algo plausível, aquilo que o ser condiz

com o parecer. João chegou molhado em casa e disse que estava chovendo, a mulher dele olhou pela janela, também molhada, e constatou que realmente estava chovendo. João foi pego pela chuva

O conceito de falsidade já não tem mais a questão do plausível, é o contrário da verdade e sua contradição se mostra quando o discurso do ser não condiz com o discurso (ou a imagem) do parecer. Pedro chegou em casa de madrugada coberto de glitter e com marcas de batom e disse à mulher que foi apenas comprar cerveja no bar da esquina. Pedro foi ao bordel.

O conceito de mentira, assim como o de verdade passa pelo plausível, mas a realidade não é o que parece. Maria chega com o cabelo molhado em casa e diz para a mãe que foi devido à chuva. A mãe olha para fora e constata que realmente parece ter chovido. Na verdade, não choveu, a menina foi ao clube com as amigas.

Já o conceito de segredo é o inverso da mentira, pois a realidade não parece ser o que realmente é, fazendo com que o sujeito consiga ocultar essa realidade. Lucas é um agente secreto da Agência Brasileira de Inteligência mas mora há 30 anos com a tia, que pensa que ele trabalha em um escritório de contabilidade.

Para Maria de Lourdes Baldan (1988):

Essas reflexões nos convencem de que a verdade de um discurso, sempre definida pela adequação à "realidade" referencial, deva, agora, ser pensada como veridicção, ou seja, como resultado da articulação ideológica dos procedimentos através dos quais construímos esse discurso. E uma análise, nos nossos dias, que se pretenda séria, não pode ignorar o avanço que a teoria semiótica greimasiana trouxe para o entendimento do assunto. Baldan (1988 p.5)

Dentro editorial, os conceitos de veridicção e verossimilhança são fundamentais para a construção do texto, visto que é partir deles que o enunciador constrói seu discurso e seu cenário de referência e deixa claro seu ponto de vista, sempre procurando parecer objetivo e natural. Ou seja, no que tange o texto de opinião, os fundamentos permeiam entre a verdade, a falsidade e a mentira, o ser e parecer ser, e o parecer ser mesmo quando não é.

A construção de um verdadeiro passa tanto pelo processo de criação de uma verdade como o do convencimento de que aquilo ali é uma verdade. E as estratégias utilizadas para essa construção e convencimento serão melhor explicadas mais adiante nas análises dos textos,

# CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS EDITORIAS DA REPÚBLICA

Como já dissemos, utilizaremos para análise os seguintes textos publicados em periódicos de 6 diferentes províncias brasileiras que versam sobre a Proclamação da República:

Texto	Periódico	Estado	Data da publicação
A Proclamação	A Província de São Paulo	São Paulo	16 de novembro de 1889
Republica Brazileira	A Província de São Paulo	São Paulo	16 de novembro de 1889
De alto a baixo	O Fluminense	Rio de Janeiro	17 de novembro de 1889
República Brazileira	O Fluminense	Rio de Janeiro	17 de novembro de 1889
Revolução	Diário Pernambucano	Pernambuco	16 de novembro de 1889
A solução da crise	A Federação	Rio Grande do Sul	16 de novembro de 1889
República e republicanos	A Reação	Pará	27 de novembro de 1889
A República	A Verdade Política	Minas Gerais	26 de novembro de 1889

O primeiro documento que será analisado é um texto publicado no jornal *A província de São Paulo* no dia 16 de novembro de 1889. Esse foi o primeiro documento publicado pelo periódico após a proclamação da república. É importante ressaltar algumas informações históricas que irão nortear a análise semiótica.

Primeiramente, a instituição "Província de São Paulo" foi criada como uma instituição republicana, por personalidades da elite que, ainda durante a monarquia, apoiavam ideais republicanos. Isso explica a posição do jornal, que é favorável à Proclamação da República e mostra ao longo de todo texto a grande euforia e a importância que deveria ser dada a esse acontecimento.

#### 3.1 – A Província de São Paulo

## A Proclamação e República Brazileira

Primeiramente, temos precedendo o texto editorial uma publicação de proclamação, que versa exatamente como diz o título sobre o ato de proclamar a república. Parte deste texto é citada inclusive no editorial para relatar os acontecimentos de forma mais ou menos cronológica. É importante refletir, se até parte do texto é o mesmo, por que a proclamação não pode ser considerada um texto editorial?

A primeira resposta que se tem está ao final da página com a chuva de assinaturas no texto. Essa proclamação se aproximaria mais de um manifesto que de um editorial propriamente dito, visto que não há marca mais pessoal que a própria assinatura no texto.

Por mais que saibamos que esse texto editorial foi provavelmente escrito pelas mesmas pessoas que assinaram a proclamação, a verdade sabida não deve fazer parte do campo da análise de impessoalidade. A partir do momento que não há assinaturas, carimbos ou quaisquer marcas mais pessoais, o texto pode ser considerado menos subjetivo, o que caracterizaria um editorial.

Apesar das diferenças entre o texto e a proclamação em si, o que será analisado aqui é a desconstrução da ideia de pura objetividade e correlação do texto editorial, pelo menos no que diz respeito aos editoriais do final do século XIX que se encontram disponíveis para análise no Brasil.

Temos um texto que se inicia em primeira pessoa do plural, reforçando um caráter mobilizatório. O que pode ser notado em "Recebemos hontem o seguinte telegrama". Essa oração se repete ao longo do texto, que é construído a partir de telegramas anunciando alguma novidade da Proclamação e comentários do jornal sobre as novidades. A primeira pessoa do plural volta a aparecer ao comentarem o segundo telegrama recebido, que fala sobre a composição do governo provisório. "Para explicarmos esse brilhante resultado só temos uma phrase que synthetisa o movimento todo; e, ao mesmo tempo exprime o nosso eterno agradecimento".

Essa constatação, ao mesmo tempo mostra uma função subsidiária do editorial, que é a mobilização. Segundo os estudiosos a principal função do editorial seria correlativa, e não mobilizatória. Além disso, o uso da primeira pessoa do plural, que inclui o sujeito da enunciação dentro do mesmo barco que o enunciatário coloca em xeque a noção impessoal do editorial, e

mais que isso, questiona o modelo dissertativo defendido pelo modelo de gênero que se tem do editorial.

O texto analisado apresenta características dissertativas e também características narrativas. O enunciador narra algumas histórias entre suas opiniões, como pode ser observado no trecho "Durante todo o dia o povo permaneceu em constante atividade agitando-se pelas ruas, inquieto, ansioso à espera do reconhecimento da República em São Paulo".

Dentro do texto isso se coloca da seguinte forma. Devido ao contexto político e histórico da época, o jornal incorpora um sujeito com ideais republicanas, como já foi explicado, e também dialoga com um enunciatário construído dentro do texto como sendo republicano. Isso fica evidente pelo contexto, lembrando que em 1889 mais de setenta por cento da população era analfabeta, e, consequentemente, não poderia ler o jornal. Dessa forma o sujeito empírico, leitor do jornal é restrito a um público elitizado que vai coincidir com o enunciatário do texto.

É sabido que o enunciatário do texto está envolvido em situações econômicas que o ligam ao sujeito enunciador. Na época, a Província de São Paulo era grande produtora de café, e com isso concentrava um grande número de coronéis que não estavam satisfeitos com a falta de autonomia da província e com os altos impostos que pagavam, segundos eles, para sustentar a família real. A elite da província não era nobre, não se identificava em nada com os aristocratas e apoiavam um governo próprio.

A consequência disso é que o primeiro presidente do Brasil, não militar (1894 a 1898) foi Prudente de Morais, chefe da Província de São Paulo, republicano convicto e dono do discurso da proclamação, também publicado pelo jornal Província de São Paulo na página 2 juntamente com o editorial.

Apesar disso, o texto traz em sua construção um modo genérico de se expressar, como se quisesse falar como todo povo brasileiro, tentando incluí-lo no novo sistema de governo. Isso pode ser notado em passagens como "A família real ficará sob a guarda do exército e do povo" e "O povo, o Exército e a Armada vão installar um governo provisório, que consultará a nação pela convocação de uma constituinte".

Dá-se a entender o tempo todo uma oposição formada entre a antiga forma de governo, como algo negativo para o crescimento do país, e a nova forma de governo, em que a vontade do povo seria priorizada dentre a vontade da nobreza. Essa oposição fica evidenciada no trecho

"Honra ao Exército Brasileiro, que acaba de completar a sua ação benéfica, iniciada em 1831, mostrando o caminho do exílio a um tyrano".

Temos no texto a construção de uma verdade a partir da criação de um ideal republicano. A escolha de um "herói" comum, o exército; em oposição a um "vilão" comum, o imperador. A descrição de uma conquista brilhante e gloriosa, ansiada e comemorada pelo povo. A escolha do herói deveria passar naturalmente por algo totalmente contrário ao que foi a monarquia, um antissujeito. Logo seria o ideal que esse herói fosse representado em um actante coletivo, uma instituição que representa mais diretamente o povo.

A realidade é que os documentos históricos da época e os historiadores descrevem o evento da Proclamação da República como uma mera solenidade. Em uma famosa carta Aristides Lobo, propagandista da República, manifestou seu desapontamento com a maneira com a qual foi proclamado o novo regime. Segundo ele, o povo, que pelo ideário republicano deveria ter sido protagonista dos acontecimentos, assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava, julgando assistir a uma parada militar.

Essa atitude popular indica que havia alguma falta de sintonia entre aqueles que publicavam uma revolução e aqueles que efetivamente deveriam participar. Em outras palavras, os espectadores da república não compraram a ideia de revolução, eles não assinaram o contrato de verdade que foi estabelecido pela mídia republicana.

Aliás, o que se entende por "proclamação" é uma declaração pública e solene, o que nos leva à compreensão de que a República foi de certa forma uma mera solenidade, não houve uma grande comoção e nem grandes batalhas. E mais, a instauração da república foi um movimento interno ao alto escalão do estado, leia-se um golpe.

Para a grande maioria da população, esse ato de proclamação foi irrelevante, em outras palavras, não mudou nada na vida de ninguém, logo ninguém tinha o menor interesse em seus acontecimentos.

No entanto, assim como na construção do ideário romântico da identidade do povo brasileiro após a Independência, era preciso construir uma identidade republicana, com um novo povo, novos heróis, novos vilões, uma nova bandeira; e nisso não se inclui dizer que a Proclamação foi um golpe solene. É nessa perspectiva que o texto narra uma série de

acontecimentos que provavelmente não aconteceram, mas colabora para a construção daquilo que deveria acontecer na Proclamação e ser lembrado nessa data.

O primeiro manifesto republicano, datado de 1870, dizia que "Somos américa e queremos ser americanos". Isso significa que, o governo monárquico era visto como um regime europeu, que não combinava em nada com os americanos ou brasileiros. Dessa forma não fazia sentido ter como governante um príncipe português (D. Pedro II).

Assim, temos diversos trechos que citam a forma como tudo aconteceu e como aquilo foi recebido pela população. "A notícia da proclamação não causou enthusiasmo, produziu delírio indescritível, sem uma única oposição". Ou, "O povo reunido no edifício da Câmara municipal, ouviu a leitura da Proclamação da República, na qual não interviram nenhum dos chefes do movimento".

A descrição da participação popular é constante e tenta trazer para o movimento o povo que deveria fazer parte dele, mesmo que ele não tenha de fato feito. O povo é narrado como também um dos responsáveis pelo evento e que se contentou com o novo regime que se apresentava. "O povo santista reunido congratula-se pelo advento da república". Note-se a expressão advento. O termo significa uma boa nova. Não é um termo necessariamente religioso, mas é muito utilizado nesse contexto, que expressa um tempo de preparação e alegria, de expectativa da chegada daquilo que vem salvar. No caso dos cristãos, essa é a espera pelo nascimento, pela chegada de Jesus Cristo. No caso do povo brasileiro, é a espera da república, a chegada do regime que nos vem salvar.

Ao fim da análise, podemos concluir que o exemplar analisado não segue o padrão de texto editorial, que é dissertativo, correlativo, impessoal, etc. com um enunciador imparcial que se utiliza de estratégias para esconder sua posição política e social ou que tenta parecer neutro. Ele inova no padrão para seguir uma demanda política e histórica, que é a busca do apoio popular para a causa republicana. A partir do momento em que o enunciador busca construir uma identidade para a nação e busca trazer o enunciatário, assim como o leitor empírico para a sua causa, a estratégia da neutralidade perde o sentido.

Temos claramente nesse texto um enunciador que se manifesta também como actante e ator do enunciado, aquele que está enunciando sua própria participação na causa republicana e que está militando para um enunciatário que também é um ator. Todos são atores na proclamação e narram os fatos em uma perspectiva de participante vencedor da causa. A

questão republicana traz no imaginário a modalidade do querer fazer, do fazer em si e do saber como fazer, visto que ela teve sucesso.

A principal relação ao tema da República é a liberdade, que também é um tema e que possui várias acepções. A liberdade de escolha do governante por meio do voto, a liberdade financeira das províncias e a liberdade do cidadão, visto que os republicanos eram, em maioria, abolicionistas. Além da liberdade tínhamos a questão do cidadão, da cidadania, da igualdade e sobretudo da ascensão social.

A ideia de democracia também fazia parte do discurso temático que remetia à república. A ideia de que o povo seria o novo dono do país e teria uma identidade própria. Há aqui uma forte tendência a deixar para trás o passado, que era relacionado à tirania, ao absolutismo, à falta de perspectiva social e que fazia parte de tudo dentro do Império. Agora era preciso exaltar o presente de vitória, conquista, honrarias e projetar um novo futuro que buscaria construir um novo Brasil, totalmente livre de imperadores e principalmente de Portugal.

Mesmo que essa busca fosse um tanto quanto fictícia, era importante mostrar que o povo abraçava a causa republicana. O jornal trabalha para a criação da nova identidade nacional republicana, que implicava, entre outras coisas, um novo modo de ser governado. A representação da monarquia era na época fortemente atrelada a questões monocráticas (não democráticas) e hereditárias (menos democráticas ainda) e estava ligada ainda à noção de destino e conformidade social (se você teve o azar de nascer plebeu, você nunca será nobre).

A república, segundo seus defensores, dava uma ideia não só de democracia, mas também de mobilidade social por meio do merecimento. A partir do momento em que se "elege" alguém para governar, mesmo que este alguém seja igualmente tirano ao rei, dá-se uma dimensão de escolha do poder, de mudança e de ascensão social. Pode até parecer um ideal exagerado de mudança, mas não é, se pensarmos que nos dias de hoje pessoas de origem muito humilde chegaram a altos cargos de governo.

É importante também ressaltar a forma como foi construída a nova identidade nacional liderada pelo heroísmo do exército brasileiro. A luta era um símbolo da justiça na América e o exército estava muito prestigiado após a vitória na Guerra do Paraguai. A falta de reconhecimento e baixa remuneração teria sido o motivo principal para que os republicanos ganhassem o apoio do exército brasileiro. É interessante também ressaltar que não houve luta

nenhuma, considerando que houve pouquíssima reação por parte dos populares e até mesmo dos governantes escolhidos pelo imperador. Mas é preciso que se faça parecer que houve uma grande batalha. Mais uma vez, temos em um fato histórico a sobrenaturalização do real, ou seja, a construção de uma narrativa que faz acontecimentos comuns parecerem sobrenaturais, heroicos, como já havíamos tido em toda a história da Independência.

Cria-se no imaginário popular, por meio do texto, uma forma de identificação entre o querer-ser o protagonista da verdadeira independência do Brasil, sendo um herói que participou da queda do velho regime, e de fato ser esse protagonista, apenas atendendo ao chamado para ser mais um sujeito da causa.

#### 3.2 - "O Fluminense"

## Notícia – República Brazileira

Ao contrário da *Província de São Paulo*, *O Fluminense* foi criado como um jornal do Império, que visava noticiar os acontecimentos no país de acordo com as decisões do Imperador. Temos aqui uma outra perspectiva de análise do fato. Na mesma página do jornal, temos dois textos relevantes. O primeiro deles é uma crônica e o segundo um editorial. Eles estão interligados pela temática da proclamação, a crônica vem primeiro explicado de forma humorística parte do contexto histórico que foi exposto na introdução, e o editorial veio com a opinião da instituição em si.

Analisaremos primeiro o editorial, "República Brazileira". O primeiro fato digno de comentário é que a notícia da proclamação e todos os comentários relacionados a ela só foram publicados no dia 17 de novembro; dois dias após o acontecimento. É perfeitamente normal, mesmo nos dias de hoje que os acontecimentos sejam publicados no dia seguinte no jornal impresso. É preciso que haja tempo para que os jornalistas consigam informações sobre o que aconteceu, e possam escrever uma notícia, um comentário ou qualquer outra coisa. Além disso, ainda precisa-se contar o tempo que leva para o jornal ser impresso. Dessa forma, de modo geral as notícias são publicadas no dia seguinte.

Outro fato a ser considerado é que no final do século XIX não era comum que os jornais fossem impressos todos os dias. Pelo contrário, o mais comum era que não fossem. De modo geral publicavam seus impressos de duas a três vezes por semana, com apenas algumas páginas

(nada perto das infinitas páginas que um jornal impresso possui hoje). No caso do exemplar analisado, as publicações eram feitas idealmente todas as quartas, sextas e domingos. A Proclamação ocorreu em uma sexta-feira, 15 de novembro, ou seja, o exemplar publicado na sexta já estava pronto e outro só seria publicado no domingo, 17 de novembro.

Um fato interessante é que não era fora do comum a publicação de edições extraordinárias para se noticiar algum acontecimento de extrema relevância, como se imagina que deveria ser o caso da Proclamação da República. É importante notar que o jornal "A Província de São Paulo" também não publicava seus exemplares todos os dias, mas noticiou amplamente a Proclamação já no dia 16. Isso nos dá, de início, uma dimensão da diferença de importância atribuída ao fato por essas duas instituições jornalísticas.

Muitas vezes o silêncio é tão significativo quanto as palavras, e no caso da notícia da Proclamação no *O Fluminense*, ele é mais significativo que as palavras, basta notar a disposição da notícia dentro da página do jornal. Enquanto na Província de São Paulo temos uma página inteira, iniciada por letras capitais "REPUBLICA BRAZILEIRA", sem aparecer nem mesmo o nome do jornal, e um texto comentando todos os acontecimentos de modo cronológico. No *O Fluminense* temos uma publicação comum, com o nome do jornal em destaque, datas de publicação, e abaixo a diagramação comum, contendo cinco colunas que vão falar sobre o acontecido.

A primeira e a segunda coluna são compostas por uma matéria que ao invés de falar da Proclamação em si, versa sobre a nova Assembleia constituinte, quem entra e quem sai dos parlamentares após a mudança do regime. Somente na terceira coluna é que temos efetivamente a notícia da Proclamação.

A importância dada à notícia é de acordo com a participação e o interesse político que enunciador e enunciatário têm em relação ao novo regime. O enunciatário não foi um protagonista no evento, ele foi apenas um observador e o enunciador se colocou na mesma posição e tentou exercer ao longo do texto a função editorial de exemplo a ser seguido, definir como os observadores no Rio de Janeiro deveriam se portar e o que deveriam pensar em relação à República. É um discurso que não vai carregar a modalidade do fazer acontecer e do querer que aconteça. No lugar disso ele vai apenas estimular o saber. É importante saber o que está acontecendo, reconhecer o mérito da Armada, mas sem muita empolgação, por motivos que serão retratados adiante.

A matéria começa por saudar e exaltar o exército como instituição. "Em consequência da extraordinária e injusta pressão que há alguns annos a esta parte e especialmente nesses últimos mezes foi exercida pelo governo geral pelo brioso exército brazileiro, tão cheio de serviços à Pátria". O otimismo, porém, em relação ao que está por vir é muito relativizado, com a utilização de diversos modais que mostram a incerteza em relação ao novo regime. Isso pode ser observado em "É enorme a responsabilidade dos que formaram o poder público hodierno, cumprindo-lhes tirar dos grandes princípios democráticos a sua trajetória, que pode ser gloriosa".

É possível ver, logo de início a presença de um enunciatário muito mais objetivo, que propõe um texto muito mais objetivo do que o publicado pela Província de São Paulo, e mais do que isso, o texto não traz um discurso militante, que pede apoio ao novo regime. O máximo que é dito em relação a isso, é para que os cidadãos não se portem contra. "Não podem desejar os brazileiros - senão que essa direcção seja em forma a determinar a felicidade, o progresso do paiz, no meio da ordem e da paz.

Temos um enunciador que não se coloca como parte da causa, apesar de reconhecer o mérito do novo regime. Isso significa uma maior impessoalidade na descrição do objeto, no caso a República. Não há expressões como "viva o exército", "viva o povo brasileiro", "Honra e glória ao novo regime". E muito menos expressões de depreciação em relação ao antigo regime. Ele fala em pressão injusta, mas não fala em tirania ao se referir à monarquia até então vigente.

Na coluna do meio, com relativo destaque, temos então a nota oficial da proclamação e é possível observar, no entanto, que a nota oficial da proclamação não é tão patriótica e militante quanto seu anúncio pelo jornal *A Província de São Paulo*. O que vemos descrito na nota é uma breve descrição dos fatos, nomeando os responsáveis pelo movimento e quem seriam as novas autoridades a partir de então.

Podemos concluir a partir desse texto que o enunciador não apresenta um grande comprometimento com a causa, e aparentemente não busca convencer seu enunciatário de que é preciso haver participação popular (note que não há nenhuma expressão que incentive o enunciatário a ser um dos protagonistas ou até mesmo um actante dentro do processo de passagem do Império para a República). E até mesmo os elogios do texto ao exército e ao novo ministro soam como ordinários para a época, e passa muito mais uma ideia de composição, em

que o enunciador toma para si uma opinião já existente sobre o exército e o novo ministro e a propaga, do que uma criação de uma nova ideia e a busca do convencimento.

Daí temos também uma tentativa de destacar uma figura participante ligada à região.. Vê se que aqui não se adota a instituição "Pátria" como um ente abstrato participante de um movimento social. Dá-se muito mais destaque à participação de Francisco Portella, uma pessoa já ligada a atos políticos, contrariando a já contestada versão de ampla participação social formando a tal "Pátria".

Conclui-se também que esse texto se encaixa de certa forma às definições do texto editorial. Não possui assinatura, é um texto razoavelmente objetivo, que contém a opinião da instituição sobre um evento de grande expressão, faz uma boa correlação com a notícia citando-a no corpo do texto, revezando entre a debreagem enunciativa e a debreagem enunciva, reforçando a noção de veracidade do texto. Por outro lado, a falta de um título representativo e a falta de uma opinião contundente sobre a posição do jornal, que é bem clara, apesar da incerteza apresentada em relação ao futuro sob domínio do novo regime, faz com que o texto fique mais parecido com uma notícia "padrão" seguida de um comentário.

Afirmar que esse texto se enquadra como um editorial traria uma grande flexibilidade ao gênero, o que nos faria retornar à discussão do capítulo 1 sobre os limites do novo dentro do gênero, a hibridização e as recorrências. É difícil fazer afirmações, considerando que o texto não é recente e os gêneros não são imutáveis. De acordo com a prática jornalística da época, é perfeitamente aceitável que, se a falta de título e de opinião contundente fosse recorrente, esse poderia ter sido o modelo de um editorial.

Um fato curioso é que nessa mesma página temos um outro texto, descrito como "chronica", e que vai falar justamente sobre a Proclamação da República. A disposição dos dois textos, juntamente com a característica de cada um deles, reafirma a ideia de que o primeiro seria mais uma notícia e o segundo o comentário da notícia, mostrando de forma mais clara a posição do jornal sobre ela, ou seja, um editorial.

Nesse texto podemos abordar o enunciador de duas formas. Primeiramente de forma solitária dentro do texto e depois de forma comparativa a outros enunciatários de outros editoriais analisados. O enunciador não é um ator no processo, ele é apenas um observador que conta os fatos da proclamação em uma perspectiva externa. Para ele a toda a temática abordada que é relacionada à República não remete necessariamente às figuras de liberdade, democracia.

e populismo. Assim como a temática do Império não remete à tirania. Ele relaciona outras figuras a esses temas, que por sua vez, são muito mais genéricas. À República está relacionado o mérito da instituição do exército, mas se nota que não há nenhuma figura positiva relacionada à República em si. O sentimento gerado e repassado não é o de nacionalismo, ufanismo e defesa incontestável ao novo regime e sim de desconfiança

Comparado a outros enunciadores de editorias, este se encontra em uma posição intermediária, pois como poderemos ver ao longo das análises, teremos enunciadores atores do enunciado, ultraufanistas, assim como narradores completamente observadores e críticos ao novo regime e que vão associar a temática republicana ao regresso, à destruição da democracia, à violência e também à tirania. Essa posição intermediária pode ter uma explicação relacionada ao enunciatário, aquele para quem a instituição escreve e tenta passar a mensagem de desconfiança.

É importante lembrar que está tratando entre linhas de uma questão política que demandava cautela. A presença da família real no Rio de Janeiro de certa forma trazia benefícios à cidade e ali concentrava o poder, trazendo também consigo o "status". Com o final do regime, o Rio de Janeiro poderia perder a sua centralidade e muitos privilégios, como de fato aconteceu, sendo o primeiro presidente civil um paulista. O dilema entre as injustiças atribuídas ao Império e as consequências políticas do fim do regime colaboravam para que o enunciador não fosse um ator e ficasse apenas como expectador, aguardando o desenrolar da história com cautela.

Outro ponto relevante é a questão temporal dentro do texto. O enunciador não traz perspectivas para o futuro. Ele remete levemente ao passado reiterando que houve injustiças no regime imperial, mas não coloca como consequência do novo regime um futuro brilhante. Isso remete novamente ao fato de o fluminense da época estar de fato sendo representado pelo jornal que, por suas palavras, não comenta sobre o futuro e ressalta suas desconfianças. Apenas o presente é descrito e com os aparentes fatos, mas também se nota certo ceticismo em relação aos fatos ocorridos, o que justifica a ausência do discurso de elogio visto em outros periódicos.

## Crônica - Do alto a baixo.

No caso do texto a ser analisado, temos uma hibridização, um editorial que se manifesta em forma de crônica. A ausência da assinatura, ou a falta de menção do autor, muito comuns em crônicas jornalísticas, são suficientes para aproximar os dois gêneros e fazer com que o

jornal defenda sua posição diante da situação de uma forma diferente do convencional texto opinativo político da página 2.

Há, porém, uma grande diferença, que faz com que este texto, mesmo opinativo, sem menção de autoria e sem assinatura, não se enquadre na forma e no conteúdo de um editorial, considerando que este mantém sua topicidade e sua brevidade. Ou seja, o editorial é uma correlação por tópicos, e, de modo geral, escolhe apenas um tópico para ser comentado, de forma objetiva e direta. O texto intitulado crônica, versa sobre diversos assuntos antes de mencionar a proclamação em si.

Podemos ver que a matéria se inicia contando um fato consideravelmente cômico e que, aparentemente, nada tem a ver com a república, e vai assim, contando, cronologicamente os acontecidos até chegar então à data da proclamação. Porém, as primeiras frases do texto são extremamente importantes e fazem parte do contexto político e histórico da proclamação, que detalhamos na introdução do trabalho. Pode até se pensar que não houve grande participação popular no evento da proclamação, mas não é verídico que o antigo regime tenha caído da noite para o dia. Vários acontecimentos históricos de grande relevância foram essenciais para o fortalecimento das ideias republicanas no Brasil, entre eles, a punição a dois bispos que expulsaram os maçons da igreja católica sob ordem do Papa. Esse é o fato que está sendo comentado pelo enunciador da crônica.

O título do texto soa quase como uma provocação, e que pode ser entendida de forma ambígua. Quando o interlocutor descreve o texto como "de alto a baixo", isso tanto pode significar que os comentários se estendem a diversos assuntos de grande ou pouca importância. E também pode significar o declínio do Império de forma cronológica.

Quando finalmente o enunciado fala da República, ele dá grande importância ao assunto em meio ao texto, referenciando que esse teria sido o fato capital da semana, mas ao mesmo tempo ele debocha do evento, minimizando o acontecimento. Ele não fala emproclamação, ele não fala em revolução e não utiliza nenhum termo que dê a entender que houve qualquer mobilização. É como se, em um passe de mágica, o regime tivesse mudado. Essa descrição reforça o sentimento de mera solenidade de muitos veículos de informação e até mesmo de alguns populares.

É de suma importância ressaltar que os jornais de modo geral, especialmente na província do Rio de Janeiro, eram situacionistas. Ou seja, eles eram a favor da situação, o

Império. Ao contrário do esperado, com a mudança de regime eles não se tornaram oposicionistas, pelo contrário, continuaram situacionistas, o que nos faz chegar à conclusão de que os periódicos da época, até por questões comerciais, tendiam a dar preferência para apoiar o governo, qualquer que fosse, desde que democrárico. Com a mudança de regime, pode se perceber que os comentários são todos meio ressabiados, entre o elogio, a esperança e a incerteza. Mas não houve quem se posicionasse definitivamente contra a República ou defendesse veementemente o imperador durante o evento. Assim como também, excetuandose a Província de São Paulo, não houve periódico analisado que tenha se colocado como grande oposição ao Império e que tenha efetivamente comemorado a República e instigado a população a ser participativa no novo regime.

Dessa forma, a descrição contida no primeiro parágrafo da crônica sobre a república não é nova, e foi também repetida em obras literárias da época como "Memórias Póstumas de Brás Cubas" e "Esaú e Jacó", ambas de Machado de Assis. "O Brazil amanheceu Império e anoiteceu República. E o texto ainda reforça de "não acontecido", "não fato". "Como succedeu com a abolição. Tal declaração segue uma linha de pensamento meio estereotipada e que vai contra ao início do próprio texto. A princípio é de fato discutível que tenha havido participação popular na proclamação, mas as coisas não aconteceram do dia para a noite, houve uma sequência de acontecimentos, desentendimentos, legislações, etc. que culminaram com a mudança de regime.

A ideia que permeia diante de tal discurso é que: foi instaurada uma mudança legislativa e de poder, mas que na prática não traz qualquer mudança para a vida cotidiana. Essa crítica, que muitos pensam partir da visão contemporânea da República, assombrava o novo regime desde sempre. Não havia oposição aparente, até mesmo os situacionistas democratas do regime conseguiam perceber que a troca em si de regime fora somente uma solenidade e que não houve efetiva participação popular nisso.

Por outro lado, o próprio cronista afirma no parágrafo seguinte que o descontentamento com o atual parlamento do imperador era geral, permeava todas as classes, e a mudança era questão de tempo devido à insatisfação de todos. Detalhe, ele não propôs e nem sequer imaginou que a tal mudança seria tão radical e ao mesmo tempo pacífica. "Entretanto, todos receiavam a mudança. Parecia que ella não se poderia realizar sem grandes perturbações, sein uma guerra civil principalmente, e o brazileiro tem horror ao derramamento de sangue". Por mais que o desfecho seja discutível, a ideia de que a participação popular tenha inexistido no evento tenha como motivação o medo da guerra.

Segundo o cronista, o estopim para a mudança teria sido uma perseguição injusta ao sempre venerável exército brasileiro, que desencadeou a solene proclamação. E reforça ainda que já estamos sob o novo regime. "Estamos hoje, portanto, sob o regime republicano". Essa repetição pode soar estranha na contemporaneidade, onde as notícias são espalhadas em um piscar de olhos, mas na época ela se fazia até mesmo necessária para divulgar a informação. Por incrível que pareça, muitas pessoas não faziam nem ideia do que estava se passando, mesmo semanas após a Proclamação, e a insistência ajudava a espalhar a notícia e atribuir-lhe veracidade.

No parágrafo seguinte, temos talvez a maior crítica à monarquia presente no periódico. "...nação, que única sustentava outro em toda América". E esse seria então um motivo para que o enunciador defendesse o novo regime. Seria definitivamente o fim da "parceria" entre Brasil e Portugal. Atentemo-nos para o fato de que mesmo com a crítica, não há incitações à participação popular ou sequer frases de grande impacto buscando convencer o enunciatário a apoiar o regime. É mais a informação e a defesa de uma posição do que a mobilização e militância, como foi visto anteriormente na Província de São Paulo.

A ausência de uma tentativa de convencimento é apenas aparente, já que o humor, a ironia e o questionamento dos reais fatos também é uma forma de opinar e tentar convencer. Há uma diferença entre tomar uma posição, defender essa posição e tentar convencer o outro a juntar-se ao seu ponto de vista. Aqui vemos que há apenas duas dessas etapas explícitas, a tomada de posição e a justificativa dessa escolha. A parte do convencimento é mais sutil, mas não ausente.

O enunciador aqui segue uma perspectiva parecida à do texto anteriormente analisado, que é do mesmo periódico. Ele enaltece modalidades como o saber, e inclusive emite diversas opiniões sobre o fato relacionadas ao saber. Ele se coloca em uma posição intermediária e não incita o fazer e nem mesmo o querer fazer, poder fazer, o que o distancia dos enunciadores da *Província de São Paulo*. Dentro do evento participa como um observador.

Quanto ao aspecto temporal, esse é o único texto que remete com detalhes ao passado para tentar explicar a proclamação. Ele já se inicia fora do "agora" para construir uma cronologia. O deslocamento temporal também se dá no âmbito espacial, já que esse "outro tempo" é descrito também em "outros espaços". Até mesmo o espaço do evento da proclamação é questionado no âmbito do "aqui e agora", pois o enunciador, como um observador, questiona se realmente houve qualquer mobilização popular no Rio de Janeiro.

#### 3.3 - Diário pernambucano

## Revolução

O próximo texto a ser analisado será o periódico "Diário Pernambucano". Nesse exemplar podemos ver que a notícia da Proclamação foi anunciada logo no dia seguinte, mas que também não teve metade do destaque que a ela foi dado em outros periódicos. Há apenas duas colunas que versam sobre o fato. Na primeira, temos uma série de telegramas (uma seção sempre presente no jornal) do anúncio da República. E na segunda coluna um texto intitulado "Revolução".

O título é de grande importância, pois entre os periódicos este foi o único que classificou o ato da Proclamação como uma Revolução. Antes de qualquer coisa é preciso esclarecer que uma revolução é um ato de revolta partindo do povo, podendo até mudar regimes e derrubar governos. No caso da Proclamação da República, o movimento foi todo iniciado pelo alto escalão do exército e apoiado por uma rica oligarquia, ou seja, não foi uma revolução, foi um golpe.

Outro esclarecimento importante é que não há, ou pelo menos não deveria haver, valoração dos termos revolução e golpe, como se um fosse bom e o outro ruim. Mas não de hoje que o termo revolução soa muito mais heroico e legítimo que o termo golpe, que na maioria das vezes é empregado de forma negativa. Dessa forma, a República não se intitula nem revolução e nem golpe, e sim proclamação.

Além do ato solene já citado, a Proclamação descreve bem o fato por não ter tido de fato nenhuma oposição e nem sequer consulta, participação e conhecimento popular. Mas quando o próprio editorialista se utiliza do termo "Revolução" para intitular seu texto, já fica bastante claro a todos os leitores empíricos que este enunciador busca um enunciatário que se identifique com a ideia de revolução, e iniciarmos a leitura do texto, a grande surpresa vem do fato de que nosso enunciador faz oposição à mudança do regime e à forma como isso foi feito, segundo ele de forma violenta, e é nesse contexto que esse título revolução vem surgir, já com valoração negativa.

No primeiro parágrafo, já podemos identificar pelas expressões de indignação, seguidas de exclamações, que o enunciatário defendia o atual regime e se pasma com a mudança, "Amargurados dias foram estes reservados para o último quartel do reinado de Sua Majestade,

o Imperador!". Primeiramente todo linguajar majestoso que descreve o Imperador, mostra bem a quem se deveria prestar honrarias. Neste exemplar, as honrarias são ao Império, e não ao exemplo, como pode ser demonstrado no tom depreciativo atribuído à armada: "Impondo-se pela força, fizeram explosão, e a revolução campeia nas ruas do Rio de Janeiro proclamando se a República".

É interessante, pois já foram analisados os comentários da Proclamação no Rio de Janeiro, enquanto uns reverenciavam que o evento fora pacífico, outros reclamavam por não ter havido qualquer mobilização. Em uma coisa, no entanto, todos concordam, não houve revolução. Esse argumento de extrema violência, crueldade e bagunça, utilizado pelo enunciador se encaixa perfeitamente ao enunciatário e também leitor empírico pernambucano, pois este está limitado por uma condição geográfica e não sabe de fato que está se passando no Rio de Janeiro.

O termo revolução explorado pelo periódico de forma negativa, em contrapartida a outros que o utilizam de forma positiva, se deve ao fato de a mais conhecidas das revoluções, que foi a Revolução Francesa, ter sido um movimento para derrubar a monarquia vigente na França. Ou seja, a revolução é aqui compreendida como um movimento antimonárquico, ligado a ações de morte, violência e que a curto prazo instaurou o caos.

Por outro lado, temos também uma questão de perspectiva e ponto de vista. Segundo o jornal *A Província de São Paulo*, houve sim uma grande revolução, as pessoas foram para as ruas comemorar, só que na perspectiva da *Província de São Paulo*, a comemoração foi comportada, já na do "Diário Pernambucano", a suposta invasão das ruas teria sido uma tolice e portanto motivo de depreciação.

O enunciatário mostra cada vez sua conjunção com o Império e sua disjunção em relação ao que está por vir como se fosse um poeta indignado. "Foi apeiado do poder um partido cheio de vida e que dispunha de maioria no parlamento [...] por uma conspiração militar que se inicia por um crime". Ao contrário do texto enunciado no jornal *O Fluminense*, aqui temos uma construção argumentativa incisiva sobre a opinião do jornal no acontecido.

A argumentação se constrói primeiramente pela indignação seguida do enaltecimento da monarquia e a depreciação da república. O enunciador busca um enunciatário que partilhe ou venha a partilhar do sentimento de indignação, utilizando-se de vocábulos que deslegitimam

o novo governo, como sendo conspirador, criminoso, violento e sem o devido direito de governar a nação.

Seguindo na mesma linha de raciocínio, temos a condenação do ato de violência contra o Visconde de Ouro Preto. Este ato é retratado por todos os periódicos, mas em nenhum deles há tanta indignação e tantas honrarias ao Visconde que teria se portado como uma figura que reagiu à mudança de regime, ou seja, que deveria ser admirada por sua incrível reação.

E continua "E o Sr. Visconde de Ouro Preto, creação de uma conspiração do paço, cahe, como o mais imprevidente dos mortaes, por outra conspiração de quarteis!". A quase que santificação do Visconde demonstra a heresia que se comete com a proclamação do novo regime.

Assim como ressaltado na *Província de São Paulo* temos aqui também um enunciador em terceira pessoa, mas que por vezes se coloca no meio do próprio discurso utilizando a expressão "O paiz". Dessa forma, mantém-se a terceira pessoa, mas com uma ideia de primeira pessoa do plural, um "nós" ideológico. Mais do que isto, o pronome nós, por si mesmo, é utilizado no texto, abandonando o sujeito indefinido. "Estamos, pois, em pleno domínio dos mais graves acontecimentos que tem testemunhado o paiz."

Note-se que quase todas as orações são findadas por interrogação e exclamação. Esta não é uma característica típica do texto editorial, visto que interrogações e exclamações são pouco esclarecedoras (não se esclarece nada fazendo mais perguntas) e também pouco objetivas. Mas o teor dramático do texto se assemelha de certa forma ao teor do texto da "Província". Temos a construção de uma realidade paralela, mas que é verossímil.

Uma mudança de regime com grande participação popular, revoluções, violência, comemorações e conspirações é extremamente verossímil e costuma ser a regra. Quando se constrói um discurso, seleciona-se heróis e vilões, grandes acontecimentos, é muito mais fácil para se obter adeptos, seja a favor ou contra, pois é simples se identificar e simpatizar ou antipatizar com algo que parece grandioso e verídico. No caso, como não tivemos grandes acontecimentos, o grande sentimento, descrito pela maioria dos periódicos, foi o real, o de apatia.

Temos nesse periódico o principal antagonista ao regime. A oposição entre Império e República, progresso e regresso e todas as outras figuras relacionadas a esses temas foram aqui

invertidas. Mesmo nos periódicos mais neutros, não se ousou discordar de que o novo regime trazia consigo uma esperança de progresso, principalmente legislativo. Aqui no *Diário de Pernambuco* temos uma inversão dos valores até aqui pregados. Para esse periódico o protagonista é Império e o antagonista é a República. O Império está atrelado ao progresso, ao sucesso, ao futuro promissor, enquanto a República está na esfera da revolução, da bagunça, da violência e que vai levar o país a um futuro cruel.

Quanto ao âmbito temporal, temos também uma inversão. Esse enunciador remete ao passado como um tempo próspero, o presente como sendo sombrio, com a grande violência e injustiça que trouxe a proclamação e o futuro como sendo cruel, devastado pelos valores republicanos. É perceptível a nostalgia do enunciador ao se referir ao passado, aos tempos de sucesso do Império.

O espaço descrito é um espaço diferente do qual o enunciador se encontra, não se trata de um "aqui" e sim de um "lá", pois a responsabilidade dos atos foi atribuída aos integrantes da corte do Rio de Janeiro. Inclusive, o enunciador prega muito mais a modalidade do saber e do querer do que as outras. No entanto, também se nota no texto uma certa incitação ao fazer, mas um fazer de resistência, de não aceitação do novo regime.

#### 3.4 - A federação

## A solução da crise

O próximo texto a ser analisado é do periódico *A Federação*, do Rio Grande do Sul. Primeiramente, o periódico publica exemplares todos os dias, e alguns dias antes da Proclamação tinha publicado acontecimentos relacionados ao evento, como, por exemplo, a pressão que o exército vinha sofrendo por parte de líderes de província e o plano de reforma para que as forçar armadas se tornassem algo como uma guarda nacional.

No dia 16 de novembro, foi feita a publicação do anúncio da República. É importante notar que o jornal é republicano até no nome, logo, já sabemos o que esperar do enunciatário da instituição. E não há surpresas, o anúncio da República não é feito de forma chamativa como da Província, com uma página inteira de destaque, mas as três primeiras colunas da primeira página são dedicadas ao evento.

São três textos diferentes que compõem a capa. O primeiro deles, uma carta do Visconde de Pelotas, que não por acaso era um marechal. O segundo texto é também um comunicado comemorativo do marechal Augusto Cezar da silva, e o terceiro texto é o que mais se assemelha a um editorial e lembra muito o texto da *Província de São Paulo*.

Como podemos ver, tanto o primeiro quanto o segundo texto vêm com a assinatura de seus autores, e por isso são automaticamente excluídos do editorial. Já o terceiro, não identificado, fica a cabo de mostrar a reação do jornal como instituição em relação ao novo regime.

O terceiro texto se inicia com um título marcante. "A solução da crise", o que já nos dá a ideia de que temos um interlocutor favorável ao novo regime, e que, mais que isso, acredita que este será o fim dos problemas, que automaticamente estavam sendo causados pelas turbulências no Império. Temos aqui uma oposição entre o Império e a República, sendo o Império parte do problema, e a República, parte da solução. Já pelo título é possível identificar que o enunciador busca convencer o enunciatário a também se colocar em conjunção com a República, afinal, quem quer ser parte do problema?

"E o regime do privilégio está abolido!". É dessa forma que o texto se inicia. Podemos já concluir que o enunciador usa uma estratégia idêntica à utilizada pelo enunciador do jornal *Diário de Pernambuco*, só que no caso eles defendem lados contrários. Vamos encontrar no texto grande ocorrência de exclamações que louvam o novo regime.

Aqui não há interrogações, pois estamos do lado do vencedor. Não há dúvidas, há apenas aclamações. O texto analisado além de apresentar da militância, vai apresentar um discurso muito próximo ao do religioso. Tal comportamento também pode ser atribuído ao discurso da "Província", visto que são discursos muito parecidos e com trechos iguais, que foram retirados da carta de proclamação.

Quando se fala em discurso religioso, pensa-se logo em um discurso de glória, honra e louvor, no caso a alguma entidade religiosa. Aqui temos a mistificação do exército como instituição e da República como regime, ou seja, a elevação da instituição a um nível extra terreno. Isso pode ser observado em: "A República está proclamada!", "A unidade, a pátria está salva!", "Viva o exército!", "Viva a pátria!", "Viva a República!".

Além das duas características citadas, temos uma estratégia parecida de convencimento. As religiões, de modo geral, tentam conseguir mais fiéis convencendo as pessoas de que sua entidade superior não é apenas a solução, ela é a única solução. O enunciador, com outras palavras, vai adotar esse mesmo discurso. "Eis a eterna glória, a glória sem egual d'este grande povo, que assim realisa o solemne e commovente espetáculo nunca d'antes presenciado [...], profunda revolução, incruenta, sem effusão de sangue, imaculada".

A glorificação continua, quando a armada é eleita o herói da revolução, que luta contra a tirania do Império. "Bastou que a nação armada – o valoroso exército e a valorosa marinha béllica – fraternisando com o povo, cançada já de suportar com heroica resignação os desmandos, os vexames, as affrontas, e o ousado arbítrio de um poder provocador e abusivo". Aqui temos a construção da figura do mártir, aquele que suporta os contratempos heroicamente, e aqui no caso, ainda dá a volta por cima. O sujeito aqui eleito foi o exército, que luta contra as injustiças do Império para contra si e contra o povo. Faz-se uma oposição à figura do imperador.

A construção de uma dicotomia (bem vs mal) permeia por todo texto, mas especialmente em alguns pontos, ela se coloca de forma mais evidente. O enunciador afirma diversas vezes que sempre esteve ao lado do bem (a República), mesmo com toda a opressão do Império (o mal). E que, agora, sua causa teria ganhado mais seguidores. Com o apoio do "povo", não haveria mal que resistisse. "Desamparado pela população, assim isolado no seio do paiz, a um tal systema governativo só restava baquear, como baqueou".

Ao final do texto, temos mais uma vez o apelo ao discurso do louvor, as ideias de condenação, predestinação e obra divina tomam conta do último parágrafo, como pode ser retratado: "Estavam previstas as consequências d'essa pollitica fatal: a gloriosa e fecunda revolução de hontem completou a grande obra do nosso passado histórico".

Aqui, o termo revolução foi utilizado de uma forma positiva, não houve nenhuma ênfase à violência e sim uma forma de definir o movimento como tendo grande participação popular, sendo um símbolo da vontade do povo e do melhor para o povo.

De acordo com o contexto histórico já apresentado, o Rio Grande do Sul foi uma das primeiras províncias a ter contato com o liberalismo, que ia contra grande parte do estilo e das decisões tomadas no Império. Logo, é de se imaginar que seu enunciador fala para um enunciatário que tende a ser favorável ao novo regime, que se mostra liberal, com ideias

econômicas mais atrativas para as províncias, que fosse contra o trabalho escravo, que era extremamente improdutivo, entre outros.

Aqui temos um enunciatário que mesmo sendo um observador instiga o fazer, a participação popular em um evento que é conveniente para si e para seus enunciatários. Aqui o âmbito do saber fica um pouco comprometido, pois a instituição passa o texto todo mistificando os participantes da proclamação e não conta exatamente o que aconteceu, como foi, a cronologia, etc. Então temos um discurso passional, pouco informativo e que busca justamente tocar o lado mais emocional de seu enunciatário, que deve se preocupar que "bem" venceu e ele precisa prestigiar a festa, consequentemente, prestigiar o novo regime.

Aqui não há questionamentos, não há dúvidas. Todas as figuras relacionadas à república têm um teor positivo. É o fim da tirania, fim do privilégio, é o governo da maioria e não dos abastados. Aqui se segue a ideia do primeiro texto analisado, da "Província de São Paulo", que tinha muitos elogios, pouco questionamento e pouca reflexão. A diferença é que "Província de São Paulo", além da militância, foi dada grande prioridade ao "saber", eles informaram, cronologicamente inclusive, todos os acontecidos.

A construção temporal é completamente voltada para o tempo presente, que é enaltecido incessantemente e que projeta um futuro promissor, fazendo oposição ao passado imperial que remetia ao atraso. O espaço está distante do enunciador, considerando que a proclamação foi no Rio de Janeiro, mas ele faz um transporte espacial e tenta aproximar ao máximo a questão de seu enunciatário, como se tivesse acontecido "aqui e agora" para que todos pudessem compartilhar o momento.

#### 3.5 - A reação

# República e Republicanos

O próximo texto a ser analisado foi retirado do periódico *A Reacção*, que circulou durante o ano de 1889 no Pará. O primeiro fato curioso é que o jornal não é publicado todos os dias, mas fez uma publicação na data de 17 de novembro de 1889, dois dias após a Proclamação da República. Nessa publicação, no entanto, não há qualquer menção sobre o evento. Uma página foi dedicada à Proclamação somente na publicação seguinte, no dia 27 de novembro do mesmo ano.

O periódico dedica a primeira página para anunciar o fato. São publicados dois textos, o primeiro deles, sem título, se assemelha muito a uma carta ao leitor, e o segundo, intitulado República e Republicanos, a um editorial.

Primeiramente, carta ao leitor é um texto no qual o editor de uma revista ou jornal se dirige ao leitor empírico, comentando a edição, tanto no que diz respeito ao conteúdo como o trabalho de bastidores. O texto pode ser narrativo, descritivo, explicativo ou argumentativo. No caso, podemos ver que o texto é marcado pelo uso da primeira pessoa do plural, o que já traz a primeira característica da carta ao leitor, que é falar de si, logo, em primeira pessoa. É diferente do editorial, que fala do outro, comenta acontecimentos geralmente como espectador, raras vezes como participante.

Podemos notar que o primeiro texto não faz quase nenhuma crítica sobre o novo regime em si. O enunciatário fala da própria situação como democrata em meio ao antigo regime e suas esperanças (e desesperanças) de mudança, como pode ser visto em: "Ninguém ignora que as emprezas jornalísticas não podem alimentar-se do clássico-TENHA PACIENCIA-porque com essa moeda não encontramos, nem ninguém encontrará quem forneça os materiais necessários para se imprimir o jornal".

Uma questão curiosa, é que o texto pede abertamente para que os assinantes do periódico apoiem o novo regime. "Democratas convictos, verdadeiros propagadores das idéas adiantadas e extremados obreiros do progresso, para engrandecimento de nossa cara pátria, não pozemos a menos duvida em adherir á nova forma de governo, e pedimos aos nosso antigos coreligionários e aos cametaenses em geral, que adhiram para com a maior rapidez consolidar-se as bases de uma República bem formada".

O primeiro apontamento sobre esse primeiro texto é que já na época havia um sistema de assinaturas. Não há detalhes sobre tal sistema, valores, modo e data de pagamento, ou o qual era o produto incluso dentro dessa assinatura. Mas o sistema de pagamento para recebimento contínuo do periódico já existia. O segundo é que essa não é de forma nenhuma uma estratégia de persuasão e convencimento praticada pelo texto editorial, que enaltece, deprecia, envenena o enunciatário, mas dificilmente diz abertamente que o está fazendo. A ilusão de neutralidade é essencial para que o enunciatário não se sinta persuadido. A intenção é fazer com que ele concorde naturalmente com os argumentos apresentados, e não que ele ceda a um pedido. De modo geral, a concordância se deve mais ao fato de o enunciatário se identificar com a ideia apresentada, do que um convencimento em si.

O segundo texto, intitulado "República e republicanos" vem reforçar a ideia do periódico em relação ao novo regime, mas ao contrário do primeiro texto, o enunciador agora se coloca como um espectador. Ele analisa o cenário da Proclamação, apontando a posição em que as instituições e a população passam a ocupar.

Apesar da utilização eventual da primeira pessoa do plural, como pode ser observado em: "Entretanto, não nos parece fora de propósito indagar si temos republicanos", o texto se constrói majoritariamente em terceira pessoa. O enunciatário, além disso, utiliza uma linguagem muito mais objetiva. No texto anterior, temos um caráter emocional envolvido, o que resultava em orações como: "Mostraremos, dessa forma, que acima de tudo, somos cametaenses, e que em nossos corações não podem perdurar as disseminações que apenas saibam inocular...". Esse teor tocante, que instiga a empatia do enunciatário, é substituído pela crítica.

Em sua análise, o enunciador divide a população em três grupos, descreve suas identidades, demonstrando sua opinião, e no final dá sua ideia para o sucesso do novo regime. Aqui a persuasão se dá de acordo com o nível de crítica que é feita a cada um dos grupos.

Primeiro, ele vai definir os opositores ao Império, aqueles que permaneceram o tempo todo fazendo propagandas a favor da República. A expressão utilizada para caracterizar o grupo foi "batalhadores infatigáveis". Isso mostra que há uma certa admiração do enunciador por este grupo que se manteve todo tempo como oposição apesar de todas as adversidades.

Depois ele define os já citados e descritos em outros textos "Situacionistas independente da situação", aqueles que apoiam qualquer regime, desde que se mantenha a democracia. A expressão que os descreve é: "democratas sinceros". Apesar de parecer um termo neutro, e até de certa forma positivo, esta descrição se tornará ambígua ao longo do texto, quando a sinceridade desses sinceros democratas será questionada. Aqueles que se posicionam a favor de qualquer regime seriam dignos de confiança?

Outro ponto importante a ser abordado e explicado aqui é a provável noção de democracia vigente na época. O enunciador dá a entender que o regime monarca de Pedro II era democrático, o que é questionável seguindo a perspectiva atual de democracia. Por mais que seja sabido que Pedro II não era um rei absolutista, delegava funções, tinha uma espécie de parlamento, mas que não era eleito. E se a eleição é o que garante uma certa participação social nas decisões da nação, a falta dela não está de acordo com a democracia.. A questão é que o

primeiro presidente republicano, Marechal Deodoro, era um militar, e não foi eleito, visto que a proclamação foi um golpe. O segundo presidente, Marechal Floriano Peixoto, também era um militar e também não foi eleito. O terceiro presidente, esse sim um civil, paulista, republicano, Prudente de Morais, também não foi eleito, visto que até houve eleição, mas boa parte do país não votou por diversos motivos. O mais importante deles é que poucos se lembram que o voto universal no Brasil é recentíssimo, e não tinha qualquer relação com o conceito de democracia do século XIX.

O terceiro e último grupo descrito é o da massa flutuante. Este sim abertamente depreciado pelo enunciador. "ambiciosos vulgares, sem ideas nem princípios definidos, massa flutuante, levada facilmente para onde a impelem os interesses pouco dignos". Esta é a maioria, a massa que está completamente alheia ao que está se passando e é facilmente manipulável para defender qualquer dos lados.

Este é talvez o único editorial, dentre os analisados, que faz uma crítica que se aproxima do historicamente verossímil. Ele admite que, por mais que se coloque a favor do novo regime e que aqueles que o apoiam são admiráveis, a ideia de que a Proclamação tocou a grande massa é ilusória. A maioria é composta de pessoas com as quais o novo regime não pode contar, assim é reforçada a ideia da seleção, e não da totalidade, da unidade como um povo, como vinha sendo propagado em outros periódicos. Isso pode ser demonstrado em: "A maior difficuldade com que tem de lutar o governo actual, é distinguir d'entre os que compõe os dous últimos grupos, quaes os seus sinceros adeptos, com cujo apoio possa contar, franco e decidido para a consolidação da República".

E com essa afirmação, o enunciador aproxima o segundo grupo do terceiro, a sinceridade democrática é então substituída pela falta de convicção e a comodidade que também afeta o terceiro grupo. É utilizado aqui um jogo de palavras que representa a seleção dos republicanos sinceros entre os sinceros democratas.

Por fim, podemos ver como a argumentação que se constrói ao longo do texto vem preencher o significado da primeira frase: "Para se fundar uma República é preciso republicanos". O enunciador busca convencer seu enunciatário de que não adianta ter uma minoria republicana e uma grande massa que flutua e um ou outro grupinho que componha, simplesmente pelo fato de que compor é muito mais fácil que confrontar. A ideia que ele quer passar é que para o novo regime dar certo é preciso ter pessoas que sejam convictamente

republicanas e que acreditem e lutem pelos ideais da República.

Então temos o enunciador que, dentre os analisados, mais prezou pelo "saber". Ele atribuiu ao tema republicano questões mais ligadas à unidade do movimento, aos valores que ele quer pregar, da decisão, da sabedoria para escolher seus aliados. É também o enunciador que mais projeta a dúvida no futuro republicano, ele tira o foco do tempo presente, como se os acontecimentos, a proclamação, não fossem uma vitória em si e sim apenas o começo da batalha.

Aqui, tem-se a nítida impressão de que o enunciatário não é diretamente o povo, que quer se manter informado, mas as próprias autoridades, participantes ou não da proclamação. Foi também um estímulo ao "fazer", mas não de forma militante e sim de forma a tomar uma posição que seja clara e defende-la. Ter uma situação que está de acordo com as novas regras e uma oposição convicta, diminuindo a massa flutuante.

### 3.6 - A verdade política

## A República

O próximo e último texto selecionado para análise é do periódico mineiro *A Verdade política*, que circulou entre 1888 e 1889. Aqui temos outro caso em que a Proclamação da República fora anunciada com quase duas semanas de atraso, no dia 26 de novembro. Lembrando que outras publicações foram feitas neste meio tempo, mas nenhuma delas sequer mencionava o novo regime.

Aqui, temos dois textos relevantes na primeira página. "Nova Phase" e "República". O primeiro deles é uma carta ao leitor, que assim como a carta ao leitor no texto anteriormente analisado, vem fazer uma autoanálise do periódico, o segundo é uma mistura entre uma carta ao leitor e um editorial, que analisa o comportamento da população diante da Proclamação.

As diferenças entre uma carta ao leitor e um editorial já foram bem salientadas na análise do periódico anterior, porém é importante aqui ressaltar que temos um enunciatário contrário ao novo regime. Ele avalia a situação como uma derrota honrosa daqueles que defenderam o Império. "Cahimos, mas como velhos soldados, valentes e leaes, cahimos com a nossa bandeira". Essa frase tem uma dupla acepção. Ela faz referência à queda do Império e daqueles que se colocavam favoráveis a ele somente (não inclui os situacionistas), e também ao fim do periódico, que fez desta sua última publicação. "

Comunicar o fim do periódico ou uma grande mudança de ponto de vista requer uma justificativa, que se estende tanto aos assinantes, que pagam pelo serviço, quanto aos enunciatários esporádicos, que podem, ou não notar sua ausência. Era muito comum na época aparecerem e desaparecerem jornais independentes, é preciso uma justificativa marcante, para que este não se torne apenas mais um que veio e se foi. A ideia de se auto justificar aparece inclusive entre os primeiros parágrafos. "À nós é precizo bem salientar este facto para justificar a modificação nesta parte do nosso programma".

Mas é importante salientar que ele não calcula o próprio fim no texto, a ideia era continuar a fazer publicações em prol das leis, da democracia, independente do regime, ou seja, fazer parte do segundo grupo descrito no editorial do jornal *A Reacção*. Não ser um opositor e nem um apoiador. "Reconhecendo ainda que >> fará de sua columnas o laboratório de todas essas reformas, inherentes aliás ao engrandecimento do Brazil, em qualquer forma de governo".

Seguindo essa ideia, a carta ao leitor se direciona ao leitor do jornal, um enunciatário que era provavelmente a favor do Império, contra a República e que agora se vê dentro de um novo regime republicano. A justificativa tem a intenção do convencimento, de que, primeiramente, o jornal não deixará de prestar seu trabalho crítico em relação ao que há de errado, como pode ser visto em: "Não se falseou de todo, porém, a nossa posição, e afóra aquelle continuamos a desempenhar os nossos outros deveres".

E depois, de que é perfeitamente aceitável torcer para que o novo regime dê certo, mesmo tendo sempre apoiado o Império, o que nos traz a ideia de conformidade, massa também de respeito ao desejo da suposta maioria republicana.

No segundo texto da página, o que vemos é uma outra carta ao leitor, que também é um tipo de texto opinativo que figura nas primeiras páginas do jornal. O próprio enunciador comunica que a intenção aqui não é fazer auto avaliações ou mais justificativas como pode ser visto na declaração do primeiro parágrafo: "Epitomar o advento do novo governo da nação, ponderando a opinião loca, não é por certo fazer política, que já hoje banimos dos compromissos redaccionaes desta folha. A intenção no começo do texto é se colocar como "porta voz" do povo.

Mas no fim do texto ele reafirma a posição de conformidade do periódico: "A mesma submissão e respeito com que obedecíamos às depostas instituições com todas suas leis, saberemos ter para com quaisquer outras que nos hajam de governar e de gerir os públicos negócios".

Ele surge com a proposta de comentar a situação política de acordo com os interesses da província, mas ao longo do texto vai mostrando cada vez mais marcas de subjetividade, um vocabulário emotivo e até uma certa nostalgia em relação ao regime que se vai. Esse saudosismo fica claro em: "Mais uma vez pisará esse solo o encanecido Imperador, mais uma vez as suas altas virtudes afagaram (afagarão) as nossas relações e sympathias: era natural dizermos-lhe um adeus de saudades e de prantos, de luto e de tristeza, que a gratidão inspira e a veneração impõe."

A exemplo de outros, também é um texto que tenta tocar o enunciatário pela emoção, pela nostalgia, boas lembranças, entre outros. Sabemos que uma das formas de se provocar a empatia do leitor é a emoção. E no caso, ela foi a estratégia utilizada para tocar aqueles que também se identificam com a causa.

Aqui temos totalmente um foco temporal no passado, que é de certa forma enaltecido, mas que principalmente promove um grande valor emocional ao enunciatário. Aparentemente o "aqui e agora" não é mais o mesmo e futuro será mais diferente ainda. Provavelmente as mudanças efetivas demoraram um certo tempo para acontecer, mas esse sujeito da enunciação já nos apresenta um presente diferente de suas expectativas, enfatizando a saída do imperador.

Assim como no temporal, o foco espacial não é no local onde o sujeito se encontra, mas ele tenta aproximar seu enunciatário do acontecimento para conseguir mais empatia, para mostrar melhor a realidade, como se estivesse dizendo que aconteceu no Rio de Janeiro, mas que o impacto vai ser no país todo, então de certa forma também é "aqui".

## 3.7 - Breve olhar de conjunto

É importante ressaltar que foram analisados diversos periódicos das províncias do centro-oeste. Apesar de muitos deles publicarem durante o período republicano, nenhuma notícia sobre a Proclamação da República foi encontrada. Tal fato é curioso e ao mesmo tempo muito significativo, pois vai ao encontro da ideia de que a Proclamação foi meramente ilustrativa. A falta de notícias do evento mostra de certa forma que ele não teve grande importância para os jornalistas e a população daquela região.

Além disso, a região era na época predominantemente rural, o que fazia com que as notícias se espalhassem de forma mais lenta. Mesmo assim, dentro do ano de 1889, não foi encontrada nenhuma notícia sobre a mudança do regime no material disponível para análise.

Ao final das análises podemos também destacar algumas recorrências que colaboram

para definir o gênero e também para reforçar o viés opinativo do texto. O simulacro da objetividade que muitas vezes se manifesta em um nível narrativo, mas que não se sustenta no nível discursivo.

A primeira recorrência é o título. Todos os textos possuem um título, inclusive a crônica, que em seu próprio gênero também se define como um texto que contém um título. No caso da crônica pudemos observar um título humorístico, que também é característica da crônica brasileira. Nos editoriais, o título é parte do texto, ele resume o tema e é capaz de mostrar as pretensões enunciativas e o ponto de vista que será retratado no texto, além do nível de subjetividade.

Alguns dos exemplares escolhidos possuem um título genérico, como "República Brazileira", outros um título mais incisivo, como "A solução da crise". Aquele que nomeia o texto como "A solução da crise" está tematizando muito visivelmente mais o ponto de vista em relação ao acontecido. O título por si só, porém, se coloca de forma ambígua, pois pode ser tanto uma afirmação sincera como sendo o novo regime a solução para os problemas, quanto uma afirmação irônica, o que é muito comum ao gênero. No caso, lendo o texto podemos perceber que é uma afirmação aparentemente sincera e que o enunciador de fato se utiliza de argumentos para persuadir o enunciatário à cerca dos benefícios do novo regime.

Temos abaixo uma tabela com alguns termos que se repetem nos periódicos e a frequência.

TABELA 2 – Temas recorrentes

TABELA 2 – Temas recorrentes			
Termo	Periódicos	Frequência	
República	A Província de São Paulo	11 vezes	
	O Fluminense	6 vezes	
	A Reacção	5 vezes	
	A Federação	3 vezes	
	Diário de Pernambuco	1 vez	
	A Verdade Política	1 vez	
Pátria	A Federação	5 vezes	
	A Província de São Paulo	3 vezes	
	A Verdade política	3 vezes	
	O Fluminense	2 vezes	
Ordem	O Fluminense	4 vezes	
	A Província de São Paulo	2 vezes	
	A Verdade política	1 vez	
	A Reacção	1 vez	
Revolução	Diário de Pernambuco	4 vezes	
	A Federação	2 vezes	
	A Reacção	1 vez	
	A Província de São Paulo	1 vez	
Dynastia	O Fluminense	1 vez	
	A Reacção	1 vez	
	Tabala da autoria nrány		

Tabela de autoria própria

Primeiramente, a palavra "República" é utilizada em todos os periódicos, até por se tratar do evento da proclamação. A favor ou contra, todos citam a república como sendo o novo regime. Alguns citam muito, como a *Província de São Paulo*, outros apenas uma vez, como o *Diário Pernambucano*. O importante além da quantidade de vezes que esse tema é abordado, são as figuras que vêm atreladas a ele. Em alguns casos temos o progresso, a democracia, a representatividade, um Brasil para os brasileiros, com uma forma de governo eleita pelo povo. Em outros casos, temos a desconfiança, o ceticismo e a esperança para aqueles que, ou estão assumidamente encima do muro, ou se dizem do lado da democracia e apenas esperam para ver do que será capaz o novo regime. Na outra ponta, a república é ligada à conspiração, à violência, selvageria, governo dos não pensantes e que irá destruir o país.

A palavra "revolução" é majoritariamente utilizada no periódico *Diário Pernambucano*, que é contrário à república e utiliza essa palavra várias vezes de forma negativa, inclusive fazendo alusões à revolução Francesa, indicando um possível assassinato da família real, dando ênfase à violência e selvageria do evento. Esse periódico foi também o único a utilizar o termo "conspiração", para se referir aos fatos que encadearam o evento. É importante ressaltar que todas as figuras utilizadas estão mais ligadas ao tema de revolução do que república. O que se questiona é a conspiração, a falta de motivação para a troca de regime, já que se considerava o Império promissor e a figura do imperador como sendo benéfica. Ao contrário dos periódicos que defendiam a República, o Império ainda foi ligado ao progresso, ao futuro e até a uma certa ordem. Já a república já surgia como um regime ilegítimo pela forma conspiratória com que elese difundiu, a violência, a injustiça e várias outras figuras que foram outrora atribuídas às revoluções.

Além disso, o *Diário Pernambucano* também não utiliza um termo que foi utilizado por quase todos os outros, que é "pátria", o que nos leva a imaginar que essa terminologia remete ao tema da república. Os republicanos utilizam o termo pátria para representar certo nacionalismo. Há uma grande ligação entre a república e a pátria, como sendo uma sequência causal, ou seja, o novo regime seria uma consequência do patriotismo. Como um periódico que representa opiniões contrárias ao novo regime, não se surpreende um termo tão ligado à república não ser utilizado, até porque o Império não despertava uma noção tão clara de pátria considerando que o imperador era um membro da família real portuguesa.

Outra palavra que foi citada apenas duas vezes, mas que tem muito significado, foi "dynastia", o que ao antigo regime. A "dynastia" aparece como um tema antagônico à república

e que vai completamente contra o conceito de poder popular. Essa questão também remetia a uma forma de governo tipicamente europeia e que não representa o novo mundo, dando forças ao imaginário republicano.

A palavra "ordem" também é utilizada em vários sentidos. A ordem que implica uma organização atribuída ao evento e também ao novo regime é apenas utilizada por alguns periódicos que defendem com mais afinco o regime republicano, tais como a *Província de São Paulo*. Os periódicos que são a favor, mas tentam se distanciar do evento, não utilizam esse conceito de ordem, mas reforçam o termo proclamação, que alude a uma solenidade e não a uma guerra.

# **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final do trabalho podemos concluir que o editorial do século XIX se manifesta de uma forma um pouco diferente da que ele se manifesta hoje. Nos editoriais hodiernos é muito raro encontrarmos uma manifestação narrativa em primeira pessoa, já nos textos analisados é até comum que os enunciadores se coloquem no meio do texto, principalmente com o pronome "nós", que é recorrente. Nos editoriais modernos, é possível encontrar o pronome "nós", mas não é comum.

A imparcialidade em si não é uma característica do texto editorial, mas a tentativa de parecer imparcial e principalmente ponderado é. E nos periódicos analisados a preocupação com a imparcialidade também parece ser reduzida, visto que a maioria deles descreve o evento segundo sua própria opinião e com muita ênfase, tanto para defender o novo regime quanto para atacá-lo.

Uma característica que se repetiu em todos os textos foi a conveniência. Assim como pôde ser notado em um trabalho anterior de monografia, o enunciador fala de acordo com seu enunciatário. Mais que uma ideia de tentativa de persuasão, temos um enunciador que fala mais ou menos o que o seu enunciatário quer ouvir.

O que aparece nos textos dentro das análises demonstra um comportamento das instituições e de seus enunciatários que vai ao encontro do contexto histórico e à situação política em que a província se encontrava. É claro que essa conclusão invade um campo mais histórico que e foge às simples análises do discurso de um jornal dentro da província, mas quando se alia o discurso, o comportamento mais ou menos militante, a defesa do regime antigo ou do novo, os interesses políticos das províncias, entre outros, é possível entender melhor que muito provavelmente os enunciadores falam de acordo com o seu enunciatário.

Muito mais do que persuadir, nota-se que aqui busca-se reforçar um pensamento que já existe no meio a que pertence esse enunciatário. Considerando, por exemplo, que em São Paulo apenas uma pequena elite sabia de fato ler e tinha acesso a jornais e que os maiores interessados em uma mudança de regime eram parte dessa elite. É para eles que o jornal escreve. Até porque os periódicos eram majoritariamente regionais, é bem pequena a possibilidade de um morador de Pernambuco ter tido muito contato com os exemplares da "Federação" e se sentir influenciado pelo entusiasmo republicano.

Mesmo hoje com a difusão da internet e das versões eletrônicas de quase todos os periódicos do Brasil, com o amplo acesso, as pessoas com ideias já formadas dificilmente acessam periódicos que elas imaginem defender uma ideologia contrária.

Quando o periódico *A Verdade Política* faz a divisão da população em grupos e descreve um dos grupos como sendo uma grande massa flutuante e que é facilmente influenciável, ao mesmo tempo em que se determina um grupo que pode sim ser convencido de algo, no fim das contas esse grupo não colabora para nada. Não foi esse grupo que colaborou para a proclamação e não foi esse grupo que acrescentou algo na nova República. Ao contrário de hoje, que temos uma manifestação por semana para todos os lados políticos, a massa influenciável do final do século XIX não se mobilizava tanto assim. E as instituições sabiam disso, então, pelo que os textos fazem parecer, elas falavam muito mais para aqueles que já eram adeptos às suas ideias e que tinham algum poder de "fazer acontecer".

Podemos observar de uma forma até evidente que os enunciatários estão divididos de acordo com interesses. Os que instigavam mais a participação popular, que defendiam que a República é um movimento do povo e para uma nação são pertencentes às províncias que já apoiavam a mudança de regime e que se beneficiaram com essas mudanças, seja de forma política ou econômica. Do outro lado, temos os enunciatários que apoiam o Império, que deturpam o conceito republicano de nação, são pertencentes a províncias que na época se beneficiaram muito com o Império e que posteriormente na República acabaram perdendo sua importância e influência. Já os que ficam encima do muro, não enaltecem, mas também não depreciam, são os que ainda não sabem qual é o real benefício e estão esperando para ver e por isso que o "saber" é tão importante. É essencial saber qual é a real proposta do novo regime, se ele vai me beneficiar ou não para depois assumir uma posição.

É possível fazer uma separação pelo discurso de cada região. Temos primeiramente o Sudeste, que protagoniza a Proclamação da República. O evento se passa na capital e é amplamente amparado pela província de São Paulo. Temos o Sul, que apoia a posição republicana inconteste de São Paulo. O Sul assume um papel de submissão ao Sudeste, lembrando que o protagonismo sulista dentro do novo regime vai se dar muito depois, com um novo golpe e a ascensão de Vargas (1930).

Em contrapartida temos o Nordeste que se coloca contra o novo regime. Lembrando que o *Diário de Pernambuco* foi o único periódico que foi contra e se colocou como opositor,

procurou depreciar o novo regime e associá-lo à violência, selvageria e ao público não pensante. Já o Norte, representado pela província do Pará com o periódico *A Reacção* é de todos os que mais reflete sobre a situação, que não enaltece e nem deprecia, mas sim expõe da forma mais objetiva o que seria necessário para o sucesso da República.

No meio, dividindo o país em um sul eufórico e um norte contrariado, temos o centro que não se manifesta. Como foi dito, as províncias do centro do Brasil não se manifestaram. Seria preciso um estudo mais aprofundado para confirmar os reais motivos do não manifesto.

É importante entender aqui o contexto político da época e o quanto ele influenciava as instituições, lembrando que muitos dos periódicos analisados eram jornais partidários, eles eram impressos para comunicar situações políticas e na época os partidos tinham uma organização diferente da atual, até porque não havia eleições. Isso reforça ainda mais a tese de que esses editoriais eram escritos para os adeptos, com o objetivo primário de unir ali uma linha de pensamento e secundário de conseguir novos adeptos.

Outro ponto a ser abordado é a semelhança com o editorial de hoje no que tange ao desequilíbrio e falta de clareza entre o que é informação e o que é opinião. Como já foi descrito e pôde ser observado nas análises, o gênero editorial tem por característica afirmar e opinar sobre aquilo muito mais do que informar e dar explicações. Vimos que o novo regime não é discutido de forma objetiva. Em nenhum periódico se discute o que efetivamente vai mudar, além dos integrantes do governo. Só se fala ou que vai ser muito bom, ou que vai ser muito ruim ou que vamos aguardar para ver.

Desse modo, a informação parece não ser pertinente ao gênero. O enunciatário pode até tomar conhecimento de algum fato por meio de um editorial, mas essa informação provavelmente já não é "primária", já passou por uma valoração argumentativa. Esse é um dado para o qual já tínhamos apontado em nossa análise de editoriais sobre Dilma Roussef (SILVA, 2016), o que nos autoriza a dizer, ao reencontrá-lo nos editorias do século XIX, que essa é uma característica fixa do gênero. O que nos perguntamos é como conceber um gênero opinativo em que a informação não fundamenta a opinião.

#### **BIBLIOGRAFIA**

BÁCCARO, L.; NASCIMENTO, E. L. . *O gênero editorial na perspectiva do interacionismo sóciodiscursivo: o contexto de produção*. In: V Encontro Científico do Curso de Letras - O Desafio das Letras FACCAR, 2007, Rolândia-PR. Anais do V Encontro Científico do Curso de Letras - O Desafio das Letras FACCAR. Rolândia-PR: FACCAR, 2007. v. 1.

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandin. *Veridicção: um problema de verdade*. Alfa: Revista de Linguística, São Paulo, v. 32, p. 47-52, 1988. Disponível em: http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3797. Acesso em: 27 de out. 2018.

BARROS, Diana Pessoa Luz de. Teoria semiótica do texto. São Paulo: Ática, 1990.

\_\_\_\_\_\_. *Teoria do discurso: Fundamento*s semióticos. 3. ed. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 2002.

BARROS, M. Glossário de transnominações em que não se explicam algumas delas (nenhumas) ou menos. In:\_\_\_\_\_\_. Arranjos para assobio. 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 1998. p.46.

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República, de 1889 a 1930*. 3.ed. São Paulo, Fulgor, 1968

BENVENISTE, Émile. Problèmes de linguistique générale. Paris: Gallimard, 1974. t. 2.

\_\_\_\_\_. Problemas de lingüística geral. Tradução Maria da Glória Novak. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976. t. 1.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi.* São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*. São Paulo. Companhia das Letras: 1990

FIORIN, José Luiz. As astúcias da enunciação. São Paulo:Ática, 1999.

FONTANILLE, Jacques. Semiótica do discurso. 2 ed. Trad. Jean Cristtus Portela. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A.J. e COURTÉS, J. (1987). Dicionário de semiótica. São Paulo: Cultrix, 1984.

GREIMAS, A.J. Sobre o sentido: Ensaios Semióticos. Petrópolis: Editora Vozes, 1975.

\_\_\_\_\_\_. Semântica Estrutural. Tradução de Haquira Osakape e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, Universidade de São Paulo, 1973.

GOMES, Regina Souza. A modalização em reportagens jornalísticas. Diadorim: Revista Científica do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Rio de Janeiro, v. 4, p. 207-221, 2008. Disponível em: https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3883. Acesso em: 27 set. 2018.

HERNANDES, Nilton. A mídia e seus truques: o que jornal, revista, TV, rádio e internet

fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.

MARQUES DE MELO, José 1999: Luiz Beltrão; pioneiro dos estudos de folk-comunicação no Brasil. Revista Latina de comunicação Social, 21.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3a. ed. – revista e ampliada. Campos de Jordão: Editora Mantiqueira, 2003.

PORTELA, Jean Cristtus. Semiótica midiática e níveis de pertinência. *In*: DINIZ, M. L. V. P.; PORTELA, J. C. (Orgs.). Semiótica e Mídia: textos, práticas, estratégias. Bauru: Unesp/Faac, 2008, p. 93-113.

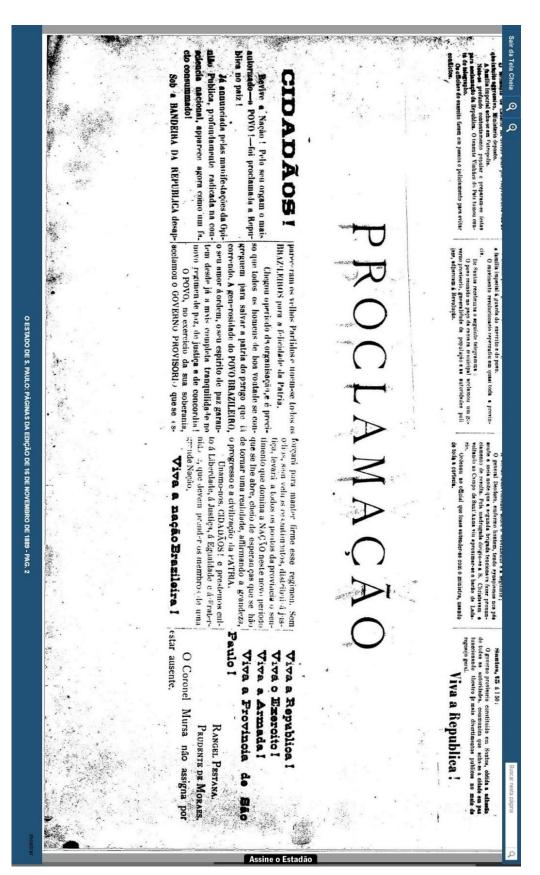
\_\_\_\_\_\_; SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. A noção de gênero em semiótica. *In*: PORTELA, Jean Cristtus *et al* (Org.). *Semiótica*: identidade e diálogos. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 69-95. Disponível em: http://www.academia.edu/24648940/A\_noção\_de\_gênero\_em\_semiótica. Acesso em: 21 jul. 2018.

PROPP, W (1970). Morphologie du conte. Paris: Seuil

SAUSSURE, F. de (1969). Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix/EDUSP.

SCHWARTZMANN, Matheus Nogueira. Cartas marcadas: Prática epistolar e formas de vida na correspondência de Mário de Sá-Carneiro. 2009. 293 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2009.

## **ANEXOS**



75

6.1 - Proclamação

CIDADÃOS!

Revive a Nação! Pelo seu orgam o mais autorizado - O POVO! - foi proclamada a República

no paiz!

Já annunciada pelas manifestações da Opinião Publica, profundamente radicada na consciência

nacional, apparece agora como um facto consummado!

Sob a BANDEIRA DA REPUBLICA desappareceram os velhos Partidos unem-se todos os

BRAZILEIROS para felicidade da Pátria.

Chegou o período da organização, e é preciso que todos os homens de boa vontade se

congreguem para salvar a pátria do perigo que ia correndo. A generosidade do POVO

BRAZILEIRO, o seu amor á ordem, o seu espirito de paz garantem desde já a mais completa

tranquilidade no novo regimen de paz, de justiça e de concordia!

O POVO, no exercício da sua soberania, acclamou o GOVERNO PROVISORIO, que se

esforçará para manter firme esse regimen. Sem ódios, sem velhos ressentimentos, distribuirá

justiça, levará a todos os pontos da província o sentimento que domina a NAÇÃO neste novo

período que se lhe abre, cheio de esperanças que se hão de tornar uma realidade, afirmando a

grandeza, o progresso e a civilização da PATRIA.

Unamo-nos CIDADÃOS! E prestemos culto á Liberdade, á justiça, á Egualdade e á

Fraternidade e, que devem prender os membros de uma grande Nação.

Viva a nação Brazileira!

Viva a República!

Viva o Exercito!

Viva a Armada!

Viva a Provincia de São Paulo!

Rangel Pestana, Prudente de Moraes.

O Coronel Mursa não assigna por estar ausente.

Ø

Sair da Tela Cheia

Assine o Estadão

Recebemps houten o seguin to telegramma: ...

Est proclamata Republica no Brail. Consta que e governo profesto sem desta de constante de manical de constante de constituiro pelo general Declarora e Quintino Becarura.

Affirmam outros que o governo será constituido pelo general Declaro. Quintales Deceyura e Benjamina Constant.

Pode cenvocada una reunido proplar pera accidamação de govero O ministerio de lo trigulo a savigara e sau demissão do govero O ministerio de lo trigulo a savigara e sau demissão de govero Darás de Lorizo a asalgara e sau demissão.

Capo que recebemos este telegramma, tramos distribuir o sepotente peletin.

Gladien.

Poro de primeiro dever do republicano nacional i
(man-osto) per genera do republica o caudinanto nacional i
(man-osto) per general de republicano meste momento e ser

Alian, previdante, justo, tolerante, para ser emurgico a ser

Alian, previdante, justo, tolerante, para ser emurgico a ser

Alian, previdante, justo, tolerante, para ser emurgico a ser

A Republica algaifon a paz, o progresso, a civilisação. Unamo-nos sem distinação de partidos para firmarmos esse novo faginda que nos ba de trazer a gioria, a grandeza en folicidade i

Viva a Acpublica:

Esta not cia nio caugu antiturissu o ; produziu delirio indiacrip-tivej ; sam una apponició, sem una sombra de tristaz; o nostenta-másto foi genti ; sa seciamações à nascente Republica traduziam-se-por -legras expandes do patricitamo e de fraternidade ; O pero con-frate naisen nas mas, em grandes exclumeções de jubilo.

Pouco depois recebramos o seguinte telegramma : « A organisação difluitiva do governo provisorio é a seguinte : gi ve o Benjamim Constant.

soldados das guarnições arrancaram as coroas dos bonets, conservando spense o numero dos regimentos a que pertencem.

iss as guarnições adheram ao movimento. Serimento de Ladario foi derido mais por imprudencis sua do cabe intuito eggressivo. Ministerio deposto.
A mailia funprali abches sem Percepolis.
Nodese profundo contentamento popular e preparam-se festas para sociamendo da Republica. O tenente Vinháes do Paix tomou con-para sociamendo da Republica. O tenente Vinháes do Paix tomou con-

Nunca uma republica foi proclamada com tanto brilhautismo e

em tantu par.

Em gerel os interessos envadicados de longos seculos pelos interesses dynaticos offerecem grando resistencia a sun climitanção; e, por vezas, a victoria do povo é marcala pelo sacrificio sanguinolento por vezas, a victoria do povo é marcala pelo sacrificio sanguinolento por vezas, a victoria do povo é marcala pelo sacrificio sanguinolento parase que syruldaiss o movimento todo; e, ao mesmo tempo, esprime o anosso eterno agradecimento:

Hunra ao Exercito Brazileiro, que acaba de completar a sua aceão benesien ; iniciada em 1831, mostrendo o caminho do exilio á um ty-

Burante todo o dia o poro permaneceu em constante settridade agitandese pelas ruas, inquieto, ancioso a espera do reconhecimento da Republica em São Paulo.

Peins 5 horse, da tarde, depois de uma conferencia da commissão, escentira do partido repúblicano, do fad. Listi Perieris Berraco, per lamentar com o presidente da previncia, silm de saberse qual a stirit tida que presedia manera distra de glorica revoluçõe republicana.

O ar. Gascest Costo de Magylhèse, para entregar o seu posto, impor apeans a condição de que chegavasem, as ordens do geoverno republican, como apeans a condição de que chegavaem, as ordens do geoverno republican, des previendo por lito de caste de destaurant do Globo, o dr. Rangel Pes-De uma das previendo Restaurant do Globo, o dr. Rangel Pes-

tana communicou se povo esta resolução da presidencia.

O gravera porteoriou para S. Paulo, indicado pela Commissão Permaneste do Partido Republicano, era composta dos dra. Rangel Peatsana, Prudente de Morses e Coronel Mursa.

Diante da resolução presidencial, o povo guardou uma calma digna e ao mesmo tempo patriotice.

A anciedade publica continuava ainda, quando recebemos o seguinte telegramma.

A noite recebemos mais a seguinte communtação do Rio : A cidade esta em piena par, reinando grande jubilo por parte do

O povo, o Exercito e a Armada vão installar o governo provisorio,

bove todo.

que consultará a nação pela convocação de uma constituiate. Ha geraes scolamações á Republica.

. Consta que o governo provisorio assignon um decreto confiando a familia imperial á guarda do exercito e do povo. Op vo rennicio no edificio in camara municipal, ouviu a leitura da prochamecto da Republica, na qual nio interviram uenhum dos chefes do movimento.

O movimento revolucionario repercutiu em quasi toda a provin-

A versio más corrente sobre o movimento é a seguinte;
O general Desdoro, emfermo hostem, tendo synapismos nos pés
soube a noste note que a argunda brigada tendionava faser promuciamento de revolta. Pola madrugada dirigin-ca 35. Catatevem
voltando ao Campo de Sant'Ana viu aproximar-se o barle de Lada-

Ordenou ao official que losse entender-se com o ministre, usendo de tode a corfexia.

De Sanoa recebenna o seguinto telegramma:

O poro renuido no pago de enna ra municipal acciamou um ga-verno proviserio, generalidade da população e sa autoridades poli iges, adheriram à Revolução.

rem responder, disparou o rerolver contra o official. O general DeodoTo grittou ao official que não o matassem, porém, não pôde evitar os "ti,
ros que feriram o barño. O official limitou-se a dar voz de prisão ao barão de Ladario. Este

Abertes as portas de quartel todas as forças reunidos confrater-nisaram-se levantando vivas ao general Deedoro. Foram dadas diversas salvas de 21 tiros, annunciando a victoria

do movimento.
Os ministros detidos num seis, ahi flexam até una hora da talde elepois que asignaram a demissão foram mendados embora.
Neste momento ecuba de arr prezo o conselheiro Affonso Celeo.
Foram-cos sinha erriados muitos outros telegrammas, quer do
materior quer do Rio eque não publicamos porque faita-nos o tempo
para e aspaneto do jubilo.

Elo, 15 a. 12 50 da madrugada.

posto am que os collocera a confança popular, convidando so mesmo rempo e provo para assistir baje se il heras a proeficianção eficial da Rempo e provo para assistir baje se il heras a proeficianção de secular de cito de cavalacia de cito adelvama e diverso soficias do fortuna to de exvalibrita, desfruhtado um delir a bandera republicana.

O Dr. Bernardino de Campas doctavou que a Commissão do Partido tomas a si o policitamento da cidade, que com eficio foi leço posto en prática.

A's onze horse grade messa de povo reunida no Club Republi-censo, predenacu e governo povolsch, composto dos citadese Rangel Postune, Prucente de Morese e coronel Mursa.

O dr. Frudente de Morese se Rengel Pestana decelaran scoular

Deside 54 thorse settle on conferencie on membros de genera, compento des citalines A. Liveria, A. C. Teles Neta, dr. Marina Francisco Filho, Ernesto Gouse Henrique Percisi, Masoel Franco Vitalia, al, wellow Wright, dr. Ledo Ribeiro, José Aurem Coste, e Guilharme Souto.

Reina grande jubilo: em toda a população. Viva a Republica. De Compina Glana Expedido o aguinte despacho telegraphico: Saudamos a Prosincia de São Paudo pelo adento da Republica.

Outro telegramma de Santos : O povo Santisfa reunido congratula se pelo advento da Repu-

Reins completa ordem.

No Paço ha muita gente, conselheiro de setado etc.
O imperador mandou os sra. Dantes e Correia conferenciarem com o General Decdoro.

Corre o basto de que o motivo da pristo do sr. Affonso Calso foi ello mão fer cumprido com a palvara tadas a ogeneral. Decdore de ir tratar dos passaportes para Europa, indo ao Pago conferendeir como imperador, indicando o sr. Sireira Martins para organisar ministerio! Consta achieram-se persos tâmbem o sr. Candido de Oliveira aquil co se Silveira Martins ao Santa Catharina.

O povo passa cantando a Marselhera.

O general Deodoro destacou rondas para guardar os bancos. O policiamento de cidade está sendo feito por pragas do exercito

Constitution provisions accessions as wanter amenicaria in control and a state of the control and a st e do corpo de policia. Governo provisorio aclamado na Camara Municipal: Deodoro,

Foram dissolvidos o Senado, a Camara e o Conselho de Estado. Santos, 15 4 1 50:

O governo provisorio constituido em Sutos, obtida a adhesto do tolas as autoridades, communica que scha-se a cidade em pas-funccionando theatro je mais divertimentos publicos no meio de regonijo gerul.

Viva a Republica!

O ESTADO DE S. PAULO: PÁGINAS DA EDIÇÃO DE 16 DE NOVEMBRO DE 1889 - PAG. 2

## 6.2 - REPUBLICA BRAZILEIRA

Recebemos hotem o seguinte telegramma:

Foi proclamada a Republica no Brazil. Consta que o governo provisório será organizado com o general Deodoro e Quintino bocayuva.

Affirmam outros que o governo será constituído pelo general Deodoro, Quintino Bocayuva e Benjamin Constant.

Foi convocada uma reunião popular paar aclamação do governo. O ministério foi obrigado a assignar a sua demissão.

O Barão de Ladario foi ferido e acha-se em perigo de vida.

Logo que recebemos este telegramma, fizemos distribuir o seguinte boletim.

Cidadãos:

Noticias da Corte anunciam a proclamação da República – a forma de governo que exprime o sentimento nacional!

Usamo-nos para garantir a ordem, porque o novo regimen nasce da livre manifestação popular.

Povo, o primeiro dever do republicano neste momento é ser ótimo, previdente, justo, tolerante, para ser ennergico na organização.

A república significa a paz, o progresso, a civilização.

Usamo-nos sem distinção de partidos para firmarmos esse novo regimen que nos há de trazer a gloria, a grandeza e a felicidade.

Viva a República!

Esta noticia causou enthusiasmo: produziu delírio indiscriptivel sem uma oposição, nem uma sombra de tristeza, o contentamento foi geral, as aclamações a nascente república traduziam-se por alegres expansões de patriotismo e fraternidade! O povo confrate [?] nas ruas, em grandes expressões de júbilo.

Pouco depois recebíamos o seguinte telegramma:

A organização definitiva do governo provisório é a seguinte: Deodoro e Benjamin Constant.

Os soldados das guarnições arrancam as coroas dos bonets, conservando apenas o numero dos regimentos a que pertencem.

Todas as guarnições adherem ao movimento.

O ferimento de Ladario foi devido mais por imprudência sua do que intuito agressivo, ministério deposto.

Nota-se profundo contentamento popular e preparam-se festas para acclamação da república. O tenente Vinhaes do Paiz tomou conta do telegrapho.

Os officiaes do exercito fazem em pessoa o policiamento para evitar confictos.

Nunca uma república foi proclamada com tanto brilhantismo e em tanta paz.

Em geral, os interesses envadicados de longos séculos pelos interesses dynasticos oferecem grande resistência a sua eliminação: e, por vezes, a victoria do povo é marcada pelo sacrifício sanguinolento e terrível. Para explicarmos este brilhante resultado, só temos uma phrase que synthetisa o movimento todo, e ao mesmo tempo esprime o nosso eterno agradecimento.

Honra ao exercito Brazileiro, que acaba de completar a sua acção benéfica iniciada em 1831, mostrando o caminho do exilio a um tyramno.

Durante todo o dia o povo permaneceu em constante atividade agirand-se pelas ruas, inquieto, ansioso a espera do reconhecimento da República em São Paulo.

Pelas 5 horas, da tarde, depois de uma conferencia da commissão executiva do partido republicano, foi o dr. Luiz Pereira Barreto, parlamentar com o presidente da província a fim de saber se qual a attitude que pretendia manter diante da gloriosa revolução republicana.

O sr. General Couto de Magalhães, para entregar seu posto, impoz apenas a condição de que chegassem as ordens do governo republicano, constituído no Rio.

De uma das janellas do Restaurant do Globo, o dr. Rangel Pestana comunicou ao povo esta resolução da presidência.

O governo provisório para S. Paulo, indicado pela Commissão Permanente do Partido Republicano, era composta dos drs. Rangel Pestana, Prudente de Moraes e Coronel Mursa.

Diante da resolução presidencial, o povo guardou uma calma digna e ao mesmo tempo patriótica.

A anciedade publica continuava ainda, quando recebemos o seguinte telegramma:

O povo reunido no edifício da câmara municipal, ouviu a leitura da proclamação da República, na qual não interviram nenhum dos chefes do movimento.

Consta que o governo provisório assignou um decreto confiando a família imperial a guarda do exercito e do povo.

O movimento revolucionário repercutiu em quasi toda a província.

## O FLUMINENSE

NICTHEROY, 17 DE NOVEMBRO

deposição da dynastia que reição de um Governo Provisorio e a terminando esse facto a constituilitares feridos em seus brios, detão cheio de serviços á Patria, operou se um movimento dos mibre o brioso exercito brazileiro, exercida pelo governo geral soalmente nestes ultimos mezes foi naria e injusta pressão que ha al guns annos a esta parte e especi-Em consequencia da extraordi-

lentos para as emergencias de mo- cano é muito acertada, pois que mentos poderósos de acção-procilidade, por que encontrou elepeganda bem firmada e altos ta-A transformação se tez com fa-

fiança e de reconhecido merito. çou a agir, pondo á testa dos vá ções pessoas de sua inteira con rios ramos das publicas organisa Constituido o poder, já come-

lução da Camara dos Daputados. Entre as grandes medidas to-

stituida para dar direcção ao Es-

em fórma a determinar a felici fazel-o. dade, o progresso do paiz, no meio eiros-senão que essa direcção seja

blico hodierno, cumprindo-lhes dos que formaram o poder pu-

ser gloriosa. craticos a sua trejectoria, que póde tirar dos gran les principios demo

cousa secundaria em um Estado; Governos Livres. nam melhor acção póde ternos mas o patriotismo dos que goverde que a fórma de governo era Sempre sustentámos a doutrina

## DR. FRANCISCO PORTELLA

cicio. hontem, pelo governo provisorio espada e de arma de fogo.

da Republica Federativa Brazi.
leira, o Sr. Dr. Francisco Por masta Company de Company de Porto d tella, que hontem entrou em exer-Foi nomeado governador do

de alta intelligencia, allia a energia specção. accentuada prudencia e circum-

nos, o Dr. Francisco Portella tem

O governo é a autoridade con- todas as espheras da intelligencia emquanto a nação soberana, pe Não podem devejar os brazi tinue a ser util a Patria, pois que tem dado as melhores provas de tinue a ser util à Patria, pois que chefe do poder executivo da namais ensejo se lhe offerece para ção os cidadãos abaixo assignados. si, sendo de esperar que hoje con-Medico, jornalista, tribuno, em

E' enorme a responsabilidade uma governação fecunda para gloria sua e proveito d'este Esfazemos votos para que tenha Saulando o novo governador,

meado o Governo Provisorio.

mades, quairo se sumentente contro espirito, connecento petre-ba de ser instituido un governo abolição da monarchia, a extinc tamente todos os negocios d'este provisorio, cuja principal missão é ção da vitaliciedade do Senado e Estado Fluminense, que vai go- garantir com a ordem publica a do Conselho de Estado e a disso- vernar com suas luzes. madas, quatro se salientam -- a culto espirito, conhecendo perfei- ter essencialmente patriotico, aca-

los seus orgãos competentes não proceder à escolha do governo de

agente temporario da soberania nacional, é o governo da paz, da liberdade, da fraternidade e da or-O governo provisorio, simples e obras publicas.»

No uso das attribuições e faculdades extraordinariasde que

## REPUBLICA FEDERATIVA NOTICIARIO

conde de Ouro Preto e o Consehavia na capital do Brazil, depoahontein, a força do exercito que do ex-governo, reuniu-se, ante-Em virtude de ordens violentas BRAZIL! IRA

lheiro Candido de Oliveira.
Foi acompanhado no seu acto
pelas forças de mar, pela de policia e de bombeiros.

Durante estes acontecimentos, ten lo resistido á prisão o Barão do Ladario, ex-ministro da Mari

Eis a proclamação do governo

cidadãos residentes nas provincias, acabam de decretar a deposição de sentimentos com os nossos con Deputados da dynastia imperial e consequen-

dado innumeras provas de seu ta revolução nacional, de carac geiras, a divida publica externa e culto espírito, conhecendo perfei ter essencialmente patriotico, aca interna, os contratos vigentes e tumente todos os nacional. Da de ser institutdo un gaverno mais obrigações legalmente esta-Deputado provincial ha 25 an- temente a extineção do systema tractionares contratados durante o A moção apresentos, o Dr. Francisco Portella tem Como resultado immediato des- sistentes com as potencias estran é do teor seguinte: tuidas.

Fonseca, chefe do governo provi nistro do interior. SOTIO.

Windencoik, Chefe de esquadra Tenente-coronel Benjamim Constant Borelho de Magalhães, minisministro

nha. das relações exteriores e interina mente da agricultura, commercio Quintino Bocayuva, ministro

do o ministerio e prendendo o Vis- reitos individuaes e políticos, salvis, quanto a estes, as imitações Manutenção dos exigidas pelo bem da Patria e pela que continuarem a legitima defesa do governo producidamado pelo povo, pelo exercito, vel da desordem. trangeiros, a segurançe da vida e ral; promette egarante a todos os hi-bituntes do Brazil, nacionaes e espublica, o governo provisorio, por todos os meios ao seu alcance, da propriedade, o respeito aos di acha investido para a defesa da integridade da Patria e da ordem

As funcções da justiça ordina-ria, bem como as funcções da adpela armada nacional. Concidadãos

A escolha do illustre republicano é muito acertada, pois que
cidadão de experiencia provada e nacional, em perfeita communhão do Fica dissolvida a Camara dos Governado cidadão de experiencia provada e nacional, em perfeita communhão do Fica dissolvida a Camara dos Governado conselho de EstaGovernado do Fica dissolvida a Camara dos Governado conselho de EstaGovernado do Fica dissolvida a Camara dos Governado conselho de EstaGovernado do Fica dissolvida a Camara dos Governado conselho de EstaGovernado conselho de EstaG o. aos actos na plenitude dos seus ef feitos; com relação à spessoas, res de peitadas as vantagens e os direitos adquiridos por cada funccionario, de Fica, porém, abolida, desde já, te a vitalicitedade do Senado e bem

nacionaes contrahidos durante o A moção apresentada na Camara regimen anterior, os tratados sub- Municipal da capital da Republica ce e acata todos os compromissos nacionaes contrahidos durante o Concidadãos!

Governador do Rio Grande do O governa provisorio reconhe- Sul, o visconde de Pelotas.

da mari Eduardo

CIA resume-se n'estas idéas capitaes : O programma do novo governo Constituição piena da democra-Restauração da liberdade :

Inauguração da Republica Fede

Repressão absoluta e implacadade e do credito nacional Manutenção dos funccionarios, Garantia rigorosa da proprie-

leira quasi todas as provincias. Adheriram á Republica Brazi-

Julio Borges Diniz. Governador do Estado do Rio Governador da Bahia, o Dr. Manoel Victorino Pereira. de Janeiro, o Dr. Francisco Por-Governador de Minas, o Dr. Ce-

Ruy Barbosa, ministro da fazen | reador mais moço - anós a Marechal Mannel Dendoro da pulação do Rio de Janeiro, têm a onseca, chele do gaverno provi honra de communicar vos que o prio.

Aristides da Silveira Lobo, mi Municipal fez proclamar, na fórma Republicano. riosa revolução que ips: facto abolio da lei ainda vigente, pelo vemada nacional. - Os abaixo assigpresentantes do exercito e da . Republica Brazileira - Srs.

de governo do Brazil, sanccio-narão este acto, esperam os abiixo assignados a prompta e imme-diata proclamação da Republica. sentantes das classes militares, virtualmente exercitam as funcções « Convencidos de que os rerre-

## 6.3 - O Fluminense – O governo

Em consequência da extraordinária e injusta pressão que há alguns annos a esta parte e especialmente nestes últimos mezes foi exercida pelo governo geral sobre o exército brazileiro, tão cheio de serviços à Patria, operou —se um movimento dos militares feridos em seus brios, determinando este facto a constituição de um Governo Provisório e a deposição da dynastia que reinava.

A transformação se fez com facilidade, por que encontrou elementos poderosos de acção – propaganda bem firmada e altos talentos para as emergências de momento.

Constituindo o poder, já começou a agir, pondo á testa dos vários ramos das publicas organisações pessoas de sua ineira confinaça e de reconhecido mérito.

Entre as grandes medidas tomadas, quatro se salientara – a abolição da monarchia, a extinção da vitaliciedade do Senado e do Conselho de Estado e a dissolução da Vamara dos Deputados.

O governo é a autoridade constituída para dar deirecção ao Estado.

Não podem desejar os brasileiros – senão que essa direcção seja em fórma a determinar a felicidade, o progresso do paiz, no meio da ordem e da paz.

É enorme a responsabilidade dos que formaram o poder publico hodierno, cimprindo-lhes tirar dos grandes princípios democráticos a sua trajectoria, que pode ser gloriosa.

Sempre sustentamos a doutrina de que a fórma de governo era cousa secundaria em um Estado; mas o patriotismo dos que governam melhor acção pode ter nos Governos Livres.

## Dr. Francisco Portella

Foi nomeado governador do Estado do Rio de Janeiro, ante hontem, pelo governo provisório da Republica Federativa Brazileira o Sr. Dr. Francisco Portella, que hontem entrou em exercício.

A escolha do ilustre republicano é muito acertada, pois que cidadão de experiência provada da alta inteligência, allia a energia accentuada prudência e circumsppecção.

Deputad provincial há 25 annos, o Dr. Francisco Portella tem dado innumeras provas de seu culto espirito, conheceno perfeitamente todos os negócios d'este Estado Fluminense, que vai governar com suas luzes.

Medico, jornalista, tribuno, em todas as espheras da inteligência tem dado as melhores provas de si, sendo de esperar que hoje continue a ser útil á Patria, pois que tenha uma governação fecunda para gloria sua e proveito d'este Estado.

## República Federativa Brazileira

Em virtude de ordens violentas do ex-governo, reuniu-se ante-hontem,a força do exercito que havia na capital do Brazil, depondo o ministério e apreendendo o Visconde de Ouro Preto e o Conselheiro Candido de Oliveira.

Foi acompanhado no seu acto pelas forças de mar, pela de polícia e de bombeiros.

Durante estes acontecimentos, tendo resistido à prisão o Barão de Ladario, ex ministro da Marinha, recebeu vários ferimentos de espada e de arma de fogo.

Após isto, foi proclamada a República Federativa Brazileira e nomeado o governo provisório.

## CHRONICA

# De alto a baixo

se rezassem missas por alma do finado Conselheiro Vieira da Silva. çoes.

debaxo de sua jurisdicção — que a todas as Irmandades, sejam privados Esse baile era anciosamente espe- quasi sempre por mesquinhas questões lgreja nega honr s funebres aos ma de todos os saccramentos, não lhes rado desde muito tempo; quasi toda a políticos. se claramente expressa, não resta du vida que foi formulada, desde que S. Ex. Revm. lembrou sos sacerdotas Igreja catholica, sejam expulsos de leua na liba Fiscal.

o espleudor do culto externo catho- secreta, ou antes finge ser secreta, nelle reinou a todos os respeitos.

se pensava, effectuou-es uma persegui Liberdade, ordem e progresso— tal lico estão repletas de maçons, que não apenas em homenagem ao passado, foi talvez a ultima manifestação de cho mal executada ao deve ser o lemma da Republica que fizans mysterio de o serem e antes o por espirito de tradição.

Foi talvez a ultima manifestação de cho mal entendida e mai executada ao deve ser o lemma da Republica que fizans de trada so passado, foi talvez a ultima manifestação de cho mal entendida e mai executada ao deve ser o lemma da Republica que se fizans chi brioso exercito, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de naceba de cho mal entendida e mai executada ao deve ser o lemma da Republica que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de naceba de cho mal entendida e mai executada ao deve ser o lemma da Republica que se fizans chi brioso exercito, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de naceba de cho mal executada ao deve ser o lemma da Republica que se fizans chi brioso exercito, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos, que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos que de tantas paginas sob tão pacificos acaba de lemos que de tantas paginas de lemos que de tantas pagi dades que sustentam em grande parte menos beneficente, que se conserva

ans por maçons conhecidos, muitas executal as. Constantemente tem sido ditas mis- disposições de quem tem o dever de

Comquanto essa prohibição não fos. que a civil, deve ser igual para todos. A semana teve tambem seu lado realisadas as suas mais ardentes aspiratores una univaria de claramente expressa, não resta du Se os maçons estão condemnados, se alegre : o baile dado pelo governo do rações de progresso, e ao contrario tentava outro em toda a America. Para isso é preciso, porém, mu dada desde que S. não podem pertencer ao gremio da Brazil aos officiases de marinha chi vendo constantemente as reformas Para isso é preciso, porém, mu dada nesteridas actualdadas desde que S. não podem pertencer ao gremio da Brazil aos officiases de marinha chi vendo constantemente as reformas para isso é preciso, porém, mu A lei religiosa, tanto ou mais do

Facto que causou dolorosa impres foi só então, digo, que S. Ex. Raym se heiro Vieira da Silva dispensavam indicios de que a mudança de forma do Imperio.

Estamos hoje, por parte do povo da capital indicios de que a mudança de forma do Imperio.

Estamos hoje, por tanto, sob oregimen do Sr. Bispo Dioceana o priva que não mitte homenagens funebres sos ma inutidade d'estas. E estará isso de os partidos monarchicos revezavam-se republicano, e como o nosso paiz é dos accordo com a doutrina da Igreja?

Mas quando se sabe que as Irman- passa ella de uma associação mais ou bo que abriu illegalmente nos cofres mento de sangue.

espleudor do culto externo catho- secreta, ou antes finge ser secreta, alla residence pela desordem que Eis que de repente, quando menos

O facto capital da semana foi porém estas adheriram à reacção dos seus à lei e à moralidade.

mais urgentes adiadas, preteridas uns nos outros, sem que o paiz visse no poder, os ministerios seguiam-se

de Laemmert, e qu'undo se vê que S. de qualquer autoridade tenham sem- muito penhorados, mas admirados clouat.

Ex., como todos os bispos catholicos, pre o cunho da seriedade, da coheren também de vêr un governo fazer ques A resistencia de um batalhão a uma cada necessariamente sabera erguer os conserva em santa paz, não se pó e cia, da uniformidade Não é possível tão de 4:0008, para depois gastar para ordem de partida, em que se lobris um monumento que concorra para ordem de partida, em que se lobris dan anuelles tras fins flom sark que se santa paz. deixar de crêr que as leis da Igreja nem regular, nem decente que haja cima de cem vezes mais, com fins gava intuitos fataes ao exercito, deu aquelles tres fins Bom sera que assim merecem obediencia de S. Ex., e leis que só se appliquem por ex identicos e abusivamente do mesmo origem a reunido de tropas para com seja e que desde o principio se plante cepção, conforme o capricho on as modo, sem autorisação orçamentarias, petido a seguir para o destino que nesta nova phase do paiz incessante. lue impunham. O resultado foi que rigoroso, incluidavel, cego, o respeix

vezes mandadas dizer até por lojas E, antes de deixar o assumpto, seja- o utitmo, occorrido no dia 10. 11 pre- companieros d'arum se de depòr o ministerio que o sum homem notavel, que o Sr. D. La da que o Sr. Bispo diocesano faz con- cerda mesmo é o primeiro a cobrir de tra as missas de defuntos. Declarando Como succedeu com a abolição, ha blica, o que faz sem encontrar a menor carda mesmo é o primeiro a cobrir de tra as missas de defuntos. Declarando Como succedeu com a abolição, ha blica, o que faz sem encontrar a menor carda mesmo é o primeiro a cobrir de tra as missas de defuntos. Declarando Como succedeu com a abolição, ha blica, o que faz sem encontrar a menor tanto de como succedeu com a abolição, ha blica, o que faz sem encontrar a menor tanto de como succedeu com a abolição, ha blica, o que faz sem encontrar a menor carda mesmo é o primeiro a cobrir de tra as missas de defuntos. Declarando capital

tivo de uma nacio, que, unica, sua consolide e se torne o governo denni factos consummados, e de crer que se

movimento e conseguiram a victoria. prudencia, muito tino e muita mode Para isso é preciso, porém, muita

seu dever.

Na faltou quem approvasse o acto de um bom pastor. Eu nto duvidaria approvasse o acto val-o tambem, se elle fosse filho da caracter universal, fosse universal.

Mes canando as asha ona as Irman.

N'un paiz onedido ne população da Côrte daseja assistir a políticos.

N'un paiz one de um prir o phuma regalia das que gozam os bons e le, e por isso os pedidos de convites do as actasses e a republica surgia de raizada, e onde a tendencia para do de um para du catandon a mente de todos en quando na mente de todos en pregos publicos aliás immensa, en poute a tambem de todos descontentes como um remedio elli.

Chegrado o dia, acontecce o que em Goza de desilum.

Entretanto, todos receisvam a mun car a sympathia geral. As de caracter universal, fosse universal deve estar courentias de que não de desilum.

Entretanto, todos receisvam a mun caracter de festa; fentar a sympathia geral. As de caracter universal para aquelles funccionarios de imme-diata confiança, ou para aquelles que francamente se manifestarem contra a

## 6.4 - Cronica – De Alto a baixo

Facto que causou dolorosa impressão durante a semana foi a prohibição do Sr. Bispo Diocesano para que não se rezassem missas por alma do finado Conselheiro Vieira da Silva.

Conquanto essa prohibição não fosse clamamente expressa, não resta dpuvida que foi formulada, desde que S. Ex. Revm. lembrou aos sacerdotes debaixo de sua jurisdição – que a igreja nega honras fúnebres aos mações e que eles deviam cumprir o seu dever.

Não faltou quem approvasse o acto do Sr. D. Lacerda como o de um bom pastor. Eu não duvidaria approval-o também, se ele fosse filho da escrupulosa obediência de S. Ex. as leis da Igreja e se as leis d'esta, de caracter universal, fosse universalmente cumpridos.

Ms quando se sabe que as irmandades que sustentam em grande parte o explendor do culto externo catholico estão repletas de maçons que não fazem mysterio de o serem e antes o alardeam, não só em annuncios da imprensa diária como no Almanak de Laaemmert, e quando se vê que S. Ex., como todos os bispos catholicos, os conserva em santa paz, não se pode deixar de crer que as leis da Igreja só merecem obediência de S. Ex,. e isto mesmo por exceção.

Constantemente tem sido ditas missas por maçons conhecidos, muitas vezes mandadas dizer ate por lojas malonicas; e foi só quando falleceu um homem notável, que o Sr. D. Lacerda mesmo é o primeiro a cobrir de elogios pela sua illustração, a virtude, foi só então, digo, que S. Ex. Revm se lembrou de que a Igreja não admitte homenagens fúnebres aos maçons.

A lei religiosa, tanto ou mais que a civil, deve ser igual para todos. Se os maçons estão condemnados, se não podem pertencer ao grêmio da Igreja catholica, sejam expulsos de todas as Irmandades, sejam privados de todos os saccramentos, não lhes seja por forma alguma concedido nenhuma regalia das que gozam os bons catholicos, isto não só nesta diocese, mas em todo o Brazil, em todas as partes do mundo onde imperar o Papa.

Comprehenda-se que não estou defendendo a maçonaria. Acho que se a Igreja em algum tempo teve por acaso razões para condemnal-a, hoje deve estar convencida de que não passa ella de uma ssociação mais ou menos beneficente, que se conserva secreta, ou antes finge ser secreta, apenas em homenagem ao passado, por espirito e tradição.

Mas não é d'isto que se trata. O que eu quero é que todos os actos de qualquer autoridade tenham sempre cunho de seriedade, da coherencia, da uniformidade. Não é possível nem

regular, nem decente que haja leis que só se appliquem por exceção, conforme o capricho ou as disposições de quem tem o dever de executa las.

E antes de deixar o assumpto, seja me permitido estranhar a propaganda que o Sr. Bispo diocesano faz contra as missas de defuntos. Declarando que as homenagens profanas do Conselheiro Vieira da Silva dispensavam as missas, S. Ex. Revm pregou a inutilidade d'estas. E estará isso de accordo com a doutrina da Igreja?

A semana teve também seu lado alegre: o baile dado pelo governo do Brazil aos officiaes de marinha chilena na ilha Fisa.

Este baile era ansiosamente esperado desde muito tempo; quase toda a população da Corte deseja assistir a ele, e por isso os pedidos de convites eram infinitos; o seu custo atingiu a somma incalculável, pois nada se poupou para que ele fosse deslumbrante.

Chegado o dia, aconteceu o que em geral se acontece a toda espécie de festa; viu se que o melhor d'ella foi esperal a. O baile da Ilha Fiscal parece que ficou tão celebre pelo rombo que abriu ilegalmente nos cofres do thesouro como pela desordem que nelle reinou a todos os respeitos.

Foi talvez a ultima manigestação de apreço importante que se fez ao chilenos, que d'aqui sahiram certamente muito penhorados, mas admirados também de ver um governo fazer questão de 4.000S, para depois gastar para cima de cem vezes mais, com fins idênticos e abusivamente do mesmo modo, sem autorisação orcamentarias.

O facto capital da semana foi porem o ultimo occorrido no dia 15. O Brazil amanheceu Imperio e anoiteceu República.

Como succedeu com a abolição, há muito tempo que se acumulavam os indícios de que a mudança de forma de governo estava se aproximando; os partidos monarchicos revezavam-se no poder, os ministérios seguiam-se uns aos outros, sem que o paiz visse realizadas as suas ardentes aspirações de progresso, e ao contrario, vendo constantemente as reformas mais urgentes adiadas, preteridas quasi sempre por mesquinhas questões de interesse particular ou de corrilhos políticos.

O descontentamento foi invadindo todas as classes e a republica surgia de quando em quando na mente de todos os descontentes como um remédio efficaz aos males públicos.

Entretanto, todos receiavam da mudança. Parecia que ella não se poderia realizar sem grandes perturbações, sem uma guerra civil principalmente, o que o brazileiro tem horror ao derramamento de sangue.

Eis que de repente, quando menos se pensava, effectuou-se uma perseguição mal entendida e mal executada ao brioso exercito, que de tantas paginas gloriosas tem enchido a história nacional.

A resistência de um batalhão a uma ordem de partida, em que se lobrigava intuitos fataes ao exercito, deu origem a reunião de tropas para compelil o a seguir para o destino qe lhe impunham. O resultado foi que estas adheriram a reação dos seus companheiros d'armas, depois decidiram todos depor o ministério que os perseguia e afinal proclamar a Republica, o que fez sem encontrar a menor oposição por parte do povo da capital do Imperio.

E tamos hoje, portanto, sob regimen republicano, e como o nosso paiz é dos factos consumados, e de crer que se consolide e se torne o governo definitivo de uma nação que, única, sustentava outro em toda a America.

Para isto é preciso, porém, muita prudência, muito tino e muita moderação dos que se puzeram a frente do movimento e conseguiram victoria.

N'um paiz onde a monarchia parecia até e bem pouco firmemente enraizada, e onde a tendência para os empregos públicos alias imensa, era justificável pela falta de outras carreiras, só usando de muita tolerância poderia firmar o novo governo e conquistar a sympathia geral. As demissões só deverão ser reservadas para aquelles funcionários de imediata confiança, ou para aquelles que francamente se manifestarem contra a nova ordem das coisas.

Liberdade, ordem e progresso – tal deve ser o lemma da Republica que sob tão pacíficos auspícios acaba de ser proclamada.

A Constituinte que vai ser convocada necessariamente saberá erguer um monumento que concorra para quelles três fins. Bom será que assim seja e que desde o principio se plante nessa nova phase do paiz incessante rigoroso, inolvitavel, cego, o respeito a lei e a moralidade.

## SERVIÇO DA AGENCIA HAVAS

RIO DE JANEIRO, 15 de Novembro, 12 horas e 10 minutos.

Hoje pela manhã chegando ao quartel-general o Sr. Barão de Ladario, recebeu tres tiros e um golpe de sabre morrendo mo-O ministerio em vista d'estes factos deu

sua demissão. Assumio o governo o general Deodoro

da Fonseca provisoriamente:

o Imperador, de Petropolis. RIO DE JANEIRO, 15 de Novembro, ás As tropas esperam a chegada de S. M.

A noticia relativamente á morte do Ex a. Sr. Barño de Ladario é um boato falso.

3 horas e 50 minutos.

tar cousequencias serias, mas entretante a sua gravidade não tem nada de alarmante para a existencia da victima. nistro da marinha parece dever apresen-O accidente que se deu contra e Sr. mi-

ás 3 horas e 50 minutos. RIO DE JANEIRO, 15 de Novembro,

derrubar a forma de governo actual e a pro-O movimento revolucionario tem por fim

Agencia Havas, filial em Pernambuco,

damação da republica.

cita o general Deodoro da Fonseca e o Sr. O eexreito apoia o movimento naval e

(4) Vocabulo indigena adulterado.

# DIARIO DE PERNAMBUCO

RECIFE, 16 DE NOVEMBRO DE 1889

Revolução

Amargurados dias foram estes reservados pa-ra o ultimo quartel do reinado do Sua Magesta-de o Imperador !

leu Em pouce meres, movidos por uma conspira
Em pouce meres, movidos por uma conspira
do com vertignosa celeridade.

per per aperado do poder um partido político cheio los por un partido político cheio los perios perios do poder um partido político cheio los perios perios de por outro partido que a força de los patientes corrompendo tudo e todos, tere com uma victoria estupenda nas urnas i com uma victoria estupenda nas urnas i con conspirado que a força de la patiente de la conspirado que a força de

(Continua)

militares.—Communacoursis de Fazonda.

In la de duerra.

Decl. Ao l'aspector da Tinecontria de Fazonda.

Decl. Ao l'aspector de Tinecontria de Fazonda.

Decl. Ao l'aspector de Tinecontria de Contro de Contr

de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de vida e que dapunha de maioria no parlamen
de la sacrorampeado tudo e todos, tec
e conspiração, desta feita de caracter minimament
de governo, que assim asho triumphante des
de conspiração desta feita de caracter minimament
de governo, que assim asho triumphante des
de conspiração desta feita de caracter minimament
de governo, que assim asho triumphante des
de conspiração desta feita de caracter minimament
de governo, que assim asho triumphante des
de conspiração desta feita de caracter minimament
de portente, de facto, o que se está pasde esta pasidenta competita facter as primeiras
de portente, de facto, o que se está pasde esta pasidenta competita facter as primeiras
de portente, de facto, que se está pasde esta pasidenta competita facter as primeiras
de portente, de facto, que se está pasde de maioria a substituto, por outra considerado as sertum paracteridades, portencentes a esse
conseliração de fure producina de trium consequentes de se crimeira do contres pondente, insertido no lugar
mado moses correspondente, insertido no lugar
ma do moses correspondente, insertido de caracter minima de proventido esta figila
proventa de forte de desta feritado de assumpa de fuller ma chaquine da repectura vasima do moses correspondente, insertido de caracter minima de proventidos que tem de consequente de fuller ma chaquine da repectura vasima do moses correspondente, insertido as man farção de fuller ma chaquine da repectura vasima do moses correspondente, produmentado se a Repira de fuller ma chaquine da repectura vasima do moses correspondente, insertido as mas ma chaquine da repectura vasima do mo

in de 3 sit do servan in mit.

In de 3 sit do servan peta disconsi-frontamilos. He adirectis de completo de partido de peta de contra peta directis de domes a professo de peta de considerações de peta de considerações de peta de considerações de considerações de considerações de peta de considerações de considerações de considerações de actual de considerações de peta de considerações de actual de considerações de peta de considerações de actual de considerações de peta de considerações de actual de considerações de actual de considerações de actual de considerações de actual de considerações de periodes de actual de considerações de actual d

sumpto o Liberal e elle calou-se!

11. ao transmitindo de ordem do Exm. Sr. Que tas parto do Solimões, presidente da provincia de fallecimento de S. M. En cia, a noticia do fallecimento de S. M. En cidada de delissima El-Rei D. Luiz I de Portugal. de O Sr. presidente declarou que a As audacio de O Sr. presidente de O Sr. pr

**① ①** 

 $\Box$ 

# d∂ f ⊌ in

1/8

•

Digital \*\* docpro

Propriedade de Manoel Figueiroa de Faria & Filhos

e publicações na Franos nossos agentes exce & C., de Paris, são ça e İnglaterra. clusivos de annuncios Os Srs. Amedée Prin-

## TELEGRAMMAS

# SERVICO PARTICULAS DO DIARIO

RIO de JANEIRO, 15 de Novembro, ás horas da tarde.

queira Barbedo; e capitão de mar e guer-ra o capitão de fragata Iosé da Cunha Mo-Foi nomeado chefe de divisão o capitão de mar e guerra Basilio Antonio de Si-

by ba o capitão de fragata Bernardino José nhia de aprendizes marinheiros da Para-Foi nomeado commandante da compa-

de Sergipe o bacharel Luiz de Lemos Foram reconhecidos mais dous depu-Foi nomeado secretario da presidencia

17.º batalhão, outros corpos do exercito, tendo á sua frente o general Deodoro, se 17.º batalhão, outros corpos

general e o Barlo de Ladario, ministro Os ministros foram detidos no quartel

de Junho? Onde a força que blasonava de pretender esmagar a hydra republicana? Onde o po de Nu
seu apregoado prestigio, a sua sonhada energia,
o seu interesseiro patriotismo?

Tristes, hem ressando.

Compareceram a reunito 59 eleitores.

— Chegara a Manãos o Dr. Igaacio José
Alves de Souza Junior, consul geral do
Brazil em Loreto.

Fig. Sci. 1. METRICIÓN POPULAR d'AUTRIANTA MATRIANA de l'acceptant de production de l'acceptant 
## 6.5 - Revolução - Diario Pernambucano

Amargurados dias foram estes reservados para o ultimo quartel do reino de Sua Magestade o Imperador!

Em poucos mezes, movidos por uma conspiração do paço, os acontecimentos se tem precipitado com vertiginosa celeridade.

Foi apeiado do poder um partido político cheio de vida e que dispunha de maioria no parlamento; e substituído por outro partido que a força de baionetas e corrompendo tudo e tudos, teve uma victoria estupenda nas urnas!

E o governo, que assim sahio triumphante dos comícios viciados, cahe, como subira, por uma conspiração, dessa feita de caráter minimamente alarmante, por uma conspiração militar que se inicia por um crime.

São cruéis, são desoladoras as noticias que nos dá o telegrapho. Essas noticias traduzem-se em cruciantes angustias para o paiz que pensa, que tem o que perder.

O que quer dizer, de facto, o que se está passando na corte? Que ideas, que sentimentos, que orientação teem os homens que apanharam o governo na praça publica, onde o deixou rolar o Sr. Visconde de Ouro Preto, o destemido estadista que tanta força biasonava?

Tudo, entretanto, não é mysterio. O telegramma do nosso correspondente, inserido no lugar competente, dá nos completas noticias.

O exercito e a armada, impondo se pela força, fizeram explosão, e a revolução campeia nas ruas do Rio de Janeiro, proclamando se a República!

Estamos, pois, em um pleno domínio dos mais graves acontecimentos que tem testemunhado esse paiz.

E o Sr, Visconde de Ouro Preto, creação de uma conspiração do paço, cahe, como o mais imprevidente dos mortaes, poroutra conspiração de quarteis!

O que é feito da arrogância do gabinete de 7 de junho? Onde a força que baisonava de pretender esmagar a hydra republicana? Onde seu apregoado prestigio, a sua sonhada energia, o seu interesseiro patriotismo?

Tristes, bem tristes dias são estes reservados aos últimos dias de vida do Imperador!

É que S.M., quando tinha o seu espírito, quando governava por si, com a plena responsabilidade de um rei que soube sempre manter-se nos limites da constituição; jamais deixou que com o sacrifício de uma porte da nação os outros tripudiasse.

Agora, que aquelle grande espírito está alquebrado, os impacientes de sua corte deram o mao exemplo de conspirar: ensinaram o caminho dos golpes de estado, e a licção, cruel licção! Aproveitou aos bons discípulos.

A revolução que parece triumphante na corte, é a consequência fatal do que se tem visto no paiz desde maio do corrente anno.

Confessamol-o cheios de cruéis amarguras: os erros cometidos de então para cá, os terroes derramados, as vinganças exercidas, os crimes deixados impunes, o malbarato dos dinheiros públicos, o credito posto em holocausto, tudo, tudo tratado como um paiz conquistado, não podia gerar senão desgostos profundos, revoltas do espírito conservador da população, em semana esse abandono em que se lançou o povo fluminense pelas instituições juradas.

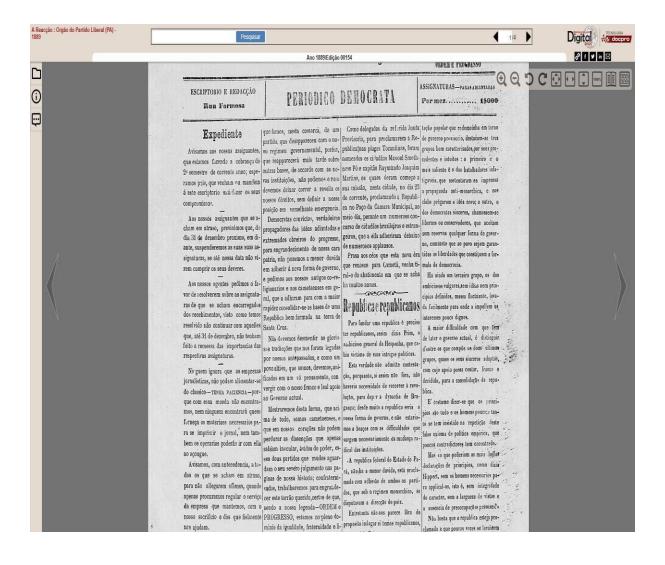
Será tarde, porem, para reatar os fios assim violentamente partidos? O triumpho da revolução na corte, será o seu triumpho no paiz todo?

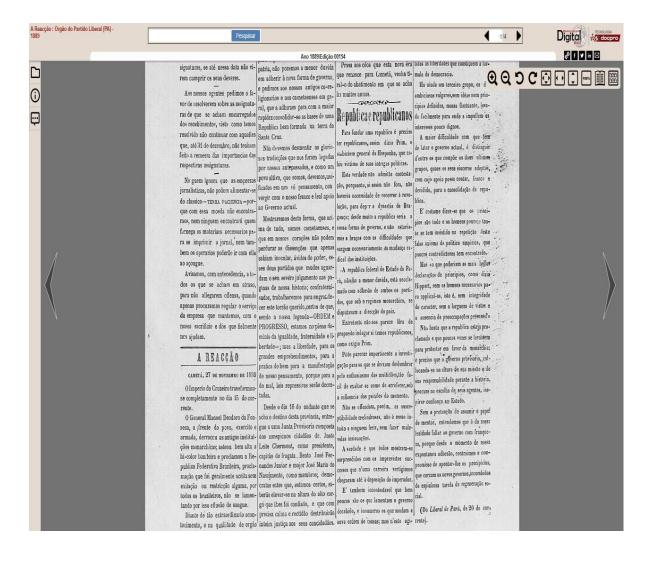
Ninguem pode affirmar em boa fé; entretanto, os elementos agglomerados indicam que é possível e até provável aquelle triumpho.

Tudo, porém, não está perdido; e em todo caso salve se o paiz de um cataclysmo, pereçam embora as instituições que homens ambiciosos e mal intencionados não souberam ou não poderam garantir.

A responsabilidade do partido liberal, e especialmente a da sua encarnação no poder – o gabinete 7 de junho – é tremenda.

A história dirá, e o seu julgamento será cruel.





## 6.6 - República e Republicanos - A Reacção

Para fundar uma república é preciso ter republicanos, assim dizia Prim, o ambicioso general da Hespanha, que cahiu victima de suas intrigas politicas.

Esta verdade não admitte contestação, porquanto, si assim não fora, não haveria necessidade de recorrer à revolução, para depor a dynastia de Bragança; desde muito a republica seria a nossa forma de governo, e não estaríamos a braços com as difficuldades que surgem necessariamente da mudança radical das instituições .

A república federal do Estado do Paará, não há a menor duvida, esta proclamada com adhesão de ambos os partidos, que sob o regimen monarchico, se disputavam a direcção do paiz.

Entretanto não nos parece fora de proposito indagar si temos republicanos, como dizia Prim.

Póde parecer impertinente a investigação para os que se deixam deslumbrar pelo enthusiasmo das multidões, tão fácil de exaltar se como de arrefecer sob a influencia das paixões do momento.

Não se ofender, porem, as susceptibilidade melindrosas, não é nosso intuito a ninguém ferir, nem fazer malévolas insinuações.

A verdade é que todos mostram-se surpreendidos com os imprevistos succesos que n'uma acrreira vertiginosa chegaram até a deposição do imperador.

É também incontestável que bem poucos são os que lamentam o governo decahido, e inúmeros os que saudam a nova ordem de cousas; mas n'esta agitação popular que redemoinha em torno do governo provisório, destacam-se três grupos bem caracterisados por seus precedentes e intuitos: o primeiro é o mais saliente é o dos batalhadores infatigáveis que sustentaram na imprensa a propaganda anti monarchica, e nos clubs pregaram a idea nova; outro, o dos democratas sinceros, chamassem-se liberaes e conservadores, que aceitam sem reservas qualquer forma de governo, comtanto que ao povo sejam garantidas as liberdades que constituem a formula da democracia.

Há ainda um terceiro grupo, os dos ambiciosos vulgares, sem ideas nem princioeios definidos, massa fluctuante, levada facilmente para onde a impellem os interesses douco dignos.

A maior difficuldade com que se tem de lutar o governo actual, é distinguir d'entre os que compõe os dois últimos grupos, quaes os seus sinceros adeptos, com cujo apoio possa contar, franco, decidido, para a consolidação republicana.

É costume dizer-se que os princípios são tudo e os homens pouco; tanto se tem insistido na repetição deste falso axioma da politica empírica, que poucos contradictores tem encontrado.

Mas o que poderia ser mais bellas declarações de princípios, como dizia Hippert, sem os homens necessários para applical-os, isto é, sem integridade de caracter, sem a largueza de vistas e a ausência de preocupações pessoaes?

Não basta que a republica esteja proclamada e que poucas vozes se levantem para protestar em favor da monarchia; é preciso que o governo provisório collocando-se na altura da sua missão e da sua responsabilidade perante a história, procure na escolha de seus agentes, inspirar confiança ao Estado.

Sem pretensão de assumir o papel de mentor, entendemos que é de nssa lealdade falar ao governo com franqueza, porque desde o momento de nossa expontane adhesão, contraímos o compromisso de apontar-lhe os propícios, que cercam os novos governos, incumbidos da espinhosa tarefa de regeneração social.

provincia do Grande do Sul

1

mento em que me cabe a honra de dirigir a palavra á minha cara provincia natal. Grave, solemne e excepcional é o mo-

na firmeza d'essas garantias.

Viva a Patria Brazileira! Viva o Ris Grande do Sul!

mente disposto a fazer respeital-os

lo povo, pelo exercito e armada. Foi hontem deposto o governo, do Im-

sumir a presidencia do Rio Grande do ao meu patriotismo, convidando ne a asmarechal Manoel Deodoro da Fonseca, que em'telegramma de hontem fez um appilo amigo e companheiro de armas o inclyto cad'esta provincia, que, em virtudede no-D'este governo é chefe o men velho

a minha solicitude de filho devotado, não me foi licito deixar de acudir, embora paz e cujo bem-estar sempre mereceram daulo, por amor a minha provincia, cuja com sacrificio pessoal, ao honroso apspirov a minhe conducta de militar e de ci-Em respeito ao dever, que sempre in-

ção: a revolução ja estava feita. Não se cogitava de fazer uma revolu-

Ante o facto consummado, cujas conse-

profunda revolução política, promovida pe-Acaba de consummar-se no paiz uma

Viva a auctoridade constituida!

VISCONDE DE PELOTAS Marechal de exercito

que proclamou a deposição da dynastia e perio e constituido um Governo Provisorio, a installação da Republica. Commando das armas de provincia de S. Pedro de Sul, em Porto Ale-

lotas, assumi hoje o commando das armas. cia marechal do exercito visconde de Pemeação do exm. sr. presidente da provin-Pullico, para conhecimento da guarnigre, 16 de novembro de 1889. ORDEM DO DIA N. 1

brada no caminho da liberdade, hasteando do-se com as suas aspirações, manter se á o pavilhão da justiça, que guia as Nações blica, para que a Patria prosiga desassomcivilisadas. garantindo a ordem e tranquillidade pusempre no caminho da honra e do dever, O exercito, a par da Nação, identifican-

ro jámais se desviará dos indispensaveis farda! principios de disciplina e subordinação. Estou seguro de que o soldado brazilei-Soldados, continuae a honrar a vossa

Viva a Patria Brazileira! Augusto Cezar da Silva O marechal de campo

solução da crise

verno Provisorio:

A

Que a provincia confie com segurança os acontecimentos e accelerou inconscientema condemnado. temente a hora do esboroamento do sys-

d'essa politica fatal : a gloriosa e fecunda obra do nosso passado historico. revolução de hontem completou a grande Estavam previstas as consequencias

Viva a armada! Viva o exerc ... : Viva a Republica !

Viva a Patria!

Commando de fronteiras

va Tavares; da de Jagnarão o coronel Car-los Machado de Bitlencourt; da de S. Bor ja o brigadeiro Francisco Rodrigues de Lima; da de Uruguayana o tenente-coro-nel Luiz dos Reis Falcão. Para interinamente exerce: o cargo de commandante da grarnição e fronteira do Rio Grando foi nomeado o brigadeiro Antonio Nicolan Fadeio da Frota; da de Ages, o brigadeiro honorario João Nunes da Sil-

Commando das armas

Tendo sido dispensado, a seu pedido, do la lurar de commandente das armas d'esta a provincia o tenente general barão de Camaquam, foi nomeado para interinamente a exercer o dito cargo o marechal de Mana po Augusto Cezar da Silva.

VISCONDE DE PEKSTAS

enviado o seguinto telegramma Ao sr. general visconde de l'hotas foi pelo Go-

sr: demos a Patria livre. Concidadãos! saudemos a Republica, Povo! saudemos o exercito e a armada!

brazileira, do septentrião á extrema meri-dional do paiz. No meio da commoção po pular alguma cousa ficou de pé — a di-gnidade nacional; salvou-a de perdição contingato-denect

dos seus deveres, como si nada houve Tenente-cononel Falcão.

Depois da nobre explosão popular, que popular deitou por terra, com o ministerio Ouro proto, o nefasto regimen orleanico, floot definitivamente organisado, sob a chefia tende do bravo general Doodoro, e Governo Prodo visorio, do qual fazem parte, além deste nilustre soldado, os cidados tenente-corro, nel Benjamin Constant e Quintino Bo

ur. Foi om seguida organisado um minis. Vur foi om seguida organisado um minis de cidadas e Quintino Bocayura, Rur Bar or bosa, Campos Salles. Sealparim Constant, Vandenkolk, Demetra Ribieiro e Aristides d

trio Ribeiro, que foi convidado para assumira direcção da pasta da agricultura, acha-se actualmente na campanha. Apenas foi organisado o governo, ao sr. visconde de Pelotas foi transmittido o O nossc.-companheiro cidadão Demeo governo, ao

Visconde de Pelotas

Rio, 15 de novembro (ds 9 e 5 minulos da notie)
O povo, exercito e armada constiniram um governo, depondo immediatamente o ministerio.

Depois dos acentecimentos de que de-mos noticia na Rederação de hontem e em boletim que, em producia fo, framos dis-tribuir pela capa,, novos successos vieram inflammar o enthusiasmo do povo

veram em massa adhesões ao glorioso Dos mais remotos pontos do paiz, como de todas as localidades da provincia, cho-

Póde se affirmar que a mesma corrente

A policia e todas as forças existentes n'esta capital adherem sem reserva a esse

tos em bem da ordem

CORONEL DIOGO.

Uruguayana, 15
Aqui continùa a ordem inalteravel. Sempre solidario.
Tenente-coronel. Falcão.

ça de forma de governo por que passa Nenhuma alteração da ordem se tem manifestado no animo do povo. Em geral parece que recebeu com agrado a mudan-O batalhão continua no compriment Uruguayana, 16 houvesse

A ordem continuari a ser mantida, o Póde contar com o meo patriotismo. In Aguardo novas ordens para fallar ao Na atalaño em ordem do dia. Aqui uo calmo. Major Castrer o, commandanto do 23º la Rio Pardo, 16

Assum o commando da guarnição em virtude do telegramma de v. ex. Conte-com os officiaes e os corpos. Reina aqui Jaguarão, 16

Barão de Asseguá acha-se ausente des-de 13 do corrente. completa paz. teis. A força está de promptidão nos quar-Coronel Carlos Machado.

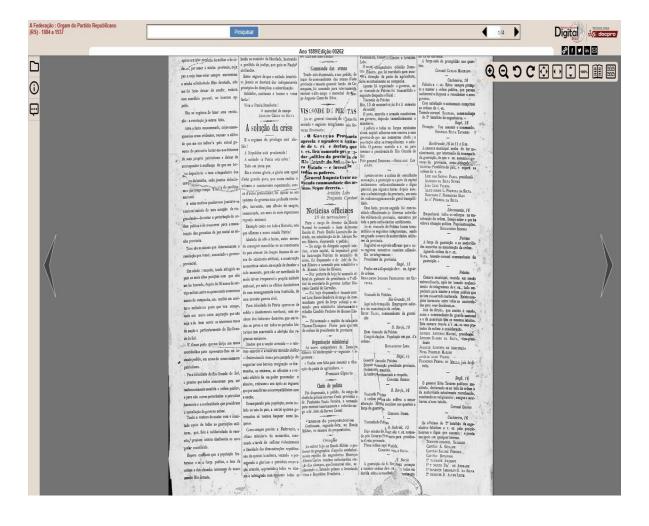
Felicito a v. ex. Estou sempre prompto a manter a ordem publica, que parece inalteravel e disposta a reconhecer o novo Governo.

Com satisfação e acatamento cumprirei Cachoeira, 16

Tenente coronel Salgado, commando 2º batalhão de engenheiros. » Salgano, commandante Bage, 16

Prompto. Vou assumir o commando.
GENERAL SILVA TAVARES

1000



1

**⊡** 

## provincia do Rio Grande do Sul

Grave, solemne e excepcional é o momento em que me cabe a honra de dirigir a palavra á minha cara provincia natal.

Acaba de consummar-se no paiz uma profunda revolução politica, promovida pelo povo, pelo exercito e armada.

Foi hontem deposto o governo do Imperio e constituido um Governo Provisorio, que proclamou a deposição da dynastia e a installação da Republica.

D'este governo é chefe o meu velho amigo e companheiro de armas o inclyto marechal Manoel Deodoro da Fonseca, que em telegramma de hontem fez um appello ao meu patriotismo, convidando ne a assumir a presidencia do Rio Grande do

Em respeito ao dever, que sempre inspirou a minhe conducta de militar e de cidacao, por amor á minha provincia, cuja paz e cujo bem-estar sempre mereceram a minha solicitude de filho devotado, não me foi licito deixar de acudir, embora com sacrificio pessoal, ao honroso appello.

Não se cogitava de fazer uma revolução: a revolução ja estava feita.

Ante o facto consummado, cujas conse-

O governo de que sou delegado garanto | leis vigentes, precipitou tresloucadamente plenamente todos os direitos e está firmemente disposto a fazer respeital-os

Oue a provincia confie com segurança na firmeza d'essas garantias.

Viva a Patria Brazileira!

Viva o Ri, Grande do Sul! Viva a auctoridade constituida!

Marechal de exercito Visconde de Pelotas

Commando das armas de provincia de S. Pedro de Sul, em Porto Alegre, 16 de novembro de 1889. ORDEM DO DIA N. 1

Pultíco, para conhecimento da guarnição d'esta provincia, que, em virtude de no Meação do exm. sr. presidente da provincia marechal do exercito visconde de Pelotas, assumi hoje o commando das armas. O exercito, a par da Nação, identificando-se com as suas aspirações, manter se á

sempre no caminho da honra e do dever, garantindo a ordem e tranquillidade publica, para que a Patria prosiga desassombrada no caminho da liberdade, hasteando o pavilhão da justiça, que guia as Nações civilisadas.

Estou seguro de que o soldado brazileiro jámais se desviará dos indispensaveis principios de disciplina e subordinação. Soldados, continuae a honrar a vossa farda!

Viva a Patria Brazileira! O marechal de campo Augusto Cezar da Silva

A solução da crise

os acontecimentos e accelerou inconscier temente a hora do esboroamento do s vs tema condemnado

Estavam previstas as consequencias d'essa politica fatal : a gloriosa e fecunda revolução de honiem completou a grande obra do nosso passado historico.

Povo! saudemos o exercito e a armada Concidadãos! saudemos a Republica, scudemos a Patria livre.

Viva o exerc. Viva a armada !

Viva a Republica ! Viva a Patria!

## Commando de fronteiras

Para interinamente exercer o cargo de commandante da guarnição o fronteira do Rio Grande foi nomeado o brigadeiro An-tonio Nicolau Falcão da Frota; da de Bagé, o brigadeiro honorario João Nunes da Silva Tavares ; da de Jagnarão o coronel Car-los Machado de Bittencourt ; da de S. Bor ja o brigadeiro Francisco Rodrígues de Lima; da de Uruguayana o tenente-coro-nel Luiz dos Reis Falcão.

## Commando das armas

Tendo sido dispensado, a seu pedido, do lugar de commandante das armas d'esta provincia o tenente general barão de Camaquam, foi nomeado para interinamente exercer o dito cargo o marechal de am-po Augusto Cezar da Silva.

## VISCONDE DE PEROTAS

Ao sr. general visconde de l'alotas foi enviado o seguinto telegramma belo Go-

## Governo Provisorio

Depois dos acontecimentos de que de-mos noticia na Federação de hontem e em boletim que, em profusão, fizemos dis-tribuir pela capia, novos successos vie-ram inflammar o enthusiasmo do povo brazileiro.

Dos mais remotos pontos do paiz, como de todas as localidades da provincia, choveram em massa adhesões ao glorioso

evento.

Póde se affirmar que a mesma corrente Póde se afirmar que a mesma corrente tratalera, do septentrilo a extrema meridional do paiz. No meio da commoção po pular alguma cousa ficou de pé — a dignidade nacional; salvou-a de perdição imminente o patrioismo em ervolta Depois da nobre explosão popular, que deiton por terra, com o ministerio Ouro Proto, o nefasto regimen orleanico, ficou definitivamente organisado, sob a chella do bravo general Doudoro, a Governo Provisorio, do qual fazem parte, além d'este parte de par

visorio, do qual fazem parte, além d'este illustre soldado, os cidadãos tenente-coro-nel Benjamin Constant e Quintino Bo-

cayuva.

Foi em seguida organisado um ministerio, que ficou composto dos seguintes cidadãos: Quintino Bocayuva, Ruy Bar-bosa, Campos Salles. Benjemim Constant, Vandenkolk, Demetro Ribeiro e Aristides

Lobo. O nosse companheiro cidadão Deme-trio Ribeiro, que foi convidado para assa-mar a direcção da pasta da agricultura, ácha-se actualmente na campanha. Apenas foi organisado o governo, ao ar. visconde de Pelotas foi transmittido o

seguinte despacho official : Visconde de Pelotas Rio, 15 de novembro (às 9 e 5 minutos

O povo, exercito e armada constiniram um governo, depondo immediatamente o ministerio. A policia e todas as forças existentes

## QQCCQQ = II III tos em bem da ordem.

1/4

CORONEL DIOGO.

Uruguayana, 15
Aqui continùa a ordem inalteravel. Sempre solidario.
TENENTE-CORONEL FALCÃO.

Uruguayana, 16:
Nenhuma alteração da ordem se tem manifestado no animo do povo. Em geral parece que recebeu com agrado a mudança de forma de governo por que passa a name de servicio de compara de co

O batalhão continúa no compriment dos seus deveres, como si nada houves TENENTE-CORONEL FALCÃO.

Rio Pardo, 16 Rio Pardo, 16
A ordem continuará a ser mantida.
Póde contar com o meo patriotismo.
Aguardo novas ordens para fallar ao fitalhão em ordem do dia. Aqui to

Major Castel o, commandante de 28

Jaguarão, 16
Assum o commando da guarnição em
virtuje do telegramma de v. ex. Contecom os officiaes e os coroos. Reina aqui completa paz. Barão de Asseguá acha-se ausente des-

de 13 do corrente.

A força está de promptidão nos quar-

Coronel Carlos Machado.

Cachoeira, 16
Felicito a v. ex. Estou sempre prompto a manter a ordem publica, que parece inalterarel e disposta a reconhecer o novo

governo. Com satisfação e acatamento cumprirei

as ordeus de v. ex.

Tenente coronel SALGADO, commandanțe
do 2º batalhão de engenheiros. »

Prompto. Vou assumir o commando.

GENERAL SILVA TAVARES

## 6.7 - A solução da Crise

E o regimento do privilegio esta abolido!

A Republica está proclamada!

A unidade da Pátria está salva!

Tudo em plena paz.

Eis a eterna glória, a glória sem egual d'este grande povo, que assim realiou e acclamou o commovente espetáculo, nunca d'antes presenciado, de operar nos seu systhema de governo uma revolução, sem effusão de sangue, immaculada, em meio do mais espontâneo regosijo nacional.

Exemplo único em toda História, este que offerece a nossa amada pátria.

Abalada do alto ao baixo, antes mesmo de conseguir consolidar-se na consciência do paiz atravez das longas dezenas de anos de existerncia artificial, a construção monarchica estava ameaçada de desabar a todo momento, para não ser sacrificada de modo talvez irreparável a própria unidade nacional, por entre os effeitos desoladoes de uma ensanguentada lucta fratricida, de uma guerra civil.

Para felicidade da Patria operou-se de súbito o desabamento inevitável, sem nenhum dos luctosos desastres que em todos os povos e em todos os períodos históricos tem acarretado a abolição dos regimens criminosos.

Bastou que a reação armada – o valoroso exercito e a valorosa marinha – fraternisando com o povo cançado já de supportar com heroica resignação os desmandos, os vexames, as affrontas e o ousado arbítrio de um poder provocador e abusivo, retirasse seu apoio ao regimen que por essa forma se compatibilizava com a nação.

Desamparado pela população, assim isolado no seio do paiz, a um tal systhema governativo só restava baquear como baqueou.

Como sempre previra a Federação, o último ministério da monarchia, assumindo a tarefa de sufocar violentamente a liberdade das demonstrações republicanas da opinião brasileira, vexando e perseguindo a gloriosa e patriótica corporação armada, opprimindo a todas as classes e infringindo com apparato todas as leis vigentes, precipitou tresloucadamente os

acontecimentos e accelerou inconscientemente a hora do esboroamento do systema condemnado.

Estavam previstas as consequências d'essa politica fatal: a gloriosa e fecunda revolução de hontem completou a grande obra do nosso passado histórico.

Povo! Saudemos o exercito e a armada!

Concidadãos! Saudemos a Republica, saudemos a Patria livre.

Viva o exercito!

Viva a armada!

Viva a República!

Viva a Patria!

encontrarà outra gue a levante da sua pendencia omnipotente.

tomados e mantidos com abne-

fundamente o organismo- do

Também affectou muito pro- blicanos, cujos corações gol- manifestações e enthusiasmos

todo elle e nos proprios repu-

No dever de não acceitar as GOVERNO PROVISORIO

na mais que opiniões diversas

E são essas opiniões que se

peam as mesmus dores dos que populares do primeiro momen-

to como a expressão legitima precizam unificar; a França en-

do mais dos seus compromissos

na hoje a politica para só curar vê do seu frontespicio, abando-

posicionista e reaccionaria.

justiça: a concha em que ella uma vez houver de influir não

so ou dos criminosos.

E a justiça não retarda a sua

gamento e punição do crimino-

programma.

O nosso jornal, segundo se

commum infructifera, inutil e amigos no povo S. Joanense, ti-

ficações da actividade humana.

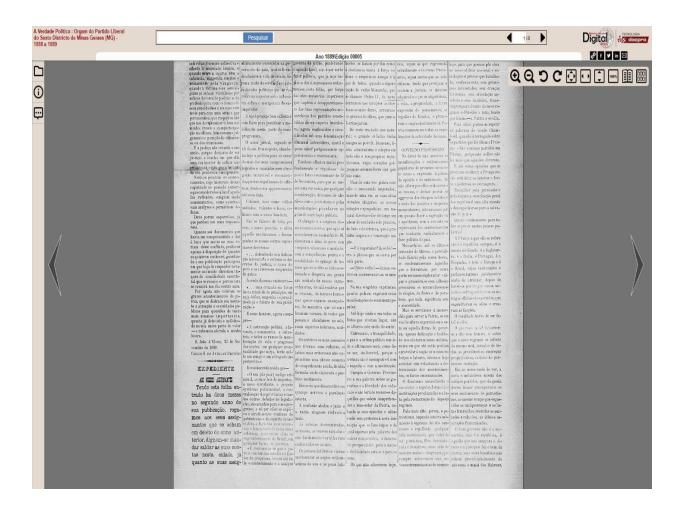
bord, quando interrogado sobre

ça: « Não conheço partidos em

nelles

os partidos que dividiam a Fran-

quem sabe? perigosamente op- aha admiradores e adeptos em



## 6.8 - Nova Phase

Os extraordinários sucessos ultimamente ocorridos na governação do paiz, mudando radicalmente a vida do estado, tirou a razão de ser das duas parcialidades políticas que se revesavam no poder sob a influencia calma e morigerada do ex-imperador.

A nos è precizo bem salientar este facto para justificar a modificação nesta parte do nosso programma.

O nosso jornal, segundo se vê do seu frontespicio, abandona hoje a política para só curar do mais dos seu compromissos tomados e mantidos com abnegação inatacavele reconhecida, que nos orgulhamos de afirmar, desde o seu aparecimento até esta data.

Cahimos, mas como velhos soldados, valentes leaos, cahimos com a nossa bandeira.

Não se falseou de todo, porem, a nossa posição, e afóra aquelle continuamos a desempenhar os nossos outros espontâneos deveres — defendendo com dedicação intererata e estremo os decretos da justiça, a causa do povo e os interesses conjunctos do paiz fazendo da nossa existência — uma cruzada em favor desta trindade de princípios, em cuja defesa empenha (o jornal) desde já o futuro de sua publicação. E como hontem, agora e sempre.

A instrucção pública, alavoura, o commercio, a indústria, e todos os ramos de manifestação de vida e progresso das nações, em qualquer eventualidade que surja, terão nele um amigo e um advogado impertérrito.

Reconhecendo ainda que – o [...] (do paiz) código criminal, as suas leis de impostos, o meio circulante, o próprio systhema parlamentar, a centralisação das províncias e tantos outros defeitos de legislação, são acanhos para o seu progresso, e só por eles se exploca o atrofiamento continuo do patriotismo e do espirito de iniciativa fará das suas columnas o laboratório de todas essas reformas, inherentes alias ao engrandecimento do Brazil, em qualquer forma de governo.

E convencido de que o povo é o mmotor dos estados e fator do progresso, levará até ele o conhecimento e a analyse das grandes idèas e medidas que se prende a realização dos nossos sem duvida já muito decantados, mas esplendidos destinos.

E essa é a nova phase da sua publicação, se é que se pode chamar nova aquella phase que só se desfalcou da política, porque no demais é perfeitamente a mesma do seu antigo programma, dode extrahiram-se todos casos topicos para definir a sua actual posição.

## 6.9 - A República

Epitomar o advento do novo governo da nação, ponderano a opinião local, não é por certo fazer política, que já hoje banimos dos compromissos redacctoriais desta folha, por força das circumstancias imperiosas que impõem o desaparecimento das duas representações monarchicas dos partidos constituídos do ex-império brazileiro, agora confundidos e identificados sob uma denominação commim infructifera, inútil e que sabe? Perigosamente oposicionista e reaccionaria.

Também affectou muito profundamente o organismo do paiz o facto consumado do 15 de Novembro, para que ao menos uma vez única, por qualquer consideração, deixamos de aferilos com o patriotismoe pelas manifestações populares no grao de aceitação publica.

O abrupto e a sorpreza desses acontecimentos que aqui só se conheceram na manhã de 16, chocaram a alma do povo com o espanto silencioso e mórbido, com a estupefação patroa e a estabilidade de sphinge de homem que se acolhe ao leito acostumado e desperta em grutta não sonhada de cousas extraordinárias, de mil sombras que se cruzam, de tétricos fantasmas que se erguem ameaçadores, de monstros que uivam e bramam vorazer, de visões que passam e afundam-se no solo como espíritos infernaes, maldictos.

Os cérebros os mais assinados não tiveram uma reflexão, os lábios mais criteriosos não exprimiram uma frase conexa de compreensão nítida, de idea formada, ou de elaborado e perfeito sentimento.

Dir-se-ia que desaccordou em syncope nervosa a população inteira.

A confusão abafou o juízo, a razão, ninguém reflectiu mais.

As noticias desencontradas, os boatos, as versões variadas e sem fundamento baralharam enfim todos os ânimos.

Os jornais da corte só vieram movimentar as acções enthusiasticas de uns e as penas intimas e as condolências de outros.

Sem a consagração da popularidade começaram então as festas comemorativas, as passeiatas cívicas com musica, girandolas e discursos.

A cidade jovial e expansiva de outros dias havia desaparecido sob outra intimamente enlutada, mas aparentemente alegre, como a virgem que sorri por entre as lagrimas de uma dor moral sincera.

Mas passavam ou internavam-se no mais fundo do peto esses pezares confessos, e as adhesões se faziam por fim como à obediências tácita à força ou como o respeito ao socego e à paz de todos, quando a deportação do velho Monarcha, que se chamou Pedro II, de novo derramou nos corações as tristezas as mais duras, arrancadas do prantos de olhos, que jamais lacrimejaram.

De resto era tudo isso natura; o grande cidadão tinha amigos no povo S. Joanense, tinha admiradores e adeptos em todo ele e nos próprios republicanos, cujos corações golpeam as mesmas dores dos que não o são.

Mais de uma vez pisara este sólo o encanecido imperador, mais de uma vez as suas altas virtudes afagaram as nossas relações e sympathias: ora natural dizermos-lhe de longe um adeus de saudades e de prantos, de luto e de tristeza, que a gratidão inspira e a veneração impõe.

E o imperador? Se foi? Era a frase que so se ouvia por toda parte

Pobre velho! – diziam outros ou acrescentavam os mesmos.

Na sua singeleza exprimiam quanto podiam exprimir estas manifestações do sentimento popular.

Até hoje ainda e em todas as festas que tiveram lugar, não se alterou este modo de sentir.

Entretando, a tranquilidade e a paz e a ordem publica tem sido e afirmamos será, como deve ser, inalterável, porque a tristeza não é incompatível com o respeito e com a modeação.

Cumpra o Governo Provisorio a sua palavra sobre as garantias e a liberdade dos cidadãos e não terá de recear-se daqueles que sabem compreender o bem-estar da Patria, calando as suas opiniões e adherindo sem protestos à nova instituição que se lhes impoz e da qual esperam pela palavra dos únicos [...], o discurso de prosperidades para a nação e de felicidade para si e para os seus.

Os que não aderirem hoje, adherirão amanhã, convictos ou forçados, pela necessidade de não se inutilizarem perante a Patria e as próprias aspirações, e de firmarem os direitos de cada um, a seguridade e as fianças reciprocas.

Por nossa parte crendo sinceramente mais perigoso que o próprio mal è quem o agrava e fomenta, a mesma submissão e respeito com que obedecíamos as depostas instituições com todas as suas leis, sabemos ter para com quaesquer outras que nos hajam de governar e de gerir os públicos negócios, sejam as que representa actualmente o Governo Provisorio, sejam outras que as substituam, desde que protejam e acatem a justiça, os direitos adiquiridos e que se adquirirem, a vida, a propriedade, a livre expressão do pensamento, as regalias da família, e promovam o engrandecimento da Patria comum em todas as ramificações da atividade humana.